



MEMÓRIAS DE UMA CASA 100 ANOS DE HISTÓRIAS



SEDE
MUSEU
CASA DA
MEMÓRIA
ITALIANA



Ministério da Cultura e Instituto Casa da Memória Italiana apresentam:



Patrocínio



Antonio Fernando Tittoto | Bernardo Biagi | Camila Marchesi de Amorim | Eduardo Marchesi de Amorim |
Weimar Marchesi de Amorim

Apoio

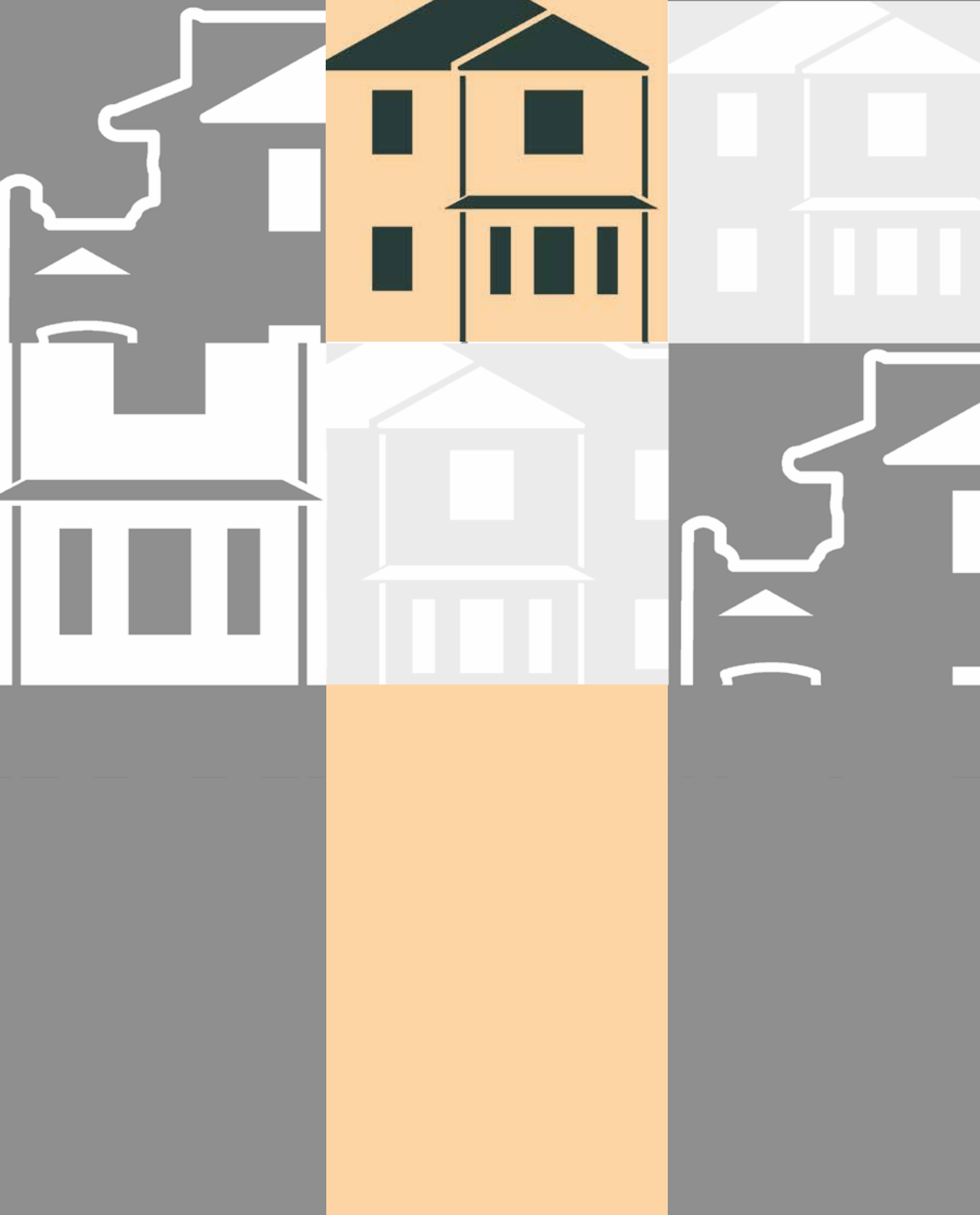


Realização



MINISTÉRIO DA
CULTURA





Instituto Casa da Memória Italiana**Diretoria**

Weimar Marchesi de Amorim - Presidente
Maurílio Biagi Filho - 1º Vice Presidente
Vincenzo Antonio Spedicato - 2º Vice Presidente
Adriana Silva - Diretora Administrativa

Conselheiros

Ângela Biagini de Amorim
Eduardo Marchesi Amorin
Giulia Crippa
Henrique Telles Vichnewski
Nilton Campos
Tânia Cristina Registro

Museu Casa da Memória Italiana**Gestores**

Gabriel Azarias
Mônica Jaqueline de Oliveira

Coordenadores

Maria Augusta Scatena Lopes
Thales Eduardo Sposito

Colaboradores

Bartolomeu de Lima Silva
Edison Braga Soares
Fernanda Dias
José dos Reis Oliveira
José Francisco de Oliveira Silva
Leiza Roméria Silva de Sousa
Marcel Brito Silva

Publicação**Realização**

Instituto Casa da Memória Italiana

Autores

Adriana Silva
Alice Registro Fonseca
Ana Carolina Gleria Lima
Daniela Penha
Fernanda Dias
Gabriel Azarias
Henrique Telles Vichnewski
Mônica Jaqueline de Oliveira
Nilton Campos
Rosa Esteves
Thales Eduardo Sposito

Edição

Instituto Paulista de Cidades e
Identidades Culturais (Ipcic)
,

Coleção

Memórias

Revisão

Eva Célia Barbosa

Design gráfico

Adriana Silva

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Memórias de uma casa : 100 anos de histórias.
-- Ribeirão Preto, SP : Ipccic, 2025.
-- (Coleção memórias ; 5)

Vários autores.
ISBN 978-85-67042-17-6

1. Arquitetura 2. Histórias de vida 3. Imigrantes
italianos 4. Memórias 5. Museus - Coleções I. Série.

25-282205

CDD-069

Índices para catálogo sistemático:

1. Museus : Preservação da memória e cultura :
Museologia 069

Eliane de Freitas Leite - Bibliotecária - CRB 8/8415

Sumário

1. Apresentação
2. Diretoria do Instituto
3. Introdução

PARTE 1 | Desde antes: Uma narrativa com foco nas pessoas do lugar

4. **A casa, a imigração e a transformação urbana**
Thales Eduardo Sposito e Mônica Jaqueline Oliveira
 - 4.1 A caminho da cidade, a poética da transformação
 - 4.2 As casas, os nomes, os laços
 - 4.3 Memórias de Piccina, um elo entre o passado e o presente
 - 4.4 Onde termina uma história, começa outra
5. **Das raízes às lembranças: famílias brasileiras com origem italiana**
Adriana Silva
 - 5.1 A casa que vive
 - 5.2 A transformação em memória viva
 - 5.3 Guardando o futuro
 - 5.4 Da imigração italiana à formação do interior paulista:
Memórias, trabalho e heranças culturais
 - 5.5 Balbo: Uma história plantada no tempo
 - 5.6 As raízes que sustentam os Benedini
 - 5.7 Da olaria ao legado: A trajetória da família Biagi
 - 5.8 Bonini: A luz da Itália que iluminou Sertãozinho
 - 5.9 Um nome que atravessa gerações: A Gallo entre a Itália e o Brasil
 - 5.10 João Marchesi: O imigrante que tocava o futuro com as mãos
 - 5.11 O comando da maior usina de moagem do mundo: A família Ometto
 - 5.12 Castanhas, capeletes e fidelidade: A memória viva da família Pedreschi
 - 5.13 Como uma máquina de biscoito se transformou em um império industrial: A jornada de Udélio Scodro
 - 5.14 A herança do nome: A história dos Titoto
 - 5.15 Da dor à esperança: A família Verri entre Broni e Sertãozinho
6. **Força Italiana: histórias de famílias, trajetórias e legados**
Daniela Penha
 - 6.1 Com sonho e coragem de Bernardino, família Pisani criou sorvete centenário
 - 6.2 Família Del Lama chegou a Ribeirão em 1897 e criou grandes negócios
 - 6.3 Música de Alexandre tem raízes fincadas na Itália com as famílias Mazzer e Perticarrari
 - 6.4 Em Ribeirão Preto, Francesco Cammilleri construiu um pedacinho da Itália
 - 6.5 Fábrica de ladrilhos da família Spanó foi pioneira em Ribeirão Preto
 - 6.6 História da família Gallucci se entrelaça com a do Grande Hotel, no Edifício Diederichsen
 - 6.7 Memórias da família Amêndola contam a história do movimento cultural em Ribeirão
 - 6.8 Ana Lúcia Robazzi Bignelli é a guardiã das memórias de suas famílias italianas

- 6.9 Serralheria Pasqualin funcionou por 80 anos - e deixou legado
- 6.10 História de Antônio Sartore com a Dante Alighieri começou com seu pai Matteo, 80 anos atrás
- 6.11 Dora escreveu livro para guardar história de afeto da família Fascino e seu famoso pão
- 6.12 Arte de Elson Sposito tem raízes nas heranças italianas
- 6.13 Vincenzo Spedicato deixou a Itália aos 21 anos e empreendeu no Brasil
- 6.14 Marcelo Ciciarelli: medicina, música e culinária têm raízes na história italiana

PARTE 2 | A casa e sua arquitetura: Uma referência a ser preservada

7. A casa como objeto de conhecimento Henrique Telles Vichniewski

8. Ribeirão Preto e a arquitetura italiana: as trocas culturais que construíram uma cidade em transformação Ana Carolina Gleria Lima

- 8.1 Os agentes construtores italianos na cidade
- 8.2 O ecletismo e a ornamentação nos projetos da década de 1910
- 8.3 Encontros e trocas entre os agentes construtores
- 8.4 A década de 1920 e o início de 1930: rupturas e permanências na arquitetura italiana
- 8.5 Atuação dos profissionais italianos e a relação com a cidade
- 8.6 Afinal como é a arquitetura italiana em Ribeirão Preto?

PARTE 3 | Do inventário às práticas de todos os dias

9. A residência da Rua Tibiriçá, 776 Nilton Campos e Rosa Esteves

- 9.1 O inventário
- 9.2 Um plano de ocupação
- 9.3 Curadoria do acervo
- 9.4 Exposição "Inventário"

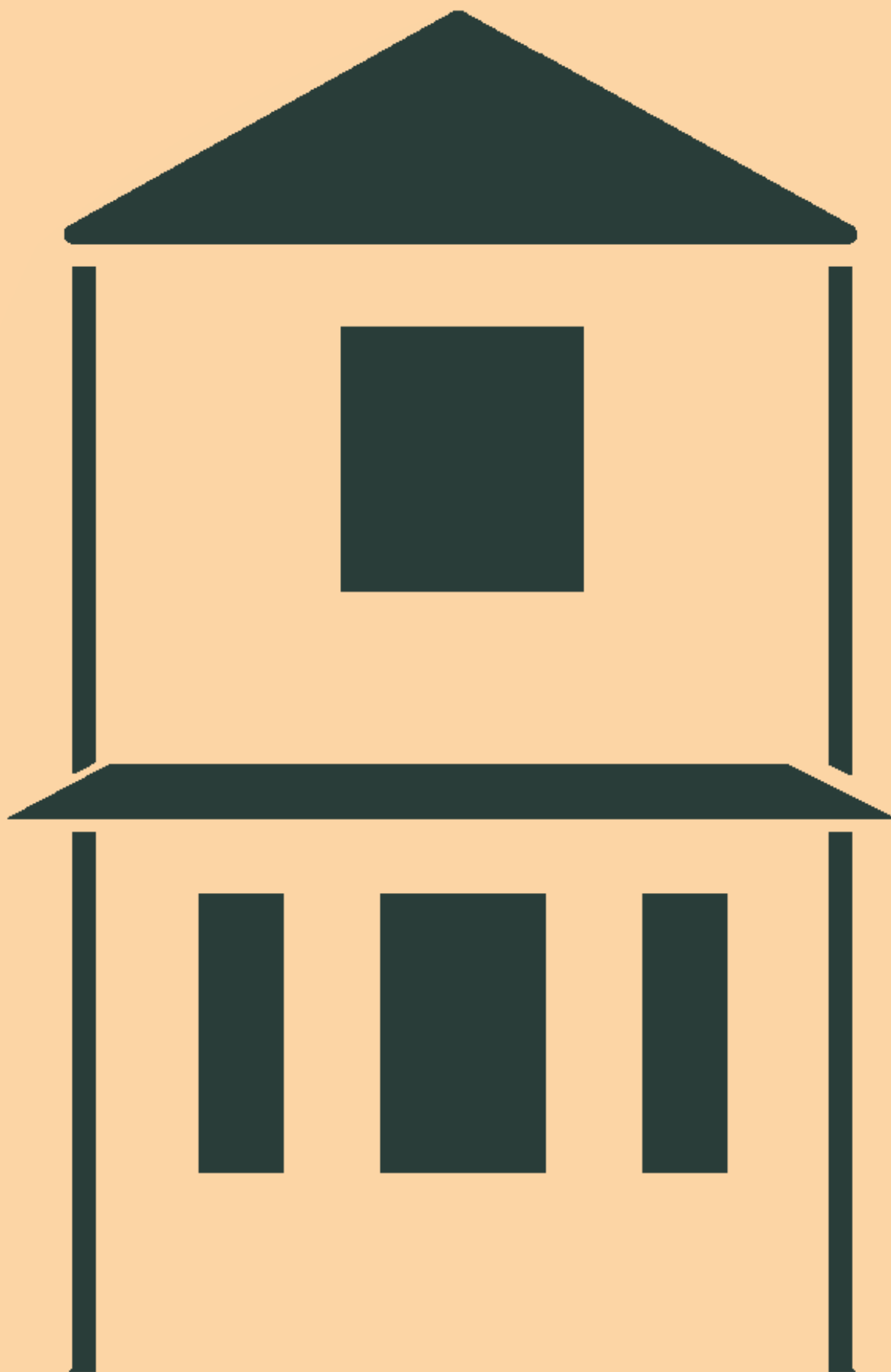
10. Entre objetivos e memórias Fernanda Dias e Thales Eduardo Spósito

11. A casa e o museu-casa Alice Registro Fonseca e Gabriel Azarias

- 11.1 Conhecer, apreciar, dialogar e preservar
- 11.2 Canções e filmes italianos no jardim e quintal
- 11.3 De portas abertas: exposições fora e dentro do museu-casa
- 11.4 Com foco no público infantil
- 11.5 Legado do museu e um avanço para o futuro

Notas

Referências



1. Apresentação

Entre o passado e o presente, existe uma linha tênue na qual habitam as memórias. Não as inexistentes, mas aquelas que, embora reais e potentes, muitas vezes, perdem-se pelos cantos, à espera de quem as escute, as registre, as valorize. Desde 2012, o Instituto Paulista de Cidades e Identidades Culturais (IPCIC) tem assumido essa missão: estudar o modo de vida das pessoas para reconhecer e compreender as identidades culturais que moldam os territórios, as relações, os pertencimentos.

Em mais de uma década de trabalho, o IPCIC construiu um percurso cuidadoso e afetuoso de escuta e preservação. Nesse trajeto, encontrou histórias fragmentadas, heranças invisibilizadas, tempos sobrepostos — e transformou tudo isso em legado. Foram mais de 15 publicações, dentre as quais, quatro foram reunidas sob a coleção Memórias, cada uma dedicada a um aspecto essencial da vida coletiva: os cafezais e a vida nas fazendas, o Theatro Pedro II e seus dias de glória e resistência, a escola Otoniel Mota e sua longevidade pedagógica, as manifestações de fé que sustentam comunidades em sua espiritualidade.

Agora, com alegria e sentido de continuidade, o IPCIC une-se ao Instituto Casa da Memória Italiana para dar forma ao livro Memórias de uma Casa: Cem Anos de Histórias. Uma parceria que mais se parece com um reencontro. Afinal, ambas as instituições alimentam-se da mesma convicção: a de que cultivar a memória é também cultivar a cidade, seus gestos cotidianos, os silêncios antigos e vozes guardadas.

Com este livro, celebra um século de vivências em uma casa que é mais do que construção, é



testemunha de tempos, abrigo de afetos, palco de transformações. Enaltecer suas histórias é permitir o encontro entre o ontem e o agora. É fazer da memória um lugar de permanência. É sorrir, como faz o IPCIC, diante da certeza de que preservar o passado é também lançar raízes no futuro.

Sandra Rita Molina

Presidente do Ipcic



2. Diretoria do Instituto

Uma casa para a memória

A Casa da Memória Italiana é uma preciosidade que temos, em Ribeirão Preto. Quando comecei a buscar uma residência antiga e preservada na cidade, meu desejo era encontrar um espaço que pudesse contar histórias.

Tive a felicidade de, nessa procura, encontrar a futura Casa da Memória Italiana — cuidadosamente preservada por Edilah Biagi —, que, com carinho e dedicação, manteve viva a memória da família de seu marido e, com isso, de parte importante da história da cidade. Com seu filho, Maurílio Biagi Filho, aceitaram meu convite para transformar esse ambiente em algo ainda maior: um museu dedicado à memória das famílias italianas e ao legado que ajudaram a construir em nossa cidade.

O lar nos conta a história de duas famílias — a primeira, de origem portuguesa e, a segunda, italiana — e também de uma Ribeirão Preto que, nos anos 1920, acolheu imigrantes italianos em busca de novas oportunidades. Eles deixaram uma marca duradoura na cultura, economia e vida social da cidade.

Tenho orgulho de fazer parte desse projeto que une história, memória e arte, em um espaço tão preservado. Como artista, acredito na força da cultura como forma de preservar o passado e provocar diálogos com o presente. Por isso é que o Museu Casa da Memória Italiana também se abre para a arte contemporânea, permitindo que diferentes tempos se encontrem dentro de seus espaços.

Uma cidade sem memória é uma cidade sem história. Agradeço profundamente a Edilah Biagi, que conservou esse patrimônio com tanto carinho e o doou para Ribeirão Preto — um gesto de generosidade que inspira e transforma.

Weimar Marchesi de Amorim

Presidente do Instituto Casa da Memória Italiana



A casa que mora em mim

Falar da casa da rua Tibiriçá, 776, no coração de Ribeirão Preto, é como abrir uma caixa de memórias afetivas cuidadosamente guardadas por décadas. É como voltar ao que há de mais sagrado na minha história – na nossa história. Costumo dizer, em tom de brincadeira, que, se a Grécia é o berço da civilização, como tive o prazer de rever em 2025, essa casa é, para mim, o berço da minha civilidade.

Entre aquelas paredes, vivi momentos marcantes de todas as fases da minha vida. Ali se moldaram traços profundos da minha personalidade, valores que carrego até hoje e que ajudaram a nortear minhas trajetórias pessoal e profissional. Aquela casa foi, por muito tempo, o principal ponto de encontro da família – um espaço de convivência, de afeto, de partilha. Natais, réveillons, almoços de Páscoa, aniversários, as inesquecíveis e especiais comemorações do Dia das Mães..., datas que hoje habitam com ternura a nossa memória coletiva e foram celebradas com a presença dos meus nonos, Pedro e Eugênia Biagi, das minhas tias, meus tios, primos, e depois, também, da família que construí com minha esposa, Vera.

A casa integrava-se de tal forma com a cidade que dava a impressão de que Ribeirão Preto passava por dentro dela. A proximidade da Catedral Metropolitana criava uma espécie de sinfonia cotidiana: o relógio da igreja marcava os nossos horários, especialmente o das refeições. Na última badalada, todos estavam à mesa.

Com o passar dos anos, e o falecimento das últimas moradoras – minhas tias queridas –,

nasceu em mim o sentimento de que aquele espaço não poderia simplesmente desaparecer, ou se transformar em mais um imóvel sem história, ou, talvez, até em um estacionamento como muitos se transformaram na cidade. Era preciso preservar. Era preciso dar a ele um novo significado, sem perder o original. E assim começou o trabalho de sensibilização da família para que a casa, que tanto nos abrigou, se tornasse o que é hoje: o Museu Casa da Memória Italiana.

Foram muitos encontros, muitas conversas. Até que, com o apoio decisivo da minha mãe Edilah – em uma visita de domingo à casa, deu o veredito que selou a decisão –, conseguimos concretizar a doação. Minha concunhada Weimar Marchesi Amorim adquiriu a parte de alguns herdeiros, e eu adquirei de outros, com tudo o que havia dentro. Como se diz popularmente, foi um negócio de “porteira fechada”: quadros, móveis, utensílios domésticos, fotografias e objetos que compunham a alma da casa foram mantidos e restaurados com o máximo de respeito e cuidado.

Houve ainda gestos que me emocionam até hoje: Sérgio Bighetti, a quem presto aqui uma homenagem especial por sua dedicação às minhas tias, devolveu o antigo relógio da sala que havia ganhado de presente delas. Outros primos devolveram o piano e a sanfona, que tinham comprado das tias. Foram atos espontâneos, que mostraram o quanto essa casa é, de fato, um bem de todos – da nossa família, da cidade, da memória da imigração italiana em nossa região.

A casa, construída há 100 anos, tem valor não só emocional, mas também arquitetônico e

histórico. Com suas linhas clássicas, materiais originais e uma elegância discreta, que sobreviveu ao tempo, representa uma era de prosperidade e de construção cultural em Ribeirão Preto. Sua localização, no centro histórico da cidade, entre a Catedral e outras edificações importantes, como o Palácio Episcopal, reforça seu papel como símbolo da presença e contribuição da comunidade italiana no desenvolvimento local.

Agora, espero que o museu, que já completou uma década de atividades, siga vivo pelas mãos das futuras gerações. Que continue como um espaço de referência, quando se fala em memória, imigração, cultura e, acima de tudo, afeto. Porque, mais do que tijolos e telhas, essa casa guarda histórias – e histórias devem ser preservadas, contadas e sentidas. Sempre.

Maurílio Biagi Filho

Vice-Presidente do Instituto Casa da
Memória Italiana





Preservar para pertencer: A missão da Casa da Memória Italiana

Há mais de uma década, em Ribeirão Preto, funciona o instituto Casa da Memória Italiana, entidade privada sem fins lucrativos.

Neste breve prefácio, não farei referências calendárias, nem descreverei o conteúdo de objetos e decorações da casa que, sem dúvida, carregam lembranças significativas dos costumes dos primeiros imigrantes italianos que habitaram a região de Ribeirão Preto.

Proponho-me, isto sim, a refletir sobre o significado de termos um museu/monumento que preserva as memórias do nosso passado e de nossas origens. A Região Metropolitana de Ribeirão Preto é composta por cerca de 2,2 milhões de habitantes, dos quais aproximadamente 1,5 milhão possui ascendência italiana.

Pessoas que influenciaram fortemente a cultura, culinária, educação, as tradições, os costumes, etc.

A memória é parte integrante da identidade de uma comunidade. Recordar as lutas, os sofri-

mentos e triunfos do passado, ajuda a definir quem somos e os valores que nos guiam. Ao recordar, honramos aqueles que nos precederam e reforçamos os laços com a nossa história.

Ao contrário, esquecer é perder uma parte essencial de nós mesmos. Recordar, de fato, é a essência fundamental para olhar para o futuro. Sem a lembrança, sem as nossas raízes, não podemos compreender o presente, nem projetar com segurança o nosso amanhã.

O passado oferece-nos um contexto; permite-nos revisitar quem fomos para entendermos quem somos hoje. Como a memória humana é falha, o ser humano necessita de símbolos que o façam lembrar de onde vem, para saber para onde vai — compreendendo a si próprio através do conhecimento de seus antepassados.

Nesse contexto, realizamos a Casa da Memória Italiana, para ser o símbolo vivo e permanente da nossa origem italiana, legado que nos foi conferido por nossos antepassados.

UBI ITALICUS IBI ITALIA

(Onde está um italiano, está a Itália)

Vincenzo Antonio Spedicato

Segundo Vice-presidente do Instituto Casa da Memória Italiana





3. Introdução

Entre as paredes da antiga residência da Rua Tibiriçá, 776, pulsa a memória de um tempo que se recusa a ser passado. Essa não é apenas uma casa centenária: é um organismo vivo, onde o afeto se materializa em madeira, vitrais, objetos e silêncios. O tempo, aqui, não é linha reta — ele se dobra, reverbera, ecoa.

Memórias de uma Casa: Cem anos de Histórias é um livro de travessias. Passa pelos séculos, revisita famílias, narra culturas e reconhece territórios. Seu fio condutor não está apenas nos dados históricos, mas na voz suave da lembrança, na força simbólica do patrimônio e na presença insistente das ausências.

O projeto nasceu do desejo de registrar, mas também de escutar. Ouvir o chão, os nomes, os objetos, os ofícios e, sobretudo, as pessoas. O que aqui se apresenta é resultado de uma complexa rede de saberes — acadêmicos, populares, afetivos, que se cruzam nas experiências do Museu Casa da Memória Italiana, em Ribeirão Preto.

Ao narrar a história de uma casa, narramos também a história de uma cidade. A epopeia da imigração italiana, os caminhos da arquitetura eclética, os vínculos entre famílias, o gesto resistente da preservação. Tudo isso compõe um mosaico em que a casa é, ao mesmo tempo, origem e destino, ponto de partida e porto de chegada, desejando ser sempre permanência.

Cada texto, cada imagem e cada memória, aqui reunidos, revelam um aspecto desse legado coletivo. A pesquisa minuciosa, os relatos de descendentes, o olhar artístico das exposições e o rigor dos cadastros arquitetônicos convivem com o lirismo das palavras e o poder evocativo das lembranças.

Este livro é um convite: entre, percorra, escute. Talvez você descubra, nos detalhes desta casa, algum eco de sua própria história.



Fotógrafo: Theodor Preising. (APHRP, F303). Data: 1920..



PARTE 1

Desde antes:
Uma narrativa com foco
nas pessoas do lugar

4. A casa, a imigração e a transformação urbana

Aqui, antes de ser cidade, era chão de história, de vozes antigas sussurrando nas matas. Era terra dos Caiapós — e pouco sabemos sobre eles. Mas é fato, nossa terra guarda em suas raízes, ainda que profundas, a ancestralidade indígena. Quem sabe, esperamos, que um dia essa narrativa rompa o silêncio guardado no tempo.

Depois vieram passos, pesados de esperança, vindos de Minas, de São Paulo — famílias cruzando trilhas, cerrados, em busca de um lar onde a terra também fosse abrigo. Por aqui, fizeram de caminho. Desde aí, vem a fama de lugar de passagem, pois o objetivo era Goiás, mas, com o tempo, se fez permanência, se fez morada, se fez ser lar¹.

4.1 A caminho da cidade, a poética da transformação

As primeiras famílias a se fixarem nesse caminho vieram, em sua maioria, de Minas Gerais e de outras partes de São Paulo. Estabeleceram-se ocupando a terra, criando gado e cultivando alimentos para a própria sobrevivência; sustento simples.

O ciclo era o da subsistência, mas já havia no ar um presságio de abundância. A terra, fértil como promessa não dita, bebia dos rios Mogi-Guaçu e Pardo, alimentada pelo gigante invisível — o Aquífero Guarani, veia d'água do mundo².

No século XIX, com o avanço da infraestrutura, o crescimento populacional e o acúmulo de capitais, a vocação econômica da região começou a ganhar forma. As riquezas da terra estavam prestes a se revelar com mais intensidade. Mas, antes da resposta, reverberava a pergunta: o que reservava a Terra de Caiapós, onde antes só se via o caminho para Goiás?

E então, na virada do século, um grão escuro chegou, e tudo mudou. Veio do Vale do Paraíba, e em um quintal qualquer encontrou a terra vermelha. Nela teve seu maior deleite, pois era a cama perfeita para aquele grão se acomodar.

E sonharam tanto, que aqui se fez mar de plantação, trazido por mãos que sabiam lidar com lavouras. Chamavam-no café, mas, para Ribeirão Preto, era ouro verde — sinônimo de transformação.

As fazendas alongaram-se no horizonte. Os



Homem abanando café. A abanação é a operação que consiste em atirar o conteúdo da peneira para o alto quando o vento se encarrega de fazer cair as folhas e outros detritos mais leves ao chão e o café então retorna livre de impurezas para a peneira. Fotógrafo: Não identificado. (APHRP F792). Data: c.1940.

cafezais desenhavam mapas do futuro. A cidade crescia junto com os sonhos, alimentada por mãos negras, mãos imigrantes, mãos calosas de esperança.

Chegaram italianos, espanhóis, japoneses, libaneses, vindos de mares distantes, trazendo saberes, línguas, modos de vida. Juntos, teceram a nova alma da terra.

Em 1883, o trem apitou e a Companhia Mogiana estendeu seus trilhos como linha do destino. A Alta Mogiana erguia-se sobre rodas de ferro e Ribeirão Preto era costurada ao mundo. Vieram os coronéis do café e seus palacetes. Sob a influência da Belle Époque, a cidade queria vestir-se de Europa: avenidas largas, casarões altivos, um suspiro de Paris sob o sol do interior³.

A arquitetura sonhava alto. Sem arquitetos locais, vieram os imigrantes, os engenheiros formados além-mar, trazendo o ecletismo das

velhas escolas — formas que misturavam tempos, fachadas que falavam de progresso.

Assim se moldava a cidade: com café no ventre e ferro nos trilhos, com arte nas paredes e suor nas mãos. E, ao redor, tudo pulsava. Não era só lavoura — era gente, era dor, era festa, era promessa — e muito cheiro de café.

Durante esse período de efervescência econômica, os fazendeiros de Ribeirão Preto viviam em residências imponentes e confortáveis, localizadas em fazendas e chácaras nos arredores da cidade. Essas casas, verdadeiros símbolos de poder e prestígio, refletiam o auge da prosperidade trazida pelo café. Mas foi a chegada da ferrovia que estabeleceu, de fato, as bases econômicas e políticas para a expansão urbana, impulsionando o desenvolvimento da cidade e consolidando seu papel como referência regional.



Estação Guatapará na fazenda Guatapará. Grupo de pessoas junto locomotiva com vagões. Vista do prédio da estação. Fotógrafo não identificado. S/d.

Igreja Matriz sem as torres e largo entre as ruas General Osório (na esquerda) e Álvares Cabral (no fundo). Presença de grande número de pessoas em dia de festa religiosa, em louvor a São Benedito. Vista a partir da rua Visconde de Inhaúma. Fotógrafo: João Passig. Data: 1904/1905.



Em 1905, a antiga Igreja Matriz de Ribeirão Preto⁴ — construída no Largo da Matriz, hoje Praça XV de Novembro — já estava em ruínas. Suas torres, destruídas pela ação de cupins, marcavam o fim de um ciclo. A solução foi demoli-la, para dar lugar a uma nova construção, agora erguida na atual Praça das Bandeiras. A nova Matriz, que viria a se tornar Catedral, em 1909, não era apenas um símbolo de fé, mas também de renovação. Entre 1916 e 1922, o templo ganhou ainda mais destaque, com as pinturas do renomado artista Benedito Calixto, especialista em arte sacra, que retratou nas paredes e telas a vida de São Sebastião, padroeiro da diocese⁵.

Nas décadas de 1920 e 1930, Ribeirão Preto mergulhou em um período de grandes transformações. Com investimentos expressivos voltados para o embelezamento urbano, surgiram imponentes edifícios e novos espaços de lazer, que delinearam os contornos do que viria a ser o centro da cidade. Essa área, bem servida de infraestrutura e serviços, florescia em contraste com as regiões periféricas. Enquanto praças eram ajardinadas, avenidas ganhavam iluminação e prédios luxuosos se erguiam, as áreas mais distantes continuavam enfrentando a precariedade: falta de saneamento, transporte insuficiente e escassez de oportunidades. Essa contrariedade⁶ deixava evidente uma cidade partida, na qual o progresso não era para todos.

A modernidade carrega em si essa ambiguidade: ao mesmo tempo em que inaugura avanços e novos modos de vida, também aprofunda desigualdades e exclusões. As grandes reformas urbanas, muitas vezes, beneficiam alguns enquanto empurram outros para as margens — algo que Ribeirão Preto começava a viver intensamente nesse período.

A expansão da cafeicultura pelo chamado "Oeste Paulista" teve papel decisivo no enfraquecimento do sistema escravocrata no Brasil. À medida que o cultivo do café avançava, a escravidão entrava em declínio. Nesse contexto, tanto o Governo Imperial quanto, mais tarde, o regime

republicano, passaram a adotar políticas voltadas para o chamado "embranquecimento" da população. Ao mesmo tempo, buscava-se uma nova organização social, e a solução encontrada foi o incentivo à imigração europeia e à criação dos chamados Núcleos Coloniais⁷.

Esses núcleos não eram pensados apenas como centros produtivos agrícolas, mas também como sementes de futuras cidades. Refletiam uma clara intenção do Estado de reorganizar o território de acordo com seus interesses econômicos, sociais e ideológicos. Em Ribeirão Preto, por exemplo, foi fundado em 1887 o Núcleo Colonial Antônio Prado⁸. Mais do que suprir a crescente demanda por mão de obra no setor cafeeiro, esse núcleo respondia também a um desejo da elite local: o de afastar fisicamente a população mais pobre, os operários e os equipamentos urbanos que consideravam indesejáveis — como fábricas, hospitais, asilos, manicômios e cemitérios. A organização territorial da cidade, portanto, não era apenas fruto do crescimento econômico, mas também resultado de uma estratégia deliberada de segregação social. Aos poucos, a cidade moldava-se em linhas que delimitavam quem podia estar onde, consolidando a exclusão dos grupos menos favorecidos em sua própria estrutura urbana⁹.

Entre as cidades da região, Ribeirão Preto foi, sem dúvida, a que mais cresceu em termos populacionais. Em 1874, contava com apenas 5.552 habitantes. Já, em 1920, esse número saltaria para impressionantes 68.838 moradores — um aumento de aproximadamente 1.200% em menos de meio século¹⁰.

Esse crescimento extraordinário esteve diretamente ligado ao intenso fluxo migratório registrado na Província de São Paulo entre os anos de 1890 e 1902. Ribeirão Preto acompanhou esse movimento de forma notável. Nesse curto intervalo de tempo, a população da cidade aumentou de 12.033 para 52.910 habitantes — um crescimento de 340%¹¹.

Não foi apenas a quantidade de pessoas que chamou atenção, mas sua composição. Mais da metade da população em 1902 — cerca de 27.765¹² pessoas —, era formada por italianos. Esse contingente imigrante, especialmente vindo da Itália, transformou profundamente a cidade. Sua presença foi decisiva para moldar aspectos da cultura local, da economia e das relações sociais.

Em 1912, os italianos ainda constituíam a maior parte da população estrangeira na cidade, representando 25,10% do total de habitantes e 59,77% dos estrangeiros. Embora a proporção de italianos tenha diminuído ao longo das décadas seguintes — entre 1912 e 1950 —, sua presença permaneceu significativa, sempre se destacando entre os demais grupos imigrantes que contribuíram para a formação da identidade ribeirão-pretana¹³.

A cidade crescia como o próprio grão: de dentro para fora, era o café — não só planta, mas projeto de poder, mão que escrevia a política, força que reordenava os mapas da ambição.

O ouro verde não era apenas safra: era estação e palácio, era a base de uma cidade que sonhava alto e expandia seus limites ao ritmo do progresso. Ribeirão Preto se fez polo, não por acaso, mas por insistência.

O trem trazia o grão e levava riqueza, mas também trazia gente — imigrantes que vinham com as mãos vazias, mas cheias de saberes. Italianos que falavam com as mãos, e com elas erguiam casas, plantavam uvas no quintal, rezavam em dialetos e misturavam suas festas às nossas. Com eles veio a diversidade: um mosaico de vozes, costumes que se cruzavam nos mercados, nos ofícios, nas escolas. E a cidade, como quem aprende a dançar novos passos, foi se transformando. As casas mudaram de forma. As ruas, de nome. A paisagem, de cor. A arquitetura passou a contar novas histórias: de união e contraste, de progresso e saudade, de quem chegou e de quem ficou. A memória, esse fio invisível, se fez alicerce para o presente.

4.2 As casas, os nomes, os laços

Mas o tempo também se guarda em paredes. E algumas casas não são apenas moradias, são testemunhas — de vidas, de lutas, de sonhos que cruzaram oceanos. Na Rua Tibiriçá, em pleno coração de Ribeirão Preto, uma casa permanece de pé, como quem recusa o esquecimento. Nela vivem ecos de duas histórias que ajudaram a moldar a cidade.

A primeira é dos Meirelles, portugueses de origem, brasileiros por escolha, pioneiros na terra, gigantes na lavoura do café. Suas mãos moveram o ciclo econômico que transformou o interior paulista, plantando mais que grãos — plantando um legado.

Foto: Dona Joaquina. Acervo da família, s/d.



A segunda, dos Biagi, imigrantes italianos que chegaram com a coragem de recomeçar. Do café ao setor sucroenergético, eles traduziram trabalho em progresso, raízes em oportunidades, fazendo da cana-de-açúcar uma nova rota de prosperidade.

Duas famílias, dois mundos, unidos por essa casa, na qual o tempo repousa, e onde a cidade se vê refletida. A casa é um suspiro da cidade, um abrigo das lembranças, um lugar em que o passado e o presente apertam as mãos — e se reconhecem.

A linhagem dos Meirelles remonta à família Chacins, originária de Trás-os-Montes, na comarca da Torre de Moncorvo, em Portugal. Porém, a história de Joaquina Evarista Meirelles, primeira proprietária da casa, tem início na Ilha de Faial, no arquipélago dos Açores. Sua bisavó, Antônia da Graça, foi a primeira da família a chegar ao Brasil, em 1722. Seu bisavô, João de Souza Meirelles, estabeleceu-se em terras brasileiras, iniciando a vida familiar no país. Joaquina nasceu em 1873, na Fazenda Campo Grande, em Baependi, Minas Gerais, sendo a décima primeira filha de Joaquim Victor de Souza Meirelles e Blandina Laura de Souza Meirelles¹⁴.

Por volta de 1887, a família mudou-se para Santa Rita do Passa Quatro, em São Paulo, onde Joaquina cresceu. Anos depois, casou-se com Francisco Machado de Souza. Vinda de uma família abastada, ela recebeu de dote uma gleba de terra na Villa Bonfim – hoje Bonfim Paulista, distrito de Ribeirão Preto –, e que era originária da Fazenda Santa Rita. Foi ali que ela e Francisco construíram suas primeiras casas e começaram a se destacar como cafeicultores.

Joaquina não era apenas mais uma mulher, na época; ela foi uma das poucas a se destacar no setor da cafeicultura. Conquistou seu espaço, ao lado de outras figuras notáveis, como Iria Alves

Ferreira, a famosa "Rainha do Café"¹⁵, e Francisca Silveira do Val. Após a morte precoce de seu marido, em 1907, Joaquina não hesitou em assumir os negócios da família. Com o apoio do seu filho mais velho, Joaquim Machado de Souza, seguiu à frente da administração da propriedade, mantendo a trajetória de sucesso da família.

A influência de Joaquina e sua família na história de Ribeirão Preto reflete-se também na construção de sua imponente residência na cidade. Atendendo ao seu desejo, o arquiteto e construtor Arnaldo Maia Lello projetou, em 1923, uma elegante casa na Rua Tibiriçá. A construção foi finalizada entre 1925 e 1926, tornando-se um símbolo não apenas da ascensão da família Meirelles, mas também do requinte arquitetônico que marcava a elite cafeeira da época. Esse imóvel, que resiste ao tempo, carrega em suas paredes as memórias de um período de grandes transformações urbana e econômica.

Joaquina faleceu em 1941 e sepultada no cemitério do distrito ribeirão-pretano. Naquele mesmo ano, sua casa recebeu novos moradores e abriu-se para outras histórias.

O casal de imigrantes italianos Pedro Biagi¹⁶ e Eugenia Viel Biagi adquiriu a residência, onde criou seus filhos. O imóvel permaneceu como lar da família até 2012, quando faleceu a última filha solteira do casal, encerrando um ciclo, mas garantindo que a memória daquele espaço permanecesse viva.

Pedro Biagi nasceu em 31 de maio de 1881, no pequeno vilarejo de Campagnola, na região do Vêneto, na Itália. Em 1888, aos 6 anos, desembarcou no Brasil com seus pais, Natale e Elisabetta Biagi. A família chegou pelo porto de Santos e seguiu para Itatiba, onde Natale passou a trabalhar na fabricação de tijolos. Em busca de melhores oportunidades, em 1890, mudaram-se para a região de Ribeirão Preto, estabelecendo-se em

Foto: Família Meireles. Acervo da família, s/d.



Sertãozinho. Ali, em 1899, Pedro e seu pai adquiriram suas primeiras terras, marcando o início de uma trajetória de trabalho árduo e conquistas que consolidaria a presença da família na economia local.

Pedro, em busca de novos horizontes, casou-se, em 1904, com Eugenia, uma jovem italiana nascida na província de Udine, no norte da Itália. Eugenia chegou ao Brasil com sua família, em 1896, aos 12 anos, trazendo consigo as tradições e os costumes de sua terra natal. Como era comum entre os italianos, após o casamento, Pedro permaneceu morando com seus pais até que, em 1909, conseguiu adquirir sua primeira propriedade: um sítio na Vila de Pontal. Com espírito empreendedor e olhar atento às oportunidades, ele não

se limitou ao cultivo da terra, expandindo seus negócios para a comercialização de tijolos, produtos agrícolas e a produção de aguardente, atividade que se tornaria essencial em sua trajetória.

No ano de 1924, com vistas a obter melhores condições de educação para seus filhos, Pedro mudou-se definitivamente para Ribeirão Preto, onde matriculou seus 12 herdeiros no tradicional Colégio Santa Úrsula, construído com tijolos de sua olaria. Anos depois, em 1941, comprou a imponente casa na Rua Tibiriçá, que se tornaria o lar definitivo da família. Ali, ele e Eugenia viveram até o fim de suas vidas, cercados por filhos e netos. Pedro faleceu em 1973 e Eugenia em 1974, e ambos foram velados na residência que os acolheu por tantos anos.

Foto: Família Biagi. Acervo da família, s/d.





1. Senhor Pedro e dona Eugênia;
2. Osônia e Angela;
3. Irmãs. Da esquerda para a direita - Tia Ozônia,
Tia Isaura, Tia Olga, Tia Iris, Tia Angêla, Mãe Ida.
Acervo: Museu Casa da Memória Italiana.
Descrição da foto por Piccina



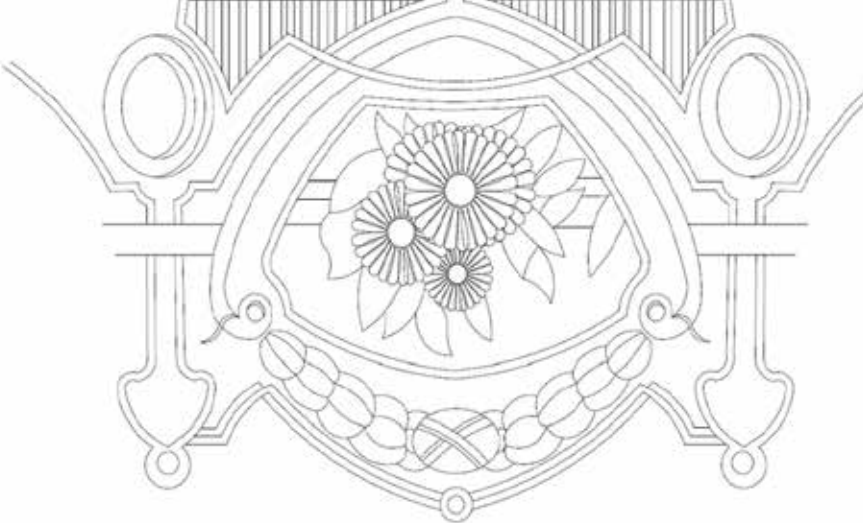


Foto: Maria Augusta Scatena Lopes, 2016.



4.3 Memórias de Piccina, um elo entre o passado e o presente

Como conta Maria Augusta Scatena Lopes¹⁷ – mais conhecida como Piccina –, neta de Pedro e Eugenia, os vizinhos da casa da rua Tibiriça, 776, também foram mudando, com o passar dos anos. Nessa quadra, onde estava edificada — indo da Rua Florêncio de Abreu até a esquina com a Rua Lafaiete —, entre os anos de 1950 e 1960, existia uma pensão, uma loja que vendia e afinava pianos, uma oficina mecânica, um bar e um prestador de serviços que amolava facas e alicates. Onde hoje é o estacionamento, já foi uma casa também. No número 806, está a última casa da quadra que ainda serve como moradia!

Piccina revela que o portão de entrada da casa era o de automóveis, e já dava acesso direto ao setor principal. O hall tinha pé-direito alto, o que deixava a casa bem fresquinha, e o ladrilho hidráulico ajudava a dar uma sensação acolhedora logo na entrada, assim como a bela escada de madeira ipê. Nesse hall, Pedro costumava passar

parte do dia sentado em sua poltrona, ouvindo rádio, informando-se das notícias e curtindo suas músicas caipiras do programa chamado “Luar do Sertão”. Quando não estava em casa, era também frequentador do antigo Cine São Paulo, localizado no Prédio Diederichsen —construído entre 1934 e 1936, como o primeiro edifício vertical da cidade e um dos primeiros do interior de São Paulo. Esse prédio foi um dos marcos da mudança paisagística da cidade, depois da crise do café.

Além disso, o hall, como espaço receptivo da casa, ficava com as portas abertas, com toda a família e os amigos sentados desde o abrigo de carros, nos degraus, e também na sala de música — pois esses cômodos se integravam naturalmente. As grandes reuniões de família aconteciam principalmente no Dia das Mães, depois da missa das 9 horas na Catedral. Era só atravessar a rua e todos já estavam reunidos.

A sala de música era o primeiro cômodo social onde se viam pinturas feitas à mão nas paredes, que davam um aspecto de matelassê (como se fossem acolchoadas). Toda essa estética delicada combinava com as sessões de acordeão e piano que Ângela Biagi, ou algum outro familiar, costumava oferecer. O espaço também servia como sala de estudos musicais. Em 2008, segundo as memórias de Piccina, sua tia Osonia, já em idade avançada, transferiu seu quarto, do andar de cima, para a sala de música, no térreo, onde permaneceu até seu falecimento.

Mais alguns passos, e o próximo cômodo da casa se revela. Conhecido como sala de visitas, era popularmente chamado, pelos netos de Pedro e Eugênia, entre eles, Piccina, de "Sala Dourada". O nome fazia alusão ao ar misterioso do espaço, já que era uma sala pouco utilizada no cotidiano e

reservada para ocasiões mais restritas, devido até mesmo ao seu tamanho. Mas não se pode deixar de lado a beleza que a Sala Dourada carrega: com móveis da década de 1920, em estilo Luís XIV, paredes pintadas à mão e ornamentos em estuque. O ambiente exalava elegância.

Nesse espaço é que aconteceram momentos marcantes para a família — desde casamentos até os velórios do patriarca, em 1973, e da matriarca, em 1974.

Ao lado da Sala Dourada, havia o que se chamava de sala de jantar — outro espaço importante nas dinâmicas familiares. De dimensões generosas e com vitrais exuberantes da fauna nacional, esse cômodo abrigava uma mesa robusta, sempre coberta por toalhas bordadas e adornada por centros de mesa com flores naturais. Era um espaço de convivência solene, onde o convívio

Fotos: Otávio Leite, s/d.









SAÍDA



intergeracional se manifestava de forma intensa. Sentar-se à mesa com os avós era mais do que partilhar o alimento: era uma aula de escuta, respeito e memórias.

Seguindo até o outro lado da casa, chega-se à cozinha, que abrigava um grande fogão a lenha e, posteriormente, um fogão elétrico, evidenciando a transição tecnológica que muitas famílias experimentaram ao longo do século XX. O aroma de massas frescas, molhos encorpados e doces preparados com frutas da estação atravessava os cômodos, e tornava impossível dissociar o espaço das memórias olfativa e afetiva de quem o frequentou.

O mais interessante nos resgates de memória é observar a delicadeza das rotinas no cotidiano, aquelas que conferem um sentido profundo à experiência humana. São práticas comuns e, por vezes, silenciosas, mas repletas de significado. Entre elas, estavam os horários sagrados em que Pedro permanecia na varanda até o momento das refeições, ou o modo como cada membro da casa ocupava seu lugar ao redor da mesa. Também se destacam as brincadeiras dos netos, que transformavam o corrimão da escada da varanda em escorregador, ou se escondiam no estreito corredor entre a varanda e o muro, acreditando que escapavam ao olhar atento do nonno e da nonna, que os observavam discretamente do alto da varanda.

Outro espaço significativo era o escritório da casa. Ali, Osonia, uma das filhas de Pedro e Eugênia, costumava escrever suas crônicas para o jornal *O Diário de Notícias* — veículo vinculado à Catedral da cidade e ativo em meados do século XX. Após o falecimento dos pais, o escritório também passou a ser utilizado pelas irmãs para a administração das finanças da família, além de servir como espaço de estudos para os netos que por ali passavam.

Piccina retrata que seus avós, Pedro e Eugênia, tiveram uma vida frutífera, feliz e harmoniosa, cuidados pelas filhas que, solteiras, permane-

ram na casa da Rua Tibiriçá até o fim de suas vidas. Ao longo dos anos, o lar tornou-se testemunha de inúmeras histórias, guardando em cada canto as memórias daqueles que por ali passaram.

Entre essas memórias, destacam-se as das três filhas — Elisa, Osonia e Ângela —, que deixaram marcas de afeto, tradição e dedicação. Cada uma, à sua maneira, contribuiu para enriquecer não apenas a história da família, mas também a da própria cidade.

Elisa Biagi nasceu em 27 de novembro de 1906, em Sertãozinho, sendo a segunda filha dentre 12 irmãos. Demonstrava grande habilidade manual e era exímia cozinheira, conhecida por suas roscas e crustoli — uma massa doce frita, coberta com açúcar e canela. Suas mãos habilidosas, porém, não se limitavam à cozinha: cultivava rosas nos canteiros em frente à casa e, com elas, decorava diariamente a Capela do Santíssimo, na Catedral Metropolitana. Sua principal arte, no entanto, estava nos delicados trabalhos em crochê, com os quais produzia toalhas de bandeja, toalhas de pão e aventais para ocasiões especiais. As peças, feitas com linha fina e aspecto rendado, embelezavam as mesas e cabeceiras da casa. Mulher doce, reservada e religiosa, Elisa desquitou-se e, posteriormente, viúva, não teve filhos. Após a separação, retornou à casa dos pais, onde viveu com as irmãs Osonia e Ângela até seu falecimento, em dezembro de 1975, aos 69 anos — um ano após a morte dos pais.

Osonia Biagi, nascida em 13 de setembro de 1911, também em Sertãozinho, era a quinta filha da família. Mulher forte e extremamente justa, possuía inteligência aguçada e dedicou sua vida às letras e às obras de caridade. Com reconhecida aptidão para a escrita, produzia textos sobre diversos temas, poesias e pensamentos, publicando-os semanalmente em um periódico da cidade, de orientação católica. Religiosa e comprometida com o bem-estar dos menos favorecidos, atuava em favor das vocações sacerdotais e colaborava com instituições de caridade. Assim como Elisa,

era uma doceira talentosa, e participou de cursos e concursos nos quais suas receitas foram premiadas. Perfeccionista, tudo o que fazia era elaborado com minúcia, refletindo sua personalidade detalhista. Permaneceu na casa até sua morte, em 13 de setembro de 2010.

Ângela Biagi nasceu em 23 de março de 1916, em Pontal, como a oitava filha da família. Diferente das irmãs mais reservadas, destacava-se por sua extroversão e entusiasmo. Apreciava festas, música e tocava acordeon, e era considerada o coração da família. Responsável por manter os laços familiares, era madrinha de batismo em

praticamente todas as casas dos irmãos e das irmãs. Dotada de memória invejável e simpatia contagiante, conquistava todos ao seu redor. Desde a infância, convivia com as sequelas da paralisia infantil, mas jamais permitiu que isso limitasse sua vida. Viajou com frequência, sempre cercada de amigos, e exerceu significativa influência no âmbito familiar. Costurava sapatinhos de lã para os sobrinhos recém-nascidos e para crianças carentes, mantendo-se sempre voltada para o auxílio ao próximo. Faleceu em 2012, e foi a última moradora da casa antes de sua completa transformação.

4.4. Onde termina uma história, começa outra

Com a partida de Ângela, encerrou-se um ciclo. Os corredores antes repletos de passos, e as janelas que testemunhavam os dias, silenciaram por um instante. Parecia o fim. Mas a casa, teimosa como as boas memórias, não aceitou o esquecimento. Não virou ruína, nem foi varrida pela pressa do concreto. Foi preservada — não como um monumento imóvel, mas um bem coletivo, um espaço de todos. A casa, que foi de dona Joaquina, depois da família Biagi, passou a ser Museu, guardiã da Memória Italiana. A casa virou

Ribeirão. Virou cidade. Virou história compartilhada. O que parecia ponto final, tornou-se reticências. Porque a memória não se encerra: mas ecoa, cresce, se reinventa.

E agora, cem anos depois, essa casa-museu convida você a entrar, a ouvir o que ainda pulsa nas paredes, a se perder nos detalhes da arquitetura, a reencontrar rostos, gestos, vozes — e, quem sabe, a descobrir um pouco de si mesmo nesse lugar.

Aproxime-se

Fique. Os próximos capítulos já começaram.

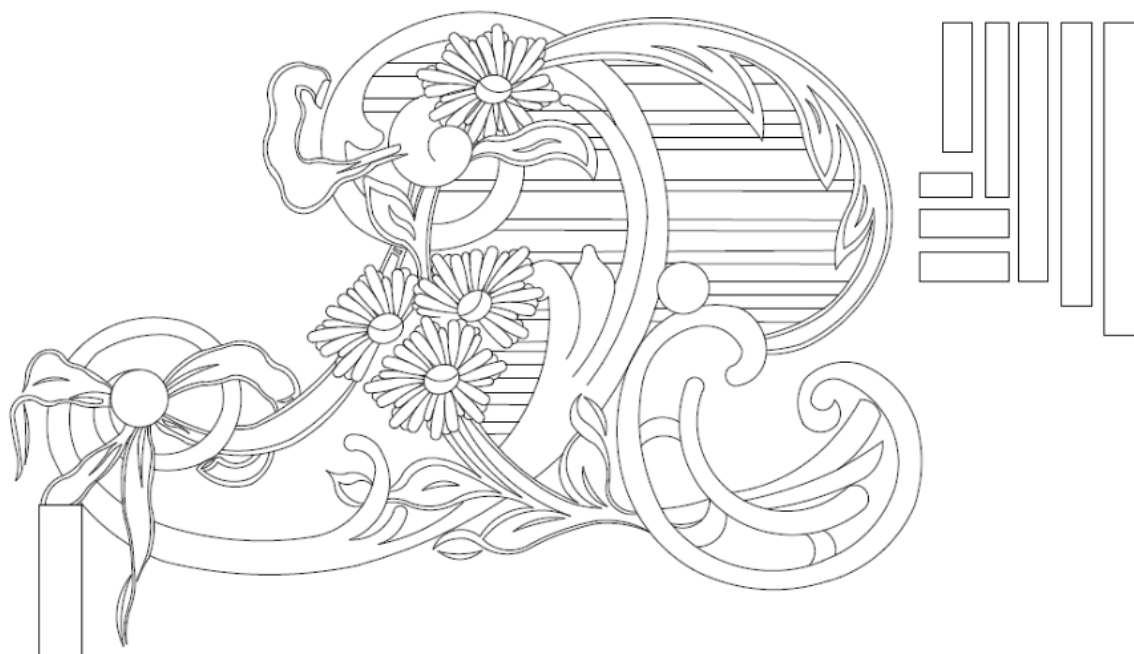






Foto: Embarque de italianos para o Brasil, 1910. Local: Itália. Acervo Museu da Imigração.

5. Das raízes às lembranças: famílias brasileiras de origem italiana

Quando a casa se fez museu, tornou-se urgente contar a todos. Logo ali, nos primeiros passos dessa transformação, nasceu um gesto inaugural: registrar em vídeo a memória oral, para que a história ecoasse além das paredes. Foram 11 produções em 2016 — uma dedicada à própria casa, e as demais às trajetórias de dez famílias descendentes de italianos. Anos depois, em 2023, mais uma história somou-se a esse conjunto de afeto e pertencimento. Esses testemunhos seguem vivos nas redes virtuais e, agora, ganham nova forma: impressos em livro, eternizam o que antes era voz, imagem e lembrança.

5.1 A casa que vive¹⁸

Na casa, as paredes, janelas, escadas e jardins não apenas cercam: contam, lembram, guardam. Cada canto carrega uma presença, uma lembrança encarnada. Na materialidade dos objetos, a intensidade dos afetos. A memória, quando encontra abrigo em paredes vivas, ganha corpo. E é essa memória que nos orienta: nos diz quem somos, de onde viemos — e, talvez, para onde vamos.

Essa casa, em especial, narra sua história pelo que abriga e também pelas relações que estabelece com o entorno. Há vida nas janelas que se abrem para a rua, nos portões que acolhem visitas, nos jardins onde crianças correram e colecionaram caramujos. Dentro e fora, há um diálogo constante entre o íntimo e o mundo, entre o que foi e o que permanece.

Maria Cecília Machado de Souza Proença lembra-se da avó dona Joaquina Meireles; da mão

do pai guiando-a pela cidade; da casa como ponto de chegada e afeto. Os nomes entrelaçam-se em gerações: primeiro, os Meireles; depois, os Biagi. Filhos, netos e bisnetos que habitaram não só os cômodos, mas a alma da casa. Uma casa grande, cheia de festas, música e rituais. Uma casa na qual se celebrava o Corpus Christi com casamento, e o aniversário do nono se tornava espetáculo com paródias e sanfonas.

A emoção desses antigos moradores, ao revisitarem o lugar onde foram felizes, explode em lágrimas. A infância vive escondida entre os vitrais e a mobília dos anos 1920. Olhando para as fotos, a neta reconhece os avôs e o tio Quincas, que assumiu cedo o papel de homem da casa. O mais novo, Silvio, ainda com 12 anos, carregava o peso da perda e o brilho da memória.

A imagem de Dona Joaquina sobrevive no



Acesse para assistir ao vídeo sobre a história da casa.



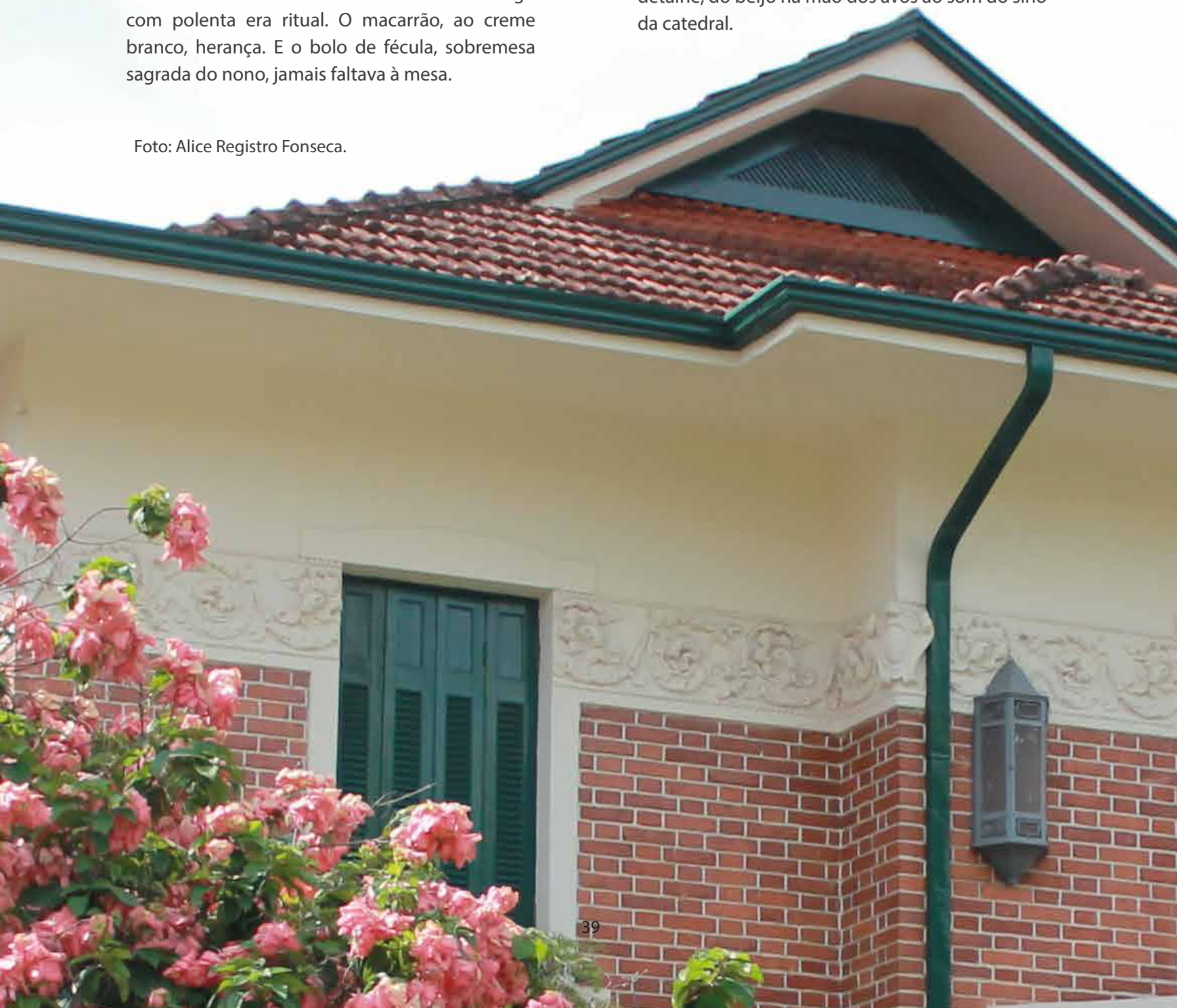
imaginário familiar como a de uma mulher forte, que enfrentou a viuvez com coragem e fez da casa não apenas moradia, mas lugar de reunião, acolhimento, tradição. Era ali que se dançava, que se comemorava, que se vivia. E quando a memória vacila, o corpo lembra: um choro ao atravessar a sala dourada, um silêncio rompido pelo afeto que sobreviveu ao tempo.

Décadas depois, quando os Biagi chegaram, vieram em muitos: 12 filhos, dezenas de netos. Uma família grande, barulhenta, vibrante. O casal trouxe da Itália os sabores e costumes. O frango com polenta era ritual. O macarrão, ao creme branco, herança. E o bolo de fécula, sobremesa sagrada do nono, jamais faltava à mesa.

Na casa, tudo acontecia. Casamentos, rezas, festas. Um tenor cantava nos aniversários. As escadarias serviam de altar e palco. As reuniões de Natal e fim de ano eram encontros cheios, de gente e alegria. Cada nascimento, cada riso, cada paródia cantada em roda, deixava marcas invisíveis, mas eternas.

Mesmo quando a guerra chegou e os tempos mudaram, a casa resistiu. Tornou-se ainda mais símbolo, ainda mais elo com o que se queria preservar. A memória fez-se presente em cada detalhe, do beijo na mão dos avós ao som do sino da catedral.

Foto: Alice Registro Fonseca.



5.2 A transformação em memória viva

É porque ninguém mais mora na casa desde 2012 que ela se abriu por inteiro. O que era íntimo, tornou-se aberto ao público. Como que respirando aliviada pela chance de permanecer casa mesmo depois da despedida, ela se ofereceu para a cidade, pronta para ser redescoberta, interpretada, acolhida.

A doação feita por Dona Edilah de Faria Lacerda Biagi, com o apoio da família, e a aquisição e posterior entrega da outra parte por Weimar Marchesi Amorim, selaram o destino da antiga residência. A casa virou um museu vivo, um lugar de memória, um espaço em que a arquitetura, os objetos e os afetos contam, juntos, a história de uma gente.

Quem entra pela primeira vez sente o espanto de uma viagem no tempo. Os vitrais ainda filtram a luz com suavidade. A mobília, quase intacta, conta da elegância da década de 1920, de seus modos e valores. Há quadros escondidos descobertos recentemente — pinturas de antigas fazendas, paisagens, relíquias sentimentais — que reforçam o elo entre casa e história.

Fotos: Otávio Leite, 2024.



A arquitetura é um capítulo à parte. Construída em uma época de transição, mescla influências do século XIX e início do XX. Seus detalhes, das colunas ao tijolo aparente, das sacadas aos jardins, revelam um modelo que dialoga com os bangalôs norte-americanos, mas com alma local. Cada espaço tem um porquê, cada ambiente cumpre uma função simbólica. A sala de visitas, por exemplo, com seus dourados e leveza, era palco de receber — e, por isso, ornada com beleza suave, decorativa, quase sussurrante.

Os vitrais não estão ali por acaso. Em um, animais e frutas abençoam o ambiente da cozinha. Em outro, paisagens e barcos conduzem ao quarto, lugar de repouso e sonho. Cada imagem reforça um modo de viver e uma aspiração de beleza. Como se a casa dissesse: aqui, tudo tem sentido.

A proximidade com a Catedral de São Sebastião não é mero acaso urbano. É também parte da narrativa da casa. Nos tempos em que os sinos ditavam o ritmo das horas, viver de frente para a igreja era quase como estar em permanente oração. As rezas noturnas, a fé cotidiana, as janelas que se abriam para ouvir o badalar — tudo isso compõe o mundo religioso que viveu ali e segue reverberando.

Mas havia também o mundo econômico, do trabalho, do esforço recompensado, das posses conquistadas. A casa é símbolo de ascensão, de conquista de uma nova vida para os que vieram de longe. E, por isso mesmo, é importante preservar — porque cada objeto, cada parede, cada fotografia, fala da jornada de suas famílias, mas também da história de um povo.

Transformada em espaço de visitação, a Casa da Memória Italiana hoje dialoga com o futuro. Torna-se instrumento educativo, ponte geracional, abrigo de múltiplos mundos. Um lugar onde o passado não apenas é lembrado — é vivido.



Foto: Alice Registro Fonseca.

5.3 Guardando o futuro

Preservar uma casa é, no fundo, preservar as camadas do tempo. Cada voz que ecoou em seus corredores, cada passo dado sobre o piso antigo, cada história contada ao redor da mesa — tudo permanece. Não como estática lembrança, mas como chama acesa que aquece o presente.

A Casa da Memória Italiana é, hoje, lugar de encontro. É onde muitas pessoas se reconstroem, a cidade reencontra uma parte de suas origens. Um museu, sim. Mas também um lar de ideias, um templo da cultura, um abraço dado por quem veio antes daqueles que continuam a vir.

Cada visita, cada exposição, cada relato compartilhado, ampliam seu alcance. E a proposta é justamente essa: que a casa viva de novo por meio das lembranças de muitos. Que seja repositório de memórias italianas, mas também plataforma de conexão com outras histórias, outras raízes, outras vozes.

Porque uma casa só permanece viva quando serve de morada ao afeto. E esta casa — a Casa da Memória Italiana — segue aberta, luminosa, esperando quem queira ouvi-la.

As luzes estão acesas. A casa está viva.



5.4 Da imigração italiana à formação do interior paulista: memórias, trabalho e heranças culturais

A epopeia da imigração italiana no Brasil é tecida, ao mesmo tempo, de silêncios e muito barulho, gestos e legados, que atravessam o tempo com todas as suas contrariedades sociais. Quando os primeiros navios trouxeram famílias inteiras do Vêneto, da Lombardia, da Calábria e de tantas outras regiões da Itália, não se tratava apenas de geografia: eram destinos que se redeshavavam sob o sol do interior paulista. Ali, entre canaviais, olarias, trilhos de trem, e casas de pau-a-pique, os italianos plantaram raízes fundas, muitas vezes mais duradouras do que as da cana ou do café.

Ao chegarem, encontraram um país em transformação, recém-saído da escravidão e ávido por braços que pudessem mover a terra e erguer o futuro. Não há uma única história da imigração. Há muitas, entrelaçadas, cruzadas por perdas, amores, reinvenções. Entre as famílias registradas nesta obra, o fio condutor é a obstinação. E, talvez, mais importante, a capacidade de criar redes: de apoio, trabalho, memória.

O interior paulista de hoje, suas indústrias, seus canaviais, suas ruas com nomes italianos, é herança concreta dessas travessias. Mas também o ethos do esforço, da economia, da humildade que não recusa o sonho.

Trata-se, também, de um legado que mora na língua expressa. As palavras mostram os limites do mundo. Mas também costuram memórias. Neste texto, nos servem de abrigo. Foram os gestos dos imigrantes que ergueram casas, usinas e sonhos. Mas são suas palavras ditas que mantêm vivas as presenças.

Afinal, a travessia da imigração não foi só uma passagem do mar. Foi, sobretudo, uma travessia de destino. E os italianos, com seus gestos cotidianos, fincaram no Brasil, além de nomes, sentido.

Foto: APHRP. Automóveis estacionados numa estrada ladeada por cerca de arame farpado e lavoura. Fotografia Lami, data: 1915.



5.5 Balbo: Uma história plantada no tempo

Foto: Acervo família Balbo.



Não foi Atílio, nem Crescência, quem iniciou a história dos Balbo. Mas foi com eles que tudo mudou. Antes, havia Alexandre e Maria Fazolo Balbo, vindos do pequeno vilarejo de Longari, nos arredores de Vicenza, no Vêneto italiano. Da terra distante, cruzaram o oceano para fincar raízes no interior paulista, primeiro em Cravinhos, na Fazenda das Flores, depois nos arredores de Sertãozinho. E ali floresceu um novo capítulo, entre canaviais, alambiques e caldeiras.

Entrevistados: *Clésio Balbo;*
Marlei Iramir Silva Balbo;
Darci Balbo Jarruche;
Hermenegilda Balbo Oranges;
Elizabete Balbo Cansian Mestriner.

Atílio nasceu em 1894, ainda nos tempos da Fazenda das Flores. Aos 17 anos, tornou-se arrimo da família, após a morte do pai. Herdou, não só a responsabilidade, mas também o papel de guia. Dele e de Crescência, vieram 12 filhos, oito homens e quatro mulheres, cada um com um papel a desempenhar, como peças ajustadas de um mesmo engenho.

Rígido, enérgico, mas justo, assim relembram os netos. Seu semblante firme escondia um afeto disfarçado de disciplina. Criar e educar 12 filhos, mais genros e noras, exigia firmeza. “Se eu não fosse duro, como manteria todos unidos?”, dizia ele. E manteve. Reuniu os filhos na empresa

Foto: Acervo família Balbo.



Os 12 filhos de Atílio e Crescência

familiar, posicionou-os como pilares de um projeto maior: transformar uma usina falida em símbolo de progresso e união.

Crescência, por sua vez, era a alma do lar. Agregadora, forte como aço doce. Seu poder vinha do gesto silencioso, do acolhimento persistente. Ela segurava os filhos como argamassa que une tijolos. A casa, sob sua regência, era território de encontro, comunhão, de festas e ritos, que atravessaram décadas.

A metáfora do "cachorro de trenó", usada por amigos da família, ilustra bem os Balbo: podiam se morder entre si, mas puxavam sempre na mesma direção. A força estava na união, mesmo quando o sangue esquentava, mesmo quando as diferenças pareciam intransponíveis.

No Engenho Central de Sertãozinho, Atílio começou a trabalhar ainda menino, como foguista. Décadas depois, seria o gerente-geral da usina. Sob sua liderança, a produção saltou de 30 mil para 110 mil sacas de açúcar por ano. Cada filho foi inserido numa função específica: torneiro; caldeireiro; mecânico; administrador, como se o trabalho fosse também uma lição de pertencimento e legado.

Quando a família de Francisco Schmidt, imigrante alemão, reassumiu a usina e negou reconhecimento ao esforço de Atílio, ele não hesitou. Tomou a difícil decisão de partir e fundar um novo empreendimento: a usina Santo Antônio. Era pouco o dinheiro, mas muita a coragem. Amizades e confiança serviram de alicerce. E o que nasceu com esforço, cresceu com zelo.

As festas, os natais, as missas e procissões, tornaram-se marcos da convivência familiar. O cinema improvisado, a guerra de bolos, a alegria de uma quermesse. Cada tradição, uma memória viva, um traço italiano persistente, que superou os anos e moldou os gestos.

A cultura italiana estava nas entrelinhas: na mesa farta, no futebol levado a sério, na disputa saudável entre irmãos, no cuidado quase obsessivo com a limpeza e a ordem. "Na usina, não podia ter nem uma cana fora do lugar", diziam. A

indústria parecia uma casa, e a casa era um prolongamento do cuidado com o trabalho.

Ainda com lucidez e coragem, Atílio, aos 75 anos, decidiu doar tudo em vida. Um gesto raro, de grandeza. Previu os conflitos naturais que viriam após sua partida e entregou aos filhos o fruto do esforço. O patrimônio, mais do que material, era simbólico: união, responsabilidade, visão coletiva.

Muita coisa mudou, desde aquele momento da chegada no Brasil. O mundo mudou e as pessoas o seguiram, às vezes de maneira voluntária, quando não, emburradas pelos avanços. Ainda que as coisas tenham sido significativamente alteradas, o clarão deixado pela luz dos que já se foram ainda ilumina, como farol, as gerações futuras.



Usina Santo Antônio.



Acesse para assistir ao vídeo sobre a trajetória da família Balbo.

5.6 As raízes que sustentam os Benedini

Foto: Acervo família Benedini.



Na parede da memória, Zaira e Terezinha penduraram retratos. Não apenas imagens emolduradas, mas silêncios em preto e branco, contornos que desafiam o tempo. Nas curvas das molduras, a ausência de cor desenha o que a lembrança insiste em manter vivo. Aurélio Benidini foi quem escreveu, com letras simples e firmes, publicada em livro, a história que sobrevive a gerações. Porque ele registrou e elas guardaram, o ontem pulsa no hoje, mesmo para quem chegou depois.

Ser Benedini é carregar o peso e a leveza de um sobrenome que atravessou o oceano e se consolidou em plantações, com sentimento de saudades e gosto de polenta com bom vinho. Nomes que soam como poemas de uma genealogia falada ao lado de muitos retratos. Uma árvore genealógica que se recusa a caber em papéis: e se espalha como raízes subterrâneas, incontáveis, profundas, entrelaçadas.

Eram muitos. Quinze filhos de um lado, 12 do

Entrevistados: *Clarinda Benedini de Oliveira (in memoriam); Therrezinha Benedini; Aracy Pereira Gonçalves Strini; Zaira Benedini; José Victor Nonino; Dulce Leia Benedini Ferreira; Marta Benedini Vechi; Glória Maria Benedini Bruzadim; Marisa Stela Benedini; Mônica Benedini Calil; Cláudia Benedini Strini Portinari Beja.*

outro. Benedini e Girardi. Famílias que se casaram entre si, que amamentavam os filhos uns dos outros, e se ajudavam no parto e na lida da terra. Zaira amamentava filhos e sobrinhos, enquanto ainda colhia café com um barrigão de neném. Crianças que nasciam em meio à roça, entre a parreira de uva e o cheiro do vinho caseiro, sob o olhar severo, mas profundamente terno, de um pai que durou noventa anos.

Vieram da Itália com a esperança dentro de

malas pequenas. Desembarcaram no Brasil com as mãos vazias e os sonhos cheios de lavoura. Eram colonos. Apanharam café, capinaram, devassaram mato, conquistaram a terra com suor e lágrimas. Compraram o que podiam, plantaram o que conseguiam, colheram o que o trabalho lhes permitiu. E quando, enfim, puderam, ergueram não só casas, mas uma dinastia.

Batatais viu essa história florescer. Lá, Atílio o avô, cultivava uvas e fazia vinho. Ninguém podia mexer na parreira, exceto ele. Mas a avó Zaira, cúmplice e doce, escondia uvas nos bolsos para adoçar os netos. As cestas de Natal vinham com uvas e figos em compotas, pequenos atos de carinho, eternizados nos sabores da infância.

Cada gesto carregava uma memória. O avô Alfio descascava cana com o canivete e repartia com os netos nos dias de colheita. O avô Aurélio ensinava a postura: nada de se apoiar em uma perna só. Na mesa, exigia lentidão, comer era ritual. E a sopa de feijão com polenta era sagrada na casa de Atílio. A mãe mexia a polenta por quase uma hora, todas as manhãs. Era tanta polenta que virou apelido, que virou história, que virou riso entre as lembranças de infância.

Mas nem tudo era leveza. Havia rigor. O pai, que não deixava as filhas usarem vestidos sem manga. O avô que rasgava vestidos considerados inadequados. Tias que saíam escoltadas pela avó, protegidas por um xale, e só então ganhavam a rua. O respeito não era imposto, era vivido, transmitido, consagrado em gestos simples como o beijo na mão ao pedir bênção.

Os Benedini aprendiam desde cedo que união não era só palavra bonita. Era prática cotidiana. Os irmãos não tomavam decisões importantes sem consultar uns aos outros. Negócios eram discutidos no domingo, na casa dos pais. A reunião era sagrada e não era festa. Era comunhão.

E foi nessa comunhão que nasceram escolas, que se plantaram figos e copos-de-leite, que se manteve acesa a chama de uma italianidade que não exige idioma para ser compreendida. Porque,



Árvore Genealógica da família Benedini.

mesmo quem nunca aprendeu italiano, ao pisar na terra dos antepassados, entende tudo. O som do dialeto ainda ecoa como cantiga adormecida nos ouvidos da infância.

Hoje, quando as gerações se reencontram em torno da mesa ainda cheirando a sopa e frango, é como se todos estivessem ali: os que vieram, os que ficaram, os que partiram. E quando alguém diz, com um sorriso largo e olhos marejados, "Eu sou Benedini", não está apenas se apresentando. Está fazendo um juramento silencioso às raízes que sustentam o presente.



Acesse para assistir ao vídeo sobre a trajetória da família Benedini.

5.7 Da olaria ao legado: a trajetória da família Biagi

Trabalho e identidade de uma linhagem italiana. A memória firma-se em gestos, vozes, aromas. Nas palavras entrecortadas pela emoção, na lembrança das mãos que sovavam a massa, ou moldavam os tijolos da olaria, a história da família Biagi inscreve-se como um testemunho do papel transformador da imigração italiana em Ribeirão Preto e região.

Foi com barro, suor e esperança que Natale Biagi, vindo da Itália ainda jovem, fundou os alicerces de uma trajetória marcada pelo trabalho. Ao adquirir um pedaço de terra, em Sertãozinho, o sítio Lagoa de Itararé, começou a fabricar tijolos e telhas, o primeiro passo rumo à prosperidade. Pedro Biagi, seu filho, assumiu o ofício e o expandiu, já no sítio Vargem Rica, em Pontal. Ele percorria as cidades com sua motoneta, em madrugadas geladas para vender os tijolos que ajudariam a erguer parte significativa do patrimônio regional. “Eles eram agricultores, mas queriam algo mais”, lembra uma das netas. A olaria foi, simbolicamente, a semente do empreendimento moderno.

Entrevistados: Luiz Lacerda Biagi; Maurílio Biagi Filho; Bernardo Biagi; Mario Biagi Carvalho; Maria Elisa Biagi; Jordana Biagi Rodrigues; Edilah de Faria Lacerda Biagi; Ida Biagi Scatena; Maria Augusta Scatena Lopes; José Biagi Gabarra; Carmem Cecília Biagi da Luz; Maria Ângela Biagi Gabarra; Francisco Biagi Gabarra; Patrícia Biagi Barros; Susana Maria Bighetti Calil; Marta Pinto Coelho Santana; Mônica Benedini Calil; Eugênia Coelho Pereira; Gustavo Biagi.

Hoje, os traços da família Biagi estão cravados no tecido urbano: uma avenida, um parque, uma praça, o Museu da Cana no antigo Engenho Velho. Mas são os nomes e as vozes – Patrícia, Carmen, Bernardo, Maria Ângela, Luiz, Mário, Maurílio, entre tantos outros – que conferem carne à narrativa. Cada um carrega a memória viva de Pedro Biagi, que, com 12 filhos, 52 netos e uma descendência que já alcança a sexta geração, formou um clã de presença marcante e afetiva.

Foto: Acervo família Biagi.

Um grande encontro



Não se trata apenas de quantidade, mas de legado. Das usinas Santa Elisa e da Pedra à Dabi Atlante e à Zanini, do setor sucroenergético aos equipamentos odontológicos, a marca Biagi esteve na vanguarda da industrialização regional. Em Sertãozinho, por exemplo, estima-se que 95% dos empreendedores industriais locais tenham tido algum vínculo com a Zanini. A multiplicação de empresas fundadas por filhos de cortadores de cana que passaram pela escolinha da família revela o impacto social de uma visão: “o progresso tem que ser distribuído”.

Porém, por trás das cifras e conquistas, está o valor inegociável do trabalho. Pedro Biagi, já adulto, ainda dormia na lavoura durante a safra, sem vir à cidade. A devoção ao labor moldava o caráter. “Nunca gaste mais do que ganha, e não venda o que você tem”, aconselhava. Sua trajetória inclui episódios de visão estratégica, como a compra de uma usina após a crise de 1929, e momentos de fé inquebrantável, como a recusa em se naturalizar brasileiro durante a Segunda Guerra, mesmo diante da ameaça de confisco.

Mas é à mesa que se sente a alma da família. Os relatos sobre as festas, os pratos preparados com rigor artesanal – capeletes iguaizinhos, o risoto vermelho com muçarela, o cabrito à caçadora, os biscoitos e balas da nona – revelam o entrelaçamento entre comida e afeto. “O mais especial do capelete não está no sabor, mas no carinho”, define um dos netos. A culinária é memória palpável, passada de geração em geração, como um rosário de sabores e histórias.

Na casa onde tudo começou, a varanda ainda guarda a presença do nono que tomava vinho com babador, lembrança de seu sotaque carregado e da firmeza ética que o norteava.

E a fé, sobretudo a fé das mulheres, Dona Edilah, que era devota de Santa Teresinha, e tantas outras com suas Nossas Senhoras, segue, mesmo na ausência, sendo o esteio espiritual da família, estendendo um guarda-chuva de proteção sobre todos.

A trajetória da família Biagi é uma celebração da continuidade. Do barro moldado na olaria à tecnologia das grandes indústrias; do pão assado com pinga ao risoto de domingo; das orações sussurradas à sombra dos santos à presença física dos netos em torno da mesa. Cada lembrança, cada receita, cada tijolo carrega o peso leve da tradição. E como dizia o tio Maurílio: “todo dia se acorda e põe um tijolinho. Um dia serão muitos, e farão uma grande diferença”.



Foto: Acervo família Biagi.



Acesse para assistir ao vídeo sobre a trajetória da família Biagi.

5.8 Bonini: a luz da Itália que iluminou Sertãozinho

Eles não compartilhavam apenas um sobrenome, mas uma maneira particular de viver e lembrar. Os Bonini, italianos de origem e brasileiros de coração, fincaram raízes em Sertãozinho, deixando um legado que segue por gerações. Nas memórias evocadas por filhos e netos, ressurgem vozes que cantavam óperas à mesa, com vinhos servidos com brindes em italiano e a figura sempre presente do patriarca à cabeceira, comandando a alegria familiar.

José Bonini foi o pioneiro. Casou-se com Íside e trouxe ao Brasil uma visão empreendedora e ousada. Criou os filhos com nomes que por si só contam histórias: Electro e Elétrica celebravam o feito do pai, que levou energia à cidade. Montou uma represa, gerou eletricidade e alugava bicos de luz, alimentando os lares com o brilho da inovação. O nome dos filhos era a marca viva da modernidade que ele ajudava a construir.

Entrevistados: *Geraldo Biagi Bonini;*
Elmara Lúcia de Oliveira Bonini;
Heloisa Hassan Bonini; Simoni Bonini;
Fernando Bonini; Juliano Bonini.

Enquanto Íside mantinha a ordem, cronometrando voltas na praça e zelando pelos estudos dos filhos, José sonhava com a Itália. Mandava os filhos estudarem lá e mantinha o vínculo com a terra natal como quem preserva um elo sagrado. A educação era um valor inegociável: seus filhos, como Electro Bonini, continuaram essa missão. De estudante, Electro tornou-se professor e, depois, proprietário de uma faculdade, tudo motivado por sua crença na força da educação e pela ousadia.

Foto: Acervo família Bonini.

Energia elétrica



A cultura e a arte também se fizeram casa. Donato Bonini era apaixonado por eletrônicos, fotografias e filmagens. Seu quarto era um santuário da tecnologia. Já Nelson, envolvido com o cinema, assumiu a programação e transformou o que era um sonho em negócio rentável e culturalmente relevante. A vocação para transformar espaços comuns em centros de cultura estava no sangue.

Mesmo com tanto progresso, o mais lembrado por todos era o espírito alegre e festeiro dos Bonini. Reuniões em família, mesas fartas e cantorias constantes. A imagem do avô de bengala, suspensórios e boné é mais viva do que qualquer fotografia. Os Bonini sabiam rir. Sabiam cantar. E, acima de tudo, sabiam permanecer unidos.

Dos navios aos cinemas, das represas às escolas, a história dessa família é a de uma linhagem que sempre caminhou à frente de seu tempo. Em Sertãozinho, a luz que José Bonini acendeu nunca se apagou, pois brilha ainda hoje nas lembranças dos que carregam seu nome, seu sangue e seu legado.

Compromisso com a educação

Fotos: Acervo família Bonini.



Acesse para assistir ao vídeo sobre a trajetória da família Bonini.



5.9 Um nome que atravessa gerações: A família Gallo entre a Itália e o Brasil

Na casa de Maria Evangelina Serra Gallo - dona Vanju - a sexta-feira não é apenas o fim da semana: é o começo de um rito familiar. Quando o relógio marca o meio-dia, a mesa, ainda vazia, se prepara para receber não apenas pratos de macarronada, mas também memórias, aquelas que se entrelaçam entre garfadas e gargalhadas. A tradição iniciada pelo patriarca Gabriel Gallo se mantém viva entre filhos, netos e agregados. O cardápio não muda: o primeiro prato é sempre massa, acompanhado de uma confusão alegre entre vozes e travessas.

Reunir-se em torno da comida é mais do que um hábito, é um elo entre gerações. A macarronada semanal, o costume de contar histórias à mesa, o nome transmitido de avô para neto, tudo fala de pertencimento. A família Gallo é herdeira não só de um sobrenome, mas de um modo de viver profundamente italiano, mesmo depois de mais

Entrevistados: *Maria Evangelina Serra Gallo; Júlio Gallo; Renata Siminoni Pedreschi; Ernesto Gallo Neto; Paola Cunha da Silveira; Maria Gabriela Serra Gallo; Marta Cunha Santos.*

de um século de raízes fincadas no Brasil.

A história dessa família não se confunde com a maioria das narrativas migratórias italianas. Dr. Júlio Gallo chegou ao Brasil já formado em medicina, vindo de Nápoles em 1900, impulsionado não pela miséria, mas por uma dívida de honra. Seu pai, um literato sulista e proprietário de terras, havia investido tudo nos estudos dos cinco filhos, dois médicos, dois advogados e um padre, e encarregou o primogênito Júlio da missão de resgatar o prestígio financeiro da família no Novo Mundo.

Ao desembarcar no Rio de Janeiro, o jovem médico contraiu febre amarela e, para se recuperar,

Patriarcas da família Gallo.



Foto: Acervo família Gallo.

foi para Viçosa, em Minas Gerais, onde conheceu Arthur Bernardes, que mais tarde seria presidente da República. Por indicação do novo amigo, partiu para Ribeirão Preto, a cidade do café e da modernidade, onde o Theatro Pedro II recebia companhias da Europa e a pujança dos cafezais se traduzia em prosperidade.

Foi ali que se firmou como clínico respeitado e produtor de café. Casou-se com Maria da Conceição Junqueira, a Dona Zica, e mesmo exercendo a medicina, interessou-se pelas fazendas. Tornou-se um homem de negócios astuto, entendendo os movimentos da Bolsa de Nova York e os segredos do tempo certo para vender a produção. Apesar de todo enraizamento, jamais rompeu com a Itália. Todos os anos voltava à terra natal e, com ele, também viajavam seus filhos, como o pequeno Genaro, nascido em solo italiano, e depois Gabriel, o caçula, também nascido lá, “por acaso”, em mais uma das viagens da família. Entre os filhos homens, três mulheres nascidas no Brasil: Inocência, Gabriela Antonieta e Margarida.

A guerra, no entanto, desenhou fronteiras inesperadas. Quando os sogros de Dr. Júlio morreram, ele voltou ao Brasil para resolver os trâmites do inventário. O conflito estourou, e a Itália, agora inimiga do Brasil, impediu seu retorno. Durante seis anos, ficou separado da esposa e dos filhos, que permaneceram em solo italiano.

Ernesto irmão de Dr. Júlio também formado médico veio para o Brasil e nunca mais retornou à Itália, embora tenha chorado copiosamente ao deixar o país. A despedida foi tão intensa que, segundo ele, rasgou o lenço de tanto enxugar as lágrimas. As oportunidades de retorno vieram, mas ele recusou. Com os irmãos já falecidos e os amigos ausentes, preferiu manter viva a Itália dentro de si, no sotaque, nos gestos, na comida, nos silêncios.

Em Ribeirão Preto, Ernesto construiu o Edifício São Marcos, em homenagem à pequena Piazza San Marco que ficava diante da casa de sua infância. A praça, pequena e simples, ganhou, aos olhos da memória, a grandeza dos sentimentos.

Entre filhos e netos, nomes e costumes foram perpetuados. Júlio, Gabriel, Ernesto, Ângelo. A sucessão masculina, quase um culto ao nome, era celebrada como vitória e destino. O nascimento de um filho homem era um evento. Quando Ângelo nasceu, o pai organizou uma festa, e o menino desfilava nu diante das visitas como prova viva de que a linhagem seguia intacta. Essa relação com o nome e com a continuidade familiar é uma das marcas mais profundas da identidade italiana que a família Gallo preserva. Além do menino Ângelo, eram suas filhas, Ângela e Maria Antonieta.

Gabriel, passou a administrar as terras da família. Casado com Maria Evangelina, tiveram cinco filhos - Júlio, Maria Aurora, Maria Gabriela e Maria Adriana (gêmeas) e Gabriel Antonio.

A mesa, a comida, o afeto, a fala alta, o uso das mãos, o gosto pela ópera e pela história, tudo isso é herança viva. A casa de praia no Mediterrâneo, herdada pelo filho Gabriel, virou quase um museu afetivo, onde as novas gerações visitam as raízes. O que era uma missão econômica tornou-se, ao longo do tempo, um legado simbólico, de identidade e memória.

E se há algo que permanece mais forte que o tempo e as distâncias, é o jeito italiano de ser: a generosidade, o barulho, a intensidade, a reverência à tradição. Um nome que atravessa gerações. Uma história que começa na Itália, floresce no Brasil e segue viva a cada sexta-feira, ao meio-dia, quando a massa fumegante anuncia: a família está reunida.



Acesse para assistir ao vídeo sobre a trajetória da família Gallo

5.10 João Marchesi: O imigrante que tocava o futuro com as mãos

Há histórias que se eternizam nas páginas de um livro de capa dura, em preto e branco. E não por acaso. As cores que faltam nas fotografias se encontram nas lembranças vivas, vibrantes, calorosas. Assim se desenha a memória de João Marchesi, patriarca de uma linhagem que construiu parte do desenvolvimento de Ribeirão Preto com a força do trabalho e a obstinação de um homem que, mesmo sem estudo, parecia ter nascido com o dom de fazer brotar riqueza onde houvesse terra, barro ou oportunidade.

Entrevistados: Irene Pedreschi Caldana;
Weimar Marchesi Amorim; Wagner Marchesi;
Tânia Marchesi; Vera Lúcia Marchesi Melle;
Simone Marchesi Pedresch; Palmerindo Fontes Filhos;
Cristina Balirari Fontes; Aldo Pedreschi Filho.



Foto: Acervo da família Marchesi.

Chegou ao Brasil com apenas 9 anos, vindo da Itália. Desembarcou direto em Dumont, onde seu pai foi derrubar mato e plantar café na fazenda do pai de Santos Dumont, o rei do café, Henrique Dumont. Com a infância marcada por durezas, João prometeu a si mesmo que os seus descendentes não viveriam as privações que ele enfrentou. Rebelou-se ainda jovem contra o trabalho no campo. Com apenas 17 anos, lançou longe uma enxada em gesto definitivo: nunca mais carpiria café. Foi embora, tentou a sorte em Taquaritinga, voltou, trabalhou...

Foi carroceiro, tropeçou, caiu da carroça, mas não caiu na vida. Ganhou um burro e uma carroça e com isso iniciou um império. Das mãos que puxavam barro, nasceram tijolos, telhas, cerâmicas, usinas de açúcar, edifícios e um banco. Fundou a Cerâmica São Luís, construiu o edifício João Marchesi e viabilizou outros empreendimentos em nome da segunda esposa, Dona Ida. À frente do seu tempo, dizia que todas as casas de Ribeirão Preto deveriam ser cobertas com suas telhas.

João era rígido. Não gostava de roupa estampada, achava que domingo era dia de vagabundo. Ouvia jornal e mesmo sem nunca ter frequentado escola, educou-se na prática, no olhar atento aos negócios. Quando seus netos o saudavam com a tradicional bênção, ele respondia com afeto seco e os despachava para a cozinha com Dona Ida. Preferia conversar sobre trabalho, números, oportunidades.

Sua vida foi uma sucessão de recomeços: plantava, colhia, vendia, doava aos filhos, recomeçava. Tinha a visão de um empreendedor nato. Montou engenho de açúcar antes da quebra da bolsa de 1929. Visualizava terras férteis onde outros viam apenas mato. Viajou por Goiás, abriu picadas entre Jussara e Britânia, montou açougue, escola, ambulatório e armazém nas fazendas. Dizia que ali, na Esquina da Única, em Ribeirão Preto, era o seu garimpo. Era ali que farejava negócios.

Homem de gestos firmes, de hábitos curiosos, coçava as costas nas paredes como bois se coçam em cercas, João era também avô de histórias e heranças imateriais. Deixou aos netos muito mais do que patrimônio: deixou exemplo, legado, e um modo de vida. Sua figura severa se equilibrava entre a rudeza do campo e o refinamento instintivo de quem nasceu para liderar.

As lembranças de seus descendentes, filhos, netos, bisnetos, revelam um homem que acreditava no trabalho como valor absoluto. Um visionário que via atrás dos montes. Um imigrante que venceu e que, com suas ações, ajudou a moldar uma cidade inteira. A história da família Marchesi é também a história de Ribeirão Preto, da imigração italiana e de um Brasil que se fez com suor, barro, açúcar e persistência.



Acesse para assistir ao vídeo sobre a trajetória da família Marchesi.

5.11 O comando da maior usina de moagem do mundo: A família Ometto

Do preto e branco ao colorido, da memória oral aos registros escritos, a trajetória da família Ometto tece-se como tapeçaria de raízes italianas e sonhos brasileiros. Entre causos e canaviais, emerge a figura de Orlando Ometto, líder, médico, prefeito, humanista. Mas, antes dele, vieram muitos: Constante, João, Luiz. Vieram da Itália, lavraram a terra, confiaram no trabalho e selaram, como lema, a tríade que os sustentou: confiança, economia e trabalho.

Eles desembarcaram trazendo pouco mais do que coragem e filhos pequenos. Caterina Ometto, viúva poucos anos depois da chegada, sustentou a casa com mãos firmes, trabalho incansável e fé nas economias que pedia ao patrão para guardar. Era a estratégia dos que sabiam que o futuro se constrói devagar. Em 1906, ela comprou seu primeiro pedaço de chão. A terra, naquele momento, era mais do que solo: era amparo, era destino. Dos cafezais de Amparo aos canaviais de Piracicaba, construíram história e patrimônio, mantendo a casinha de colônia como símbolo de origem e honra.

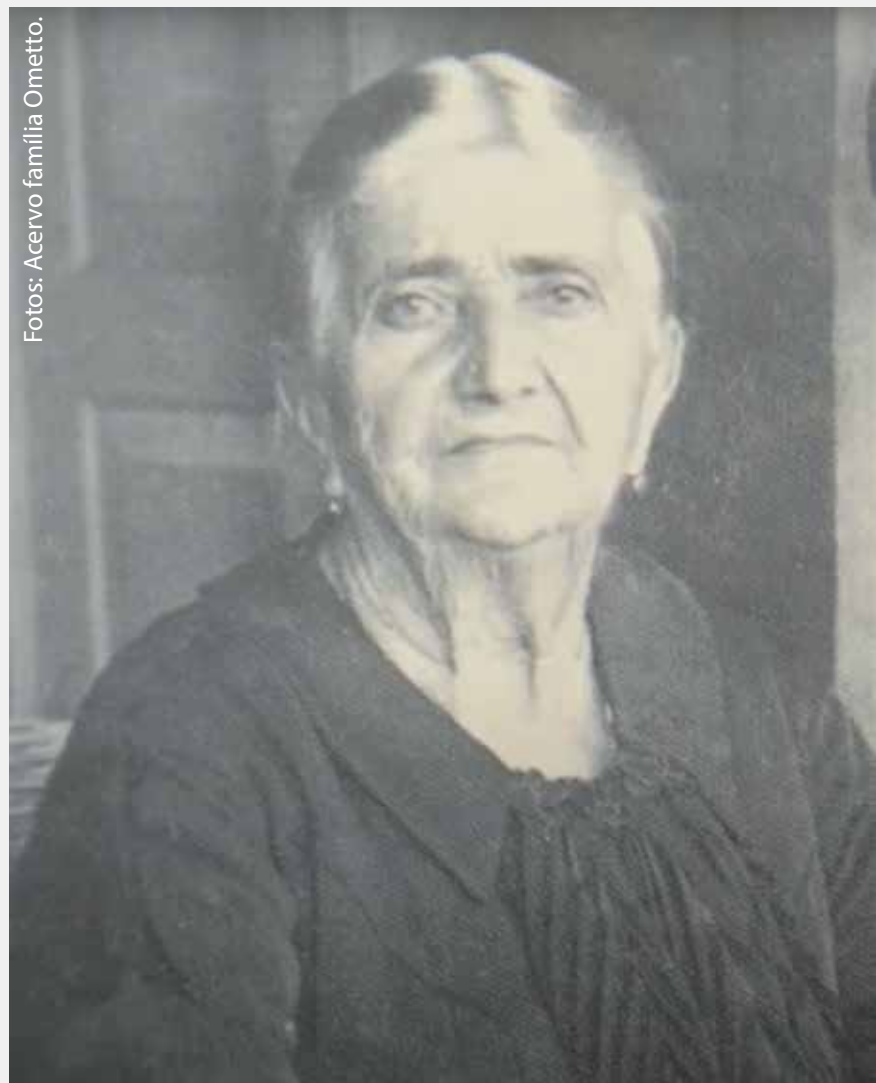
Da pequena lavoura de Água Santa à aquisição da Fazenda Boa Vista, o caminho se alargou até culminar na fundação da usina São Martinho, referência mundial em moagem de cana. A expansão deu-se com uma lógica familiar: irmãos dividiam-se para comandar novas unidades, cada um semeando em solo fértil um pedaço do futuro coletivo.

Em Pradópolis, Orlando Ometto foi prefeito por duas vezes e idealista: implantou saúde pública exemplar, zerou a mortalidade infantil e promoveu uma merenda escolar digna. Médico por formação e humanista por vocação, trazia

Entrevistados: *Eduardo Corrêa da Silva Ometto; Odila Ometto; ; Marcelo Campos Ometto; Maria Betânia Leoni Ometto; Leandro Leoni Ometto.*

A matriarca.

Fotos: Acervo família Ometto.



consigo o hábito de caminhar entre os trabalhadores, ouvir, observar e devolver em ações concretas o que recolhia em palavras.

A família Ometto sempre entendeu o trabalho como elo entre as gerações. Crescer na usina era mais do que viver entre moendas, era partilhar afetos, almoçar à grande mesa aos domingos, debater o futuro e a herança de valores como humildade e respeito. “Senhor Orlando dizia que era operário como os demais”, relembra a nora, com brilho nos olhos e voz emocionada.

Entre os relatos, ganha contorno especial as relações afetivas: a igreja cuja pedra fundamental foi colocada pelo neto pequeno, os jogos de rouba monte ao lado do avô, os conselhos que vinham na forma de perguntas. “Anda, observa, e depois me conta o que viu”, dizia o doutor Orlando, transformando cada momento em aula de liderança e escuta.

E há também a comida, esse elo sagrado das famílias italianas. A pasta de domingo, o som alto à mesa, a discussão sobre o que comer no jantar enquanto ainda se almoça. A tradição viva no aroma e na conversa porque, como se diz entre os Ometto, italiano que é italiano só conversa direito com comida na mesa.

Do jogo de cartas com os netos ao controle do poder de patriarca, do fogão da avó à fundação de uma cidade, do pequeno sítio à maior usina do mundo, a história da família Ometto inscreve-se não apenas em atas e estatísticas, mas nas vozes que a contam, cheias de saudade, orgulho e pertencimento. E assim, ao falar de seus, falam um pouco de nós, brasileiros.



Acesse para assistir ao vídeo sobre a trajetória da família Ometto.

Usina São Martinho



5.12 Castanhas, capeletes e fidelidade: A memória viva da família Pedreschi

Entre o debate sobre a pronúncia correta do sobrenome e a lembrança dos almoços de domingo, a história da família Pedreschi desdobra-se como um livro de receitas afetivas temperado de tradição, amor e memória. Pedreschi, com som acentuado ou não, tanto faz: o que importa mesmo é o legado deixado por Alfredo e Zelinda, os imigrantes que cruzaram oceanos e ergueram um novo lar no coração de Ribeirão Preto.

Ele, vindo de Castelnuovo di Garfagnana; ela, de Lucca. Ambos nasceram em 1880 e se reencontraram por acaso em São Paulo, como se o destino, caprichoso, desenhasse com precisão o mapa de uma vida a dois. Depois do reencontro, vieram para Ribeirão Preto, e, na cidade, plantaram raízes: dez filhos, festas infindas e uma casa que se tornou ponto de convergência de gerações.

Na Visconde do Rio Branco, número 250, erguia-se o casarão onde vinhos amadureciam em tonéis, doces se escondiam em gavetas perfumadas e a parreira de uva moscatel cobria a varanda como um arco de boas-vindas. Ali, o cotidiano se preenchia com almoços longos, castanhas portuguesas descascadas com paciência e tardes jogando tombo, jogo que agregava risadas, sorte e união.

O patriarca Alfredo transformou o porão da casa em depósito atacadista. Importava vinhos, queijos, azeites, sabores da Itália que alimentavam saudades e criavam laços. Já nos tempos de guerra, adaptou-se: manteve o comércio com produtos nacionais. Condição de uma realidade posta.

As reuniões familiares, feitas de abraços e massas artesanais, mantinham acesa a chama da italianidade. O capelete fechado em conjunto, o nhoque moldado pelas mãos das tias, o almoço

Entrevistados: *Zelinda Pedreschi Chaves; Alfredo Pedreschi Neto; Ivana Pedreschi Velludo; José Alfredo Pedreschi Monteiro; Marco Antonio Pedreschi Monteiro; Marcelo Freire Monteiro; Cristina Pedreschi Caliento; Lino Alfredo Pedreschi Angracia de Oliveira; Aldo Pedreschi; Flávia Pedreschi Calil; Tatiani Prioli Monteiro; Eduardo Espilma Pedreschi; Agnaldo Pedreschi Filho.*

não terminava ao meio-dia. Ficava-se à mesa até o sol cair, porque ali também se falava alto, se gesticulava, se vivia a plenitude dos encontros.

A memória da família também se inscreve nos gestos de solidariedade. Egídio Pedreschi, movido pela experiência com a filha Olivia, criança que mudou os rumos da família, fundou a Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais (Apae) em Ribeirão Preto. Ao lado da esposa, dedicou a vida à causa da instituição, pedindo ajuda, angariando recursos, promovendo inclusão. Sua história virou nome de escola e exemplo para gerações.

A descendência italiana pulsa não só no sotaque e nas receitas, mas no modo de viver e resistir. As mulheres, sustentáculo emocional e prático da família, moldaram lares e afetos. Os homens, fiéis à palavra e aos ensinamentos herdados, cultivaram o respeito, a lealdade, o amor à terra e história.

Mais do que um nome, Pedreschi é sinônimo

de pertencimento. É o orgulho de carregar no sobrenome as castanhas e os capeletes, os vinhos engarrafados na infância e os risos compartilhados à mesa. É saber que, entre perdas e alegrias, o mais importante permaneceu: a fidelidade à família, sempre ela, acima de tudo.

A casa onde tudo começou.



Fotos: Acervo família Pedreschi.



Brasão da família.



Acesse para assistir ao vídeo sobre a trajetória da família Pedreschi.

5.13 Como uma máquina de biscoitos se transformou em um império industrial: A jornada de Udélio Scodro

Ele não veio para brincar. Veio para vencer. Assim se recordam os filhos de Udélio Scodro, imigrante italiano que deixou a pequena Montebelluna, na província de Treviso, com pouco mais de 18 anos e uma certeza pulsando no peito: não seria apenas mais um neste mundo. Ele faria a diferença.

Órfão de pai desde cedo, criado pela mãe Ana, ao lado de dois irmãos em plena Segunda Guerra Mundial, Udélio desenvolveu, ainda menino, o olhar atento do empreendedor. Terminada a guerra, percebeu que a reconstrução da Itália seria lenta demais para a pressa dos seus sonhos. E embarcou num navio de terceira classe rumo ao Brasil, trazendo na bagagem apenas coragem, propósito e fé.

Chegou ao país sozinho, sem conhecer a língua e foi tecendo com esforço a própria história. A cada passo, consolidava seu destino. Começou do nada, até construir com as próprias mãos uma máquina de biscoitos. Era o início de um legado. Tentativa após tentativa, enfrentou o fracasso de uma fornada que ficou rançosa por usar manteiga em vez de gordura vegetal e, mesmo assim, não desistiu. Com um pneu careca e um caminhão carregado, enfrentou a estrada e a sorte, contando com a compaixão de um policial e a força de sua persistência.

Entrevistados: *Alfredo Soubihe;*

Silvana Scodro de França; Adriana Scodro Moschetti;

Fábio Marcos Moschetti; Thereza Marlene Scodro;

Andrea S. Scodro Lucena; Marcelo Scodro Moschetti;

Viviane Scodro Moschetti.

Em Mococa foi que tudo começou de fato. Por causa da crise energética em São Paulo, a cidade oferecia infraestrutura favorável para novas indústrias. Lá, Udélio montou sua primeira linha de produção e, em pouco tempo, o aroma dos biscoitos começou a contar uma nova história de prosperidade.

A trajetória o levaria, depois, para Ribeirão Preto, onde fundou a fábrica Mabel – nome que se tornaria sinônimo de qualidade e afeto. O terreno inicial foi conquistado com a confiança de Baldilio Biagi, que viu em Udélio um homem destinado a grandes feitos. Aos poucos, a Mabel cresceu. O relógio quadrado na entrada da fábrica, ainda hoje lembrado pelos moradores, marcava os ritmos do trabalho e da vida. Somado ao cheiro do café torrado da indústria ao lado, o aroma das rosquinhas tornava irresistível a parada de quem chegava à cidade.



Fotos: Acervo família Scodro.

Mais do que industrial, Udélio foi mestre, amigo, conselheiro. Seu olhar atento percorria diariamente a fábrica, observando máquinas e pessoas. Conhecia cada colaborador pelo nome. Era exigente, sim, mas generoso e afetuoso. Os funcionários o viam como um pai. A Mabel, para ele, nunca foi apenas uma indústria. Foi uma família.

Com cinco fábricas espalhadas pelo país, Udélio construiu não apenas um império alimentício, mas um modelo de liderança enraizado na ética, no respeito e na dedicação. Seus filhos cresceram aprendendo desde cedo os valores que sustentavam os pilares do negócio. Trabalharam no almoxarifado, galgaram responsabilidades, sonharam juntos.

O primogênito foi enviado a Goiânia para dirigir a segunda unidade da Mabel. O segundo filho desejava trilhar seu próprio caminho, ir para os Estados Unidos da América (EUA), construir sua história com autonomia. Ambos herdaram o senso de responsabilidade e a paixão pela liberdade do pai.

Na intimidade, Udélio era um homem de hábitos e afetos. Tocava violino, amava música clássica, praticava esportes, jogava tênis nas manhãs de fim de semana. Era apaixonado por aviação e pilotava com alegria, levando os netos para voos que misturavam adrenalina e ternura. As refeições em família eram rituais sagrados, marcados pelo estalo das palmas que anunciavam sua chegada e pelo cachimbo aceso após o almoço. A casa era um lugar de conversa, risada e ensinamento. Era o psicólogo da família, o esteio, o farol.

Retornar à Itália, anos depois, foi reencontrar o menino que roubava pó de tamarindo da prateleira da farmácia com um amigo. Lágrimas caíram diante do pote intacto, como se o tempo tivesse congelado aquele instante de infância. A emoção revelava o lado sensível do homem que, apesar da firmeza, nunca perdeu a capacidade de sentir.

Para os filhos, netos e genros, Udélio foi mais do que um industrial de sucesso. Foi inspiração. Representava a certeza de que sonhos são realizáveis, quando acompanhados de trabalho, fé e perseverança. O nome Escodro passou a abrir portas e, mais do que reconhecimento, carregava memórias. “Não quero ser mais um”, dizia. E não foi.

Hoje, mesmo com a Mabel incorporada por uma multinacional, a lembrança de seu fundador permanece viva. Em cada relato, em cada gesto herdado, em cada referência familiar ou empresarial, Udélio Scodro segue presente. É exemplo de uma geração que não esperava pelas condições ideais, mas que criava oportunidades com as próprias mãos. Deixou sua marca em Ribeirão Preto, no setor industrial brasileiro e, principalmente, nos corações da família que construiu.



Acesse para assistir ao vídeo sobre a trajetória da família Scodro.



5.14 A herança do nome: A história dos Titoto

Ser Titoto é carregar mais do que um sobrenome. É herdar um chamado. Viver entre a força do trabalho e a leveza da mesa farta, entre a voz alta que embala a conversa e o silêncio que guarda o valor de uma promessa. A história dessa família, ou melhor, desse clã, atravessa continentes, crises, colheitas e gerações, e permanece pulsando na fala dos filhos, no orgulho dos netos, nos gestos que repetem os de um tempo que passou, mas não se foi.

Não se trata apenas de um relato familiar. Este é um registro histórico, em que cada nome citado — Mário, Ângela, Humberto, Maria Luísa — ecoa dentro de uma narrativa coletiva que começa antes mesmo da chegada ao Brasil. A saga da

Entrevistados: Ângela Titoto Ribeiro;
Maria Rita Titoto Acra; Mário Titoto;
Simone Titoto Perticarrari; Leopoldo Titoto;
Maria Luiza Titoto Perticarrari; Toninho Tittoto.

família Titoto é uma busca pela consolidação de valores. Da pequena e encantadora Ásulo, nas colinas do Vêneto, à terra vermelha de Serrana, em São Paulo, o que migra não é apenas o corpo: é a cultura, o espírito, o amor à terra e à família.

O Vêneto, palco de poetas, batalhas e vinhedos, sofria com os escombros das guerras. A Itália ainda era fragmentada, e a fome tornava a paisagem mais

Os primeiros Titoto



Fotos: Acervo família Titoto.

árida do que seus solos. Nesse cenário, muitos, como os antepassados dos Titoto, tomaram a decisão dolorosa de partir. Trouxeram pouco na bagagem material, mas muito saber: sabiam da terra, das sementes, do ferro, da madeira, das máquinas. E, acima de tudo, sabiam do valor do esforço.

No Brasil, a promessa era trabalho. E eles cumpriram — e muito. Santo Titoto, patriarca, fez da terra seu altar. Trouxe consigo não só a experiência agrícola, mas um espírito competitivo e resistente, forjado na escassez da Europa pós-guerra. Tão fortes eram seus feitos que renderam diplomas, como o da “Batalha dos Grãos”, símbolo da engenhosidade de quem transformava qualquer solo árido em colheita. Como dizia o pai, e depois repetiam os filhos: “Filho, só tem uma coisa na vida: trabalho”.

Mas se o suor irrigava as lavouras, era o afeto que adubava as relações. Mário Titoto, nascido em solo brasileiro, multiplicou a família e a fé no futuro. Eram dez filhos e dez tarefas divididas logo ao amanhecer. Uns iam tirar leite, outros limpar currais, consertar ferramentas ou guiar tratores. A rotina era dura, mas envolta em calor humano. Entre as tarefas, surgia também o riso, o som das vozes em volta da mesa, o cheiro do bife no fogão a lenha, o leite com polenta do café da manhã.

A casa italiana não tira a mesa, apenas a substitui. Do café da manhã ao jantar, passando por nhoques, frios, massas e muitas histórias, a comida é ponte entre o que se viveu e o que ainda está por viver. As refeições não são apenas alimento; são memória em estado sólido. A tradição de se reunir aos domingos, de rir alto, de discutir e se abraçar em seguida, de lembrar nomes e repetir expressões em italiano, tudo isso compõe a paisagem emocional da família Titoto.

Mesmo quando os caminhos se distanciaram, havia sempre um fio invisível que mantinha os laços apertados. A vila dos Titoto, assim como a dos Montanari, dos Valdemite, era um gueto de afeto, onde o nono e a nona reinavam como chefes

de clã. Os mais velhos mantinham a ordem e os mais novos aprendiam pelo exemplo. Os valores eram transmitidos em gestos, mais do que em palavras: união, trabalho, respeito, honestidade.

A viagem de retorno a Ásulo, protagonizada por 42 membros da família durante a Rimpatriata degli Asolani nel Mondo. Mais do que um reencontro com a terra, foi o reconhecimento de que a memória coletiva da família não se perdeu, apenas se transformou. Em meio às ruas estreitas e à pequena Piazza, os moradores italianos saíam às janelas para gritar: “Titoto! Titoto!”. E a festa se fez do tamanho da saudade acumulada por gerações.

Essa saudade também se expressa nos objetos, o quadro antigo, o diploma guardado, a pulseira com a bandeira da Itália, o disco de vinil e nas pequenas ações: o nome passado de avô para neto, os gestos herdados, a mesa que nunca esvazia. Há quem diga que tradição é aquilo que sobrevive ao tempo. No caso dos Titoto, a tradição é o tempo: aquele que se repete, que se transforma em cultura, que se oferece como legado.

O maior orgulho da família não está apenas no nome, mas no que ele representa: trabalho, muito trabalho. “Se é filho do Mário Titoto, as portas se abrem,” dizem. E não por prestígio, mas por respeito. Porque tradição, quando verdadeira, não é formalidade. É valor vivido. É história que ainda respira.



Acesse para assistir ao vídeo sobre a trajetória da família Titoto.

5.15 Da dor à esperança: A família Verri entre Broni e Sertãozinho

As consequências das guerras de unificação da Itália desenharam destinos com mãos duras, para a família Verri. Com a perda do patriarca Luigi, o jovem Ercole, um dos mais velhos, partiu para Turim em busca de apoio entre parentes. A tentativa de socorro falhou, e a decepção o levou a um gesto extremo: um tiro em praça pública. Foi socorrido, sobreviveu, mas o acontecimento marcou profundamente a viúva, Maria Lodigiani, que, em 1896, com os filhos mais novos, entre eles um menino de apenas 8 anos, decidiu atravessar o Atlântico em direção ao Brasil. O silêncio em torno desses episódios parecia guardar uma dor profunda, transmitida em olhares e memórias não ditas.

O primogênito foi Giuseppe (1865), seguido por Cesare (1869), Ercole (1873), Luígia (1879), Maddalena (1880), Pietro (1881), Antônio (1882) e Rosa (1888). Dos filhos de Maria e Luigi, uns partiram antes; outros vieram depois. Giuseppe, Ercole e Cesare (foi para a Argentina) abriram o caminho,

Entrevistados: Otávio Verri Filho; Ioli Verri Flessati;
Luis Robeto Verri de Barros;
Maria Aparecida de Rezende Gaiofato;
Fernando Antonio Verri Flessati;
Leda Sonia Canini Verri; Cici Verri;
Antonio Carlos Oliveira Bergamini.

e a matriarca trouxe os demais. Ela embarcou sozinha, em um ato de coragem que se repetiria nas mulheres da família: viúvas que tomaram as rédeas do destino, como a própria nona Tereza (esposa de Antônio), lembrada com ternura por seus descendentes. Desembarcaram no Brasil (Rio de Janeiro) em 09/02/1896, estabelecendo, por primeiro em Juiz de Fora-MG.

Fotos: Acervo família Verri.

No começo da história.



Broni, comuna da Lombardia, foi onde Luíde Verri casou-se com Maria Lodigiane e viu nascer seus filhos. Seu pai era proprietário de um moinho de grãos movido pelas águas do rio Pó, próximo à vizinha São Cipriano Pó. Seguindo a tradição familiar, Luigi estabeleceu-se, em Broni, com comércio de farinha e panificadora. Giuseppe trouxe ao Brasil o ofício da panificação, tendo se estabelecido em Altinópolis e Pirassununga.

O trem seria, mais tarde, personagem marcante dessa história. Luígia (Luísa), enviada para estudar em Campinas, apaixonou-se por Antônio Bergamini, garçom que se tornou concessionário do restaurante da Companhia Mogiana. A ferrovia, que ligava Campinas a Araguari, em Minas Gerais, passava por Ribeirão Preto — e o desenvolvimento da região, como narrado por Bergamini — foi o suficiente para que a família migrasse de vez para essa nova terra de oportunidades.

Pietro (Pedro) Verri, já em Cravinhos, destacou-se como comerciante no Largo da Estação. Seu tino comercial deu suporte aos irmãos. De lá, com os Biagi, Bonini, Irmãos Pagano, Ângelo Damiano, Vicente Olivito, Pedro Batiston e outros, adquiriram, em 1919, as terras onde surgiria a povoação de Novo Cravinhos, na região da futura Pompeia, acreditando no traçado reto da ferrovia, que acabou se desviando para onde surgiu Marília. Embora os planos não tenham se concretizado como esperado, a resiliência típica dos imigrantes italianos os moveu a recomeçar.

O espírito empreendedor dos Verri evidenciou-se em Ribeirão Preto e Sertãozinho — comércio de Aguardente (Antônio) Fábrica de balas (Ercole), engenho e a usina Santana das Posses (Pedro). O nome da família se entrelaçou ao progresso da região. E, mais do que negócios: vieram também os envolvimento político e social, com trabalho em prol das comunidades, no comércio, na indústria e na educação. Em Ribeirão Preto, Bruno Mário Verri (filho de Ercole) foi um

dos fundadores do Clube de Regatas. Em Sertãozinho, Octávio Verri (filho de Antônio), comerciante de cereais, foi presidente da Câmara e responsável por várias iniciativas sociais e esportivas.

Com o tempo, formaram clubes e associações. A Associação Beneficente Cultural Recreativa de Sertãozinho nasceu da exclusão dos italianos no Clube Literário e Recreativo frequentados pela elite local. Entre disputas e conquistas, os imigrantes fincaram raízes e fundaram espaços de pertencimento.

A cultura italiana marcou hábitos, da sopa diária ao brodo na mesa enfarinhada da avó. A língua, as festas, os sobrenomes que uniam primos e avivavam a memória da matriarca Tereza. Costureira de delicadas estampas florais, cozinheira amorosa, protetora do neto mais novo. A casa da nona era o centro de reencontros e afetos.

Hoje, esse passado ecoa nas palavras de quem busca reconstruir os traços de uma trajetória de coragem e reinvenção. Os Verri, que um dia enfrentaram o silêncio da dor e a dureza do exílio, transformaram a própria história em legado. De Broni a Sertãozinho, da dor à esperança.



Acesse para assistir ao vídeo sobre a trajetória da família Verri.

6. Força Italiana: histórias de famílias, trajetórias e legados

A “força italiana” não é um sentimento, apenas. É um jeito de conduzir a vida, que reverbera entre gerações. A coragem que pulsava nos navios continua presente ainda hoje nas artes, na culinária, nos negócios de filhos, netos e bisnetos.

O projeto Força Italiana buscou retratar o que é essa herança compartilhada, contando as histórias de quem escolheu Ribeirão Preto e a região para reconstruir raízes, “fazer a América”.

Os legados italianos, afinal, estão em cada quarteirão da cidade: no comércio, na cultura, na arquitetura, na economia. Engrenagens que fizeram Ribeirão rodar — e continuam parte do que faz a cidade vibrar.

Essa força vai além do trabalho — e, se ficasse só aí, já seria muita coisa. Mas está também na alegria dos encontros à mesa, nas panelas sempre fartas, na fala alta e emocionada, no transbordar dos sentimentos. Esse afeto em altas doses está narrado em cada uma das 14 famílias que abriram suas casas para compartilhar memórias e, com a Casa da Memória Italiana, registrar mais alguns capítulos dessa história, que é imensa.

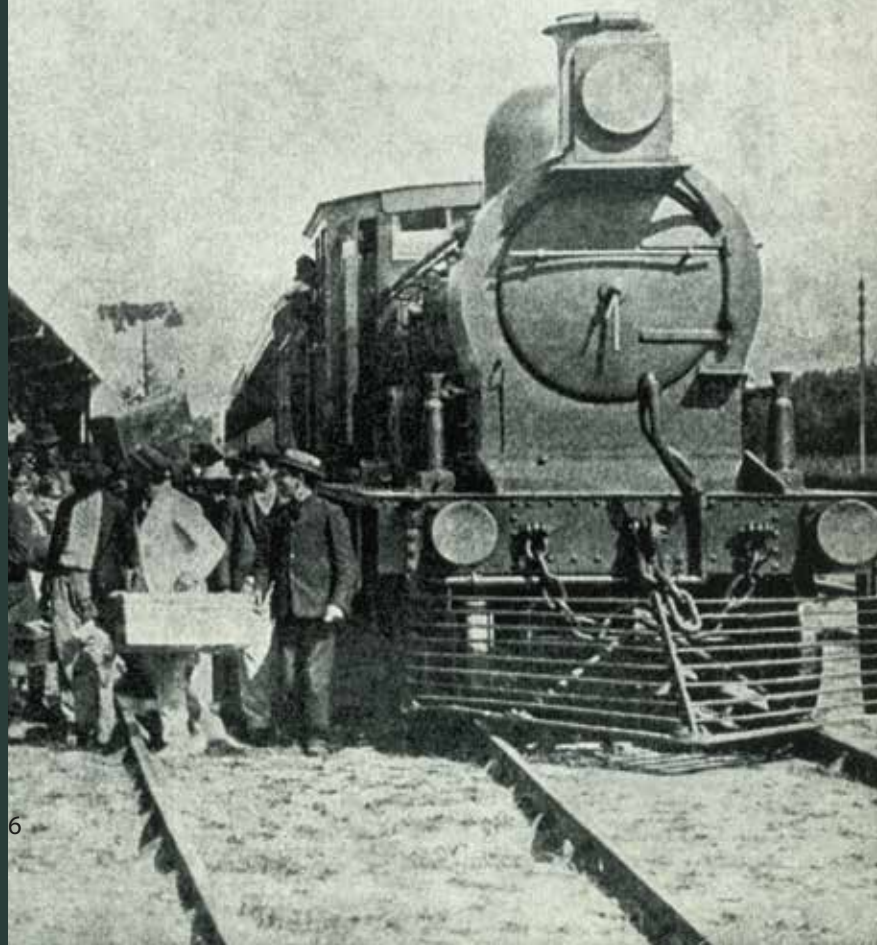
Pisani, Del Lama, Mazzer e Perticarrari, Camilleri, Spanó, Gallucci, Amêndola, Robazzi Bignelli, Pasqualin, Sartore, Fascino, Sposito, Spedicato e Ciciarelli foram as famílias retratadas nessa primeira fase do projeto.

Há outras muitas trajetórias a retratar! Essa força, afinal, não se acaba¹⁹.

Foto: Desembarque de imigrantes na estação ferroviária da Hospedaria de Imigrantes São Paulo, 1908. Autor: Não consta. Local: São Paulo/



Acesse para conhecer o livro
Força Italiana - Histórias de família



6.1 Com sonho e coragem de Bernardino, família Pisani criou sorvete centenário

A história da família Pisani tem doçura e força na mesma medida.

Seu Bernardino ficou conhecido pelas ruas de Ribeirão Preto vendendo sorvetes com um carrinho. Quando abriu sua primeira sorveteria, não precisou de propaganda para conquistar a clientela. Até hoje há quem se lembre com saudade do seu gelato.

A ideia surgiu sem avisos. Ele havia trabalhado a vida toda na lavoura e, assim, sem planejamentos, decidiu mudar de ramo.

Não acertou a receita de primeira — e nem de segunda ou terceira. Foram várias as tentativas. Até que um dia, também sem avisos, lá em 1921, acordou dizendo para a esposa Lisa que havia sonhado com a combinação perfeita. Colocou em prática e deu certo.

Por isso, na família Pisani, o sorvete que se tornou centenário nasceu por um sonho em sentido duplo: o desejo de empreender e a receita que surgiu como um assopro.

Essa é a história que Orlando Pisani, filho do italiano, passou a infância a ouvir e a vida toda a replicar. Com sorvete, Bernardino criou Orlando e outros seis filhos. O ofício que nasceu pela insistência chegou até a terceira geração da família, que deixou a cidade de Benevento, região de Campania, em busca de trabalho, por volta de 1900.

Bernardino tinha 8 anos e veio com o pai, a mãe e uma irmãzinha. Foram trabalhar nas lavouras de café. Orlando não sabe ao certo quando seus pais deixaram a fazenda e partiram para a cidade. Quando nasceu, em 1935, a família já vivia na área urbana de Ribeirão Preto e seu pai já vendia sorvetes havia 14 anos.

Depois que a receita funcionou, seu Bernardino arrumou um carrinho simples e saiu vendendo as delícias pelas ruas da cidade na companhia de seu irmão, Carmo. Por volta de 1942, os dois

abriram a primeira sorveteria da família, na rua Saldanha Marinho, 98.

São as palavras orgulhosas do filho Orlando, que seguiu os caminhos do pai. A sorveteria, que começou no quintal de casa, tornou-se indústria e, até 2025, continuava, com a administração de Renato, filho de Orlando, terceira geração dos Pisani.



Foto: Acervo da família Pisani.



Foto: Acervo Daniela Penha.

“Três coisas eram importantes em Ribeirão, nessa época: o chope do Pinguim, o salgado do Carioca e o sorvete do Bernardino.”
Orlando Pisani

6.2 Família Del Lama chegou a Ribeirão em 1897 e criou grandes negócios



Foto: Acervo da família Del Lama.



Foto: Acervo Daniela Penha.

Para os primos Geraldo e José Luiz Del Lama, encontrar as raízes da família, que deixou a Itália em 1897, foi uma missão essencial. Viajaram até a Itália mais de uma vez e, entre os achados, encontraram o brasão da família e um livro que confirmava a amizade de um dos Del Lama com o pintor Sandro Botticelli. Guardaram os registros como relíquias de uma história feita de muita esperança e força.

A família Del Lama chegou ao Brasil de Vapor Arno, em novembro de 1897, no porto de Santos. Seguiram para a região de Bonfim Paulista, que naquela época era chamada de Colônia Preta. O avô, Eugênio, sua esposa, Filomena Colcelli, seus três filhos nascidos na Itália e mais três irmãos solteiros. Nas terras brasileiras, nasceram outros cinco filhos: uma grande família italiana.

Viveram em fazendas na região de Ribeirão Preto, trabalhando nas lavouras de café, até por volta de 1920, quando conseguiram comprar um grande imóvel nos Campos Elíseos. Ali, os filhos

“Eu fui para saber nossa descendência, de onde realmente começamos. É obrigação de toda família saber de onde saiu e contar sua história.”
Geraldo Del Lama

abriram seus negócios e é onde grande parte da família vive ainda hoje.

Entre os empreendimentos, teve grande destaque a loja Del Lama Acabamentos. Abriram o negócio em 1978, que logo se tornou uma das principais do ramo em Ribeirão e segue em atividade até hoje.

6.3 Música de Alexandre tem raízes fincadas na Itália com as famílias Mazzer e Peticarrari

Em 2015, quando foi convidado para assumir a coordenação do grupo *Memorie d'Itália*, o coral da Casa da Memória Italiana, Alexandre aceitou, sem dúvidas. Os acordes italianos vibram em suas raízes e memórias.

Em uma década, segue encantando os ouvintes mais exigentes. No repertório, clássicos da música italiana: “O sole mio”, “Parlami D'amore, Mariù”, “Nel Blu dipinto di blu”, “Maria, Marie”. Canções que carregam história em cada acorde.

Alexandre é o encontro de duas famílias italianas. Peticarrari, a do pai. Mazzer, a da mãe. Alexandre Mazzer Peticarrari tem legado em dobro!

Antônio Peticarrari, seu trisavô, deixou a comuna de San Severino Marche, por volta de 1890, para trabalhar na lavoura em Sertãozinho. Os Mazzer chegaram ao Brasil em 1887, de vapor Bourgogne, no porto de Santos. Partiram da região de Treviso, no Vêneto, e também escolheram Sertãozinho para viver. Trabalhavam na Fazenda da família Dumont, onde cresceu Antônio Mazzer, um dos filhos, bisavô de Alexandre.

Sílvia Mazzer e Vilson Peticarrari, pais de Alexandre, conheceram-se em 1979, na praça central de Sertãozinho, ponto de encontro da juventude. Alexandre é o filho mais velho do casal, que tem também uma filha, Ana Flávia.

Ele cresceu em cenário feito de festa, música, alegria e muita história italiana.

“ Todos ouviam muita música, rádio, fita cassete. Passei a infância tocando pianinho, gaita de brinquedo. ”
Alexandre Mazzer Peticarrari



Foto: Acervo família Peticarrari.

O que tem, então, no canto de Alexandre?
Toda a força – e o amor – italianos de suas famílias.



Foto: Acervo Daniela Penha.

6.4 Em Ribeirão Preto, Francesco Cammilleri construiu um pedacinho da Itália

Na cantina Bella Sicilia, mais do que a tradição da massa italiana, as paredes preservam as histórias de uma família e a força de um jovem que deixou a Itália sozinho, aos 30 anos, para esquecer a tristeza da guerra e reconstruir a vida.

Francesco Camilleri gostava de registrar seus feitos em fotografia. Hoje, dezenas de retratos estampam um dos restaurantes mais tradicionais de Ribeirão Preto, rememorando uma trajetória que teve partidas, encontros e empreendedorismo.

No retrato de despedida, a grande família estava reunida em Licata, Itália. Vinte e três pessoas e um cachorro no adeus fotografado de Francesco, em 18 de agosto de 1954.

Na Sicília, ele trabalhava como aprendiz de confeitiro e sorveteiro. Aprendeu a arte da culinária fazendo muitos torrones, cannolis e spumoni em confeitarias de Licata.

O pai, Salvatore Cammilleri, serviu na Primeira

Guerra Mundial, e Francesco na Segunda. Foi motorista de tanque. O assunto era quase proibido. Só gostava de relembrar dos pratinhos brasileiros, incentivo para vir ao Brasil. Um dos amigos forjou um emprego, exigência para que se apossasse em solo brasileiro.

Francesco chegou ao porto de Santos na manhã do dia 7 de setembro de 1954 e partiu para a capital paulista. Saiu batendo na porta de restaurantes italianos e, em seu primeiro dia no Brasil, foi contratado pelo famoso restaurante Fasano.

Na capital, também começou a empreender. Montou uma sorveteria e depois, em sociedade com três amigos, sua primeira cantina. No final da década de 1950, saiu em viagem pelo interior à procura de um lugar onde quisesse ficar – e montar um negócio só seu. Escolheu Ribeirão Preto e foi pioneiro na gastronomia ítalo-ribeirão-pretana.

Foto: Acervo família Cammilleri.



Trouxe pizza brotinho, massas para comer na hora ou levar para casa e o frango assado, com filas na porta do primeiro espaço que abriu, no Centro de Ribeirão Preto, em frente ao Cine Centenário, em 1959.

Há 30 anos, a Bella Sicília funciona na Avenida Independência, também na região central. É uma das mais tradicionais cantinas de Ribeirão Preto. O afeto está em cada tempero.

“Meu pai deixou para a gente a propriedade, o nome, a vida. Fica a saudade e a lacuna aberta. A gente sente falta não só do pai, mas do amigo, do patrão. É um legado.”
Francisco Cammilleri



Foto: Acervo família Cammilleri.

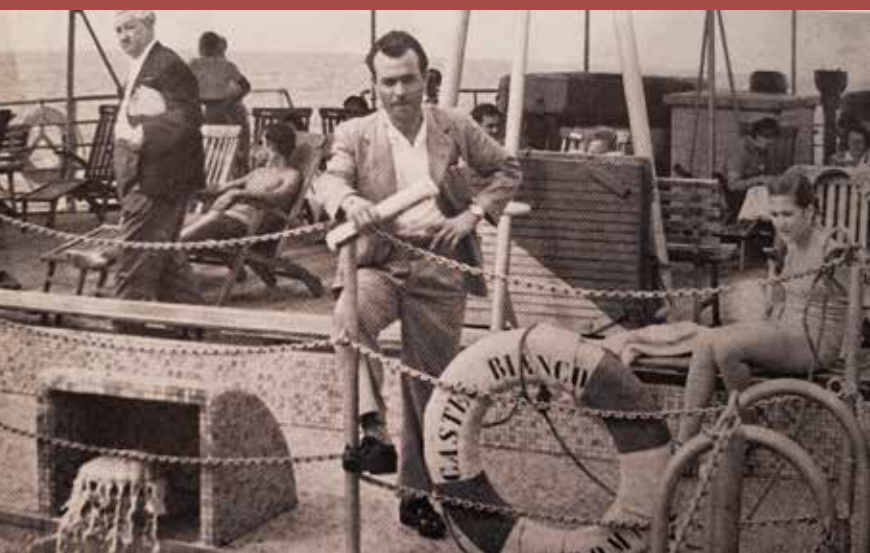


Foto: Acervo família Cammilleri.



Foto: Acervo Daniela Penha.



Foto: Acervo Daniela Penha.

6.5 Fábrica de ladrilhos da família Spanó foi pioneira em Ribeirão Preto

Muitos dos lugares mais importantes de Ribeirão Preto tiveram seus espaços revestidos com os ladrilhos coloridos e pioneiros fabricados na Indústria e Comércio Antônio Spanó e Filhos. A Escola Otoniel Mota, a Casa de Portinari, a Igreja da Vila Tibério, a Catedral, são alguns deles. Vez em quando, a família ainda encontra ladrilhos em novos locais, somando mais histórias.

Eles foram proprietários de uma das maiores fábricas de ladrilhos hidráulicos da cidade, em funcionamento por quase um século de história. Trouxeram a tecnologia, até então inédita na região, e se tornaram conhecidas dentro e fora de Ribeirão Preto.

A história começou décadas antes, em 1897, quando Ferdinando Spanó e sua esposa, Maria Papaccinoli, deixaram Nápoles acompanhados dos cinco filhos, dentre eles Antônio.

Em 2 de maio de 1892, Laura, aos 9 anos; sua mãe, Itália Lisotto; sua irmã e sua tia, desembarcaram em Santos, de vapor Città di Gênova, para se encontrar com o pai, que já estava em solo brasileiro. Antônio e Laura conheceram-se na Praça XV e deram origem à família Spanó brasileira: 15 filhos nascidos em Ribeirão Preto.

A família de Antônio começou a trabalhar com reformas e construções logo quando chegou da Itália. Um recorte de jornal mostra que, no final de 1890, a prensa onde eram feitos os ladrilhos hidráulicos já estava funcionando, em Ribeirão. A grande fábrica ficava na rua Gonçalves Dias, na Vila Tibério, o bairro operário da cidade.

A casa da família, onde moram as melhores recordações dos primos, estava localizada em frente à fábrica. Ali havia sempre uma delícia no fogo. Balões para Santo Antônio em dia de festa. Projetor transformando a sala da casa em cinema, aos domingos. A parreira de uvas enfeitando o

terraço. Fins de tarde com pizzas saindo do forno e uma lista de receitas afetivas na farta cozinha: minestrone (sopa), gnocchi (nhoque), polenta.

**“Lá era um pedacinho da Itália!”
Antônio Sérgio Spanó**

Hoje, a memória é saudade.



Foto: Acervo família Spanó.



Foto: Acervo Daniela Penha.

6.8 Ana Lúcia Robazzi Bignelli é a guardiã das memórias de suas famílias italianas

Na casa de Ana Lúcia, a história encontra espaço para ficar. Está presente em registros, fotos, quadros, mas também nas memórias que não se pode pegar. Vibram e chegam como saudade.

Ana Lúcia Robazzi Bignelli carrega os sobrenomes de duas grandes famílias italianas. Além dessas, porém, há outras várias entrelaçadas no passado. Bisavós, avós, tias, tios. Ricci, Bertochi, Bonin, Bergamin, Michelin.

Décadas atrás, ela começou uma busca por suas raízes - que, acredita, nunca terá fim. Na primeira tentativa de encontrar registros de suas famílias, pela internet, passou uma madrugada inteira acordada, atônita e empolgada com as muitas informações disponíveis em plataformas que reúnem pessoas que, assim como ela, querem reencontrar o passado-presente. Também fez questão de ir pessoalmente à Itália, conhecer o Vesúvio de Nápoles que estampava um quadro na sala da avó, o rio Sile, a poesia de Treviso.

- É muito triste uma família sem memória. A história para mim é a essência de tudo. Você não pode se desligar totalmente do seu passado. É importante saber o que meus antepassados fizeram.

Os Robazzi viviam na região de Génova, Liguria. Devido aos conflitos políticos no país, decidiram tentar uma vida melhor no Brasil e se fixaram em Santa Rosa do Viterbo. A bisavó paterna, Angelina Bertochi, embarcou noiva, da região de Mântua, e desceu viúva, no porto de Santos. O noivo ficou doente e faleceu no navio. Em São Simão, cidade onde foi morar, ela conheceu Pedro Bignelli, que também havia deixado a Itália.

Pedro e Angelina casaram-se em São Simão, no dia 2 de janeiro de 1902, e tiveram três filhos. O avô de Ana, Felício Bignelli, nasceu em 1906. Ele foi taxista em Ribeirão Preto, com ponto na esquina das ruas Álvares Cabral com a Duque de Caxias,

conforme mostra o cartãozinho guardado por Ana. Em Ribeirão, a trajetória seguiu se desdobrando - e continua.

Muitas histórias que se entrelaçaram em terras brasileiras e que Ana faz questão de guardar.

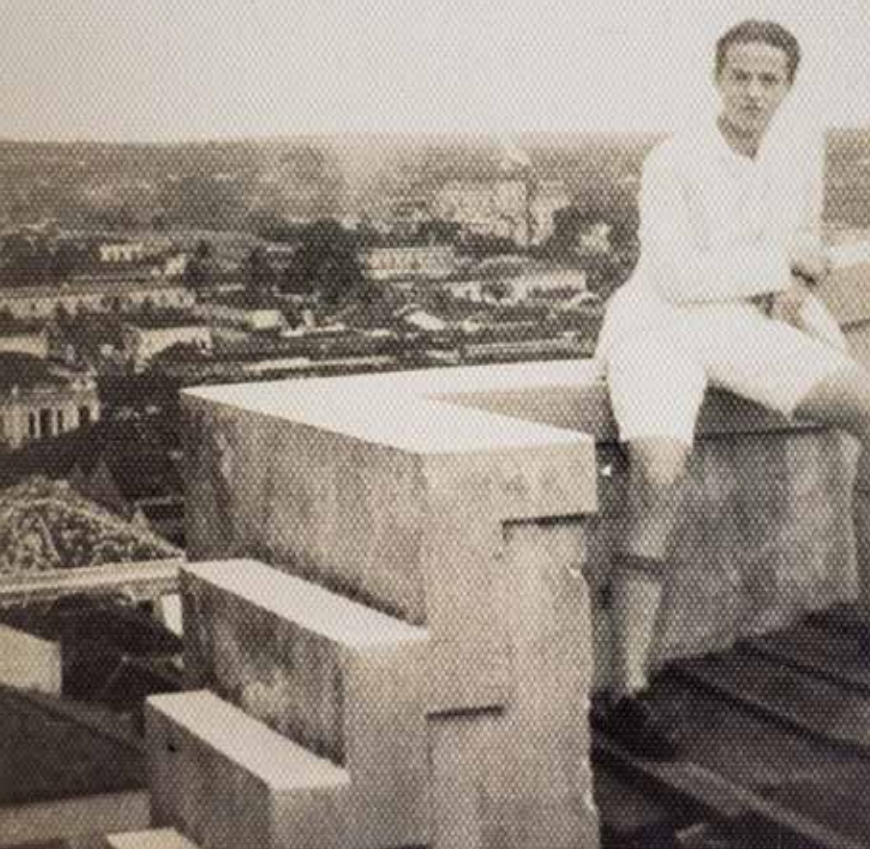
Foto: Acervo família Bignelli.



Foto: Acervo Daniela Penha.



“ É muito triste uma família sem memória. A história para mim é a essência de tudo. Você não pode se desligar totalmente do seu passado. É importante saber o que meus antepassados fizeram. ”
Ana Lúcia Robazzi Bignelli



6.6 História da família Gallucci se entrelaça com a do Grande Hotel, no Edifício Diederichsen

Nas memórias de Bruno Gallucci, morava um hotel em duas fases distantes. Na primeira, um espaço efervescente, repleto de grandes nomes e encontros. Depois, a casa para onde ele tentou retornar. A história, porém, já não morava mais lá. E ele precisou partir.

A torre do Grande Hotel Gallucci, no Edifício Diederichsen, centro de Ribeirão Preto, foi a casa do italiano Bruno Gallucci por cerca de 14 anos. Ele, seu pai e sua mãe foram os primeiros a ocuparem o empreendimento, em 1937.

Seu pai, Giuliano Gallucci, foi o primeiro proprietário do Grande Hotel, que levava seu nome e se tornou conhecido em todo o estado de São Paulo, hospedando do presidente Getúlio Vargas a grandes artistas da época. Ele deixou a Calábria muito jovem em busca de uma vida melhor e, depois de idas e vindas, se encontrou em Ribeirão Preto.

O Diederichsen, morada do negócio, foi o primeiro edifício vertical multifuncional no interior do Brasil. Bruno, com 14 anos e recém-chegado da Itália, acompanhava tudo, atento. Recordava a imagem de Getúlio no elevador, indo para o jantar.

Viveu o Edifício Diederichsen no auge de sua inauguração e, depois, por volta de 2005, voltou a vivenciá-lo, de outro lugar. Alugou um apartamento do grande prédio, já machucado pelos anos, e morou mais de uma década por ali.



Foto: Acervo família Gallucci.

Só saiu em 2018, quando a administradora do local pediu os apartamentos para reformá-los e transformá-los em um centro cultural. Relutou bastante antes da partida e ainda fala com pesar do grande edifício, desocupado e sem funcionalidade.

Bruno lembrava-se com detalhes do Centro suntuoso de Ribeirão Preto, feito pelos palácios do Dr. Camilo de Matos, pela grande casa da Sinhá Junqueira, pelo palacete de Innechi, Pinguim, Cafeteria Única e, em frente, o Diário da Manhã.

Alguns desses estabelecimentos seguem ainda hoje, como marco na história. Outros se foram com o tempo, como o hotel de Bruno.

Bruno Galucci faleceu no dia 6 de maio de 2020. Suas memórias – preservadas em texto – ficam como legado.

“Tem um provérbio francês que diz: tudo passa, tudo se apaga e tudo se substitui. É assim. Você só pode ter em seu coração a lembrança da juventude, a saudade de alguns momentos.”
Bruno Gallucci

Foto: Acervo Daniela Penha.



6.7 Memórias da família Amêndola contam a história do movimento cultural em Ribeirão

Érica Amêndola hoje é saudade, assim como seu pai e toda sua vanguarda cultural. Quando o livro *Força Italiana* foi escrito, em 2020, ela foi a porta-voz da família Amêndola. Suas lembranças misturavam poesia e admiração por Francisco Amêndola.

“Se eu não aprendesse pelos livros, aprenderia por osmose.”
Érica Amêndola

Assim ela definiu sua rotina desde a infância. Filha de artista, cresceu rodeada pelos grandes nomes que fizeram de Ribeirão Preto um polo cultural, na década de 1950. Seu pai, Francisco Amêndola, descendente de italianos, apaixonado pela cultura da Itália, deixou legado como pintor, ilustrador, publicitário, fotógrafo; incentivador das artes.

A casa onde Érica viveu com o pai, a mãe e o irmão recebia artistas diariamente. A mãe, Irene Crespi Amêndola, também descendente de italianos, cozinhava em panelas enormes, já esperando as visitas diárias. Viviam no final da rua Altino Arantes, região onde hoje é o Boulevard e que, na época, terminava no horizonte, sinalizando que a cidade chegara ao fim.

De frente, ficava a casa de Bassano Vaccarini, pintor e escultor italiano que chegou ao Brasil após a Segunda Guerra e, no final da década de 1950, foi convidado pelo então prefeito de Ribeirão Preto, Costábile Romano, a restaurar prédios da cidade.

Os artistas de fora vinham participar das festas calorosas que atravessavam a madrugada e tinham a casa dos Amêndola como um dos palcos.

Com outros parceiros das artes, Francisco Amêndola fundou o Atelier 1104, na rua Álvares Cabral, região central de Ribeirão. Mais um reduto para as aulas que aconteciam durante o dia e as festas que despontavam na noite. Ele se tornou um dos responsáveis pela movimentação cultural que fez Ribeirão conhecida – e desejada – por artistas de todo lado.

“Ali nasceu o movimento cultural de Ribeirão Preto!” – Érica Amêndola

Érica contou, orgulhosa.

Ela faleceu em abril de 2024, por um câncer. Sua história – e de sua família – estão registradas como um bonito legado.



Foto: Acervo da família Amêndola.

“ Eu sou muito italiana,
porque vem de mãe e de pai.
Estive em Roma e me senti
em casa.

Tem muito drama,
os almoços, os encontros,
a livre expressão.

Somos um povo muito
cheio de expressão.

Não temos timidez.”

Érica Amêndola



Foto: Obra A bicicleta. Francisco Amêndola.

Foto: Acervo fDaniela Penha.



6.9 Serralheria Pasqualin funcionou por 80 anos — e deixou legado

Para rememorar a história, a família Pasqualin reuniu-se em peso, com mesa farta e cheiro de pão de queijo tomando conta da casa. Ali, quatro gerações somaram memórias e muita saudade.

Mariana, que tinha 15 anos na época, era a caçula na casa. Escutava tudo atenta, registrando

a história que, muitas vezes, mora só nas memórias colocadas em fala. Magdalena Pasqualin era a matriarca: neta de Antônio, tia de Décio Antônio, mãe de quatro filhos, entre eles Mônica e Fátima, que estavam presentes para a entrevista, avó de Mariana.



Fotos: Acervo família Pasqualin.





Foto: Acervo Daniela Penha.

A história que foi transmitida entre as gerações conta que Antônio Pasqualin já era ferreiro lá na Itália, comuna de Lonigo, província de Vicenza. Aos 23 anos, embarcou com destino ao Brasil. Veio de vapor Fanfula e já desembarcou com o coração capturado. Conheceu Thereza Viola na embarcação. Ela, aos 25 anos, partiu de Veneza, Itália, com os pais e irmãos.

Em São Paulo, casaram-se e tiveram cinco filhos. Há um registro original da serralheria, como empresa, com data de 1924. Em matérias antigas de jornais, consta que, já em 1917, Antônio abriu sozinho uma pequena oficina, na rua Álvares Cabral, 58, como início da grande serralheria que se tornaria no futuro.

A família Pasqualin ficou conhecida em Ribeirão Preto, na região e até em outros estados do Brasil, pela oficina de serralheria pioneira em São Paulo no trabalho com ferro e alumínio. Foram

mais de 80 anos em funcionamento, produzindo desde fechaduras, portas e janelas, a enormes rodas-gigantes e carrinhos tromba-tromba, que, antes da entrega, eram testados pela criança da família e da vizinhança, com muita expectativa.

Uma história centenária e que enche quem viveu de nostalgia. São lembranças muito boas... eles deixaram um legado, nas palavras de Magdalena.

“Eles nos deixaram uma história de honestidade. A gente tenta passar isso para os nossos filhos, mas não vamos conseguir da mesma forma que eles nos passaram.”

Décio Antônio Pasqualin

6.10 História de Antônio Sartore com a Dante Alighieri começou com seu pai Matteo, 80 anos atrás

A família Sartore escreveu com a Sociedade Dante Alighieri, uma história que já soma quase 100 anos e está registrada em fotos nas paredes da sede, na rua São Sebastião, centro de Ribeirão Preto.

Matteo Sartore foi funcionário da instituição e morou por um bom tempo em uma casinha que ficava na sede, no Centro de Ribeirão. Depois, tornou-se sócio da instituição e lá permaneceu até falecer, em 1965.

Quando partiu, não imaginava que seu filho, Antônio Sartore, se tornaria o primeiro cidadão brasileiro, descendente de italiano, a assumir a presidência da sociedade.

Foi preciso persistência para alterar o regimento da instituição, que nasceu em 1903. Até então, somente italianos podiam integrar a diretoria.

Seu pai Matteo e a esposa vieram da Itália para o Brasil com as filhas pequenas e nenhum dinheiro. Ele trazia na bagagem a tristeza da Primeira Guerra Mundial. Combateu, foi preso pela Alemanha, viveu em um campo de concentração, passou 25 meses longe de casa. Quando retornou, casou-se com a noiva Elisa, após meses de tão amarga espera.

Em 1923, com duas filhas pequenas, decidiram partir para o Brasil. Embarcaram no Vapor Formosa, em 19 de dezembro de 1923, e chegaram ao Rio de Janeiro em 7 de janeiro de 1924. A vida em terras cariocas não deu certo e eles seguiram para Ribeirão Preto.

Foram viver em uma casa alugada no antigo “Barracão”, que hoje é o bairro Ipiranga. Ali ele abriu uma sapataria, com dinheiro emprestado. Com as contas muito apertadas, no entanto, pediu auxílio ao Consulado Italiano e, por volta de 1930, foi convidado para trabalhar na instituição, que na

época funcionava no mesmo prédio da Sociedade Dante Alighieri. Começou, assim, a história que já soma quase 100 anos de laços e afeto.

Foto: Acervo família Sartore.



Foto: Acervo Daniela Penha.



“Eu gosto de conhecer o passado para entender o presente e imaginar o futuro. Nós somos uma soma do nosso passado com o nosso presente.”

Antônio Sartore

6.11 Dora escreveu um livro para guardar a história de afeto da família Fascino e seu famoso pão

Quem provou o pão de receita italiana da Padaria e Pastifício Sul América garante que não se esquece. O estabelecimento, da família Fascino, ficou conhecido e querido em Ribeirão Preto e região.

Doracy Fascino decidiu guardar não só a receita do pão – que fica a sete chaves – mas também a trajetória da sua grande família, pelas memórias da sua tia Ignez. Escreveu um livro com fotos e relatos. A receita? Isso ela não publicou!

Seus avós, Amália e Francesco, viviam em Nápoles, mas só se encontraram no Brasil, mais precisamente no Brás, reduto para os imigrantes em São Paulo. Casaram-se em 13 de novembro de 1897, já em Ribeirão Preto, onde há anos vivia o irmão dela.

Abriam a primeira padaria no bairro Campos Elíseos, avenida da Saudade. Com o sucesso do trabalho, conseguiram adquirir um terreno próprio na rua Américo Brasiliense com a Cerqueira César, Centro, por volta de 1920, local onde permaneceram até a década de 1950.

Os Fascino também tiveram outras filiais da padaria pela cidade. Dora diz que eles foram pioneiros no serviço de delivery, com uma carroça, que logo foi adaptada, pelo avô, para um carro, com rodas ainda em madeira, para agilizar os envios.

A padaria foi fechada na década de 1950, após o falecimento dos avós e de um dos tios.

A história vive agora nas memórias de Dora e, vez em quando, sai para passear no pão – de receita original – que ela coloca no forno para relembrar o tempo que passou. A saudade é como fermento: cresce e cresce.

Foto: Acervo família Fascino.



Foto: Acervo Daniela Penha.



“ A vida de uma pessoa é aquilo que ela se lembra. Na nossa casa, não focalizamos em tristezas. A gente conta a vida, porque é transformação.

Tristeza é estagnação. Você fica parado no tempo e no espaço. ”

Doracy Fascino

6.12 Arte de Elson Sposito tem raízes nas heranças italianas



Foto: Acervo da família Sposito.



Foto: Acervo Daniela Penha.

Depois que se conhece o trabalho de Elson Sposito, é fácil reconhecer quando uma obra é dele. Coloridas, vibrantes e cheias de delicadeza. As esculturas, feitas com arame, silicone e outros materiais reutilizados, já viajaram pelo mundo e lhe trouxeram prêmios.

Há muita história em cada peça, em cada traço. As raízes do que o artista produz estão nas memórias da família italiana que se misturam à trajetória brasileira de Elson.

O avô materno, Vicente Aloj, nasceu em

Cosenza, comuna na região da Calábria, e deixou a Itália por volta de 1915, como desertor da guerra. A avó materna, Francisca Ritano, nasceu em Catanzaro, outra província da Calábria e veio para o Brasil já adolescente.

Na família paterna, o bisavô, Salvatore Sposito, e a bisavó, Rosa, não deixaram muitas informações sobre a partida da Itália. Elson sabe apenas que eram da região da Calábria. De todos, ele recebeu o laço com as artes.

Os avós paternos tiveram uma encadernadora de livros na rua Sete de Setembro, Centro de Ribeirão. Costuravam as capas duras à mão, com linha e carinho. O pai de Elson pintava telas, que hoje estão expostas nas paredes da casa do filho.

Um de seus tios teve uma fábrica de bonecas chamada Urubatan, na Vila Tibério. O pai de Elson criava as fôrmas e sua mãe costurava os vestidos, fazia os cabelos, a maquiagem e também restaurava peças.

Hoje, ele coloca nas esculturas que faz toda a herança de afetos que teve. Começou confeccionando peças para a esposa, Bete, usar com seus alunos em sala de aula. Usava todo tipo de material para as obras. Caixas, vidros, coisas que ia pegando no autopeças. Quem via, se encantava e perguntava logo quem era o artista.

Quando a esposa se aposentou, Elson começou a produzir suas obras, que logo se tornaram conhecidas e queridas. As inspirações são muitas: brincadeiras, Portinari e, claro, as memórias italianas. Uma criação com afeto e história!

“Quando alguém elogia o meu trabalho é o trabalho deles que estão elogiando também: dos meus pais, meus avós. Estou dando continuidade ao que eles começaram.

Ficou tudo lá, incubado.”

Elson Sposito

6.14 Marcelo Ciciarelli: medicina, música e culinária têm raízes na história italiana

Marcelo Ciciarelli divide a rotina entre a Medicina, profissão que escolheu, e a gastronomia, hobby que tem seu encantamento. Os dois fazeres vieram como herança de família. A descendência italiana é evidenciada na história e no dia a dia do médico.

Na neurologia, seguiu os caminhos do pai, Francisco de Assis Ciciarelli, que se formou na Universidade de Medicina de Ribeirão Preto, da Universidade de São Paulo (USP), e, conforme o filho conta, cheio de orgulho, foi o primeiro residente em neurologia da cidade.

Marcelo diz que a vontade de ser médico, como o pai, vem desde a infância. Assim como, desde pequeno, via a família se reunir à mesa para comer e celebrar, com as raízes italianas. Nessa família, há ainda outra paixão forte. Seu avô, Ovídio Ciciarelli, foi um músico consagrado em São Simão e Ribeirão Preto.

Ele deixou Cosenza, comuna de San Pietro in Amantea, na Itália, por volta dos 2 anos de vida, em 1904. Partiu com os pais Pascoale e Maria Guido, e os irmãos. Fixaram-se em São Simão. Na cidadezinha da região de Ribeirão Preto, cresceu e se tornou querido. Aos 8 anos, já tocava em bandas da cidade. Fez história na música.

Mesa farta e música boa de trilha sonora: nas heranças de Marcelo, estão afetos de riqueza incalculável.

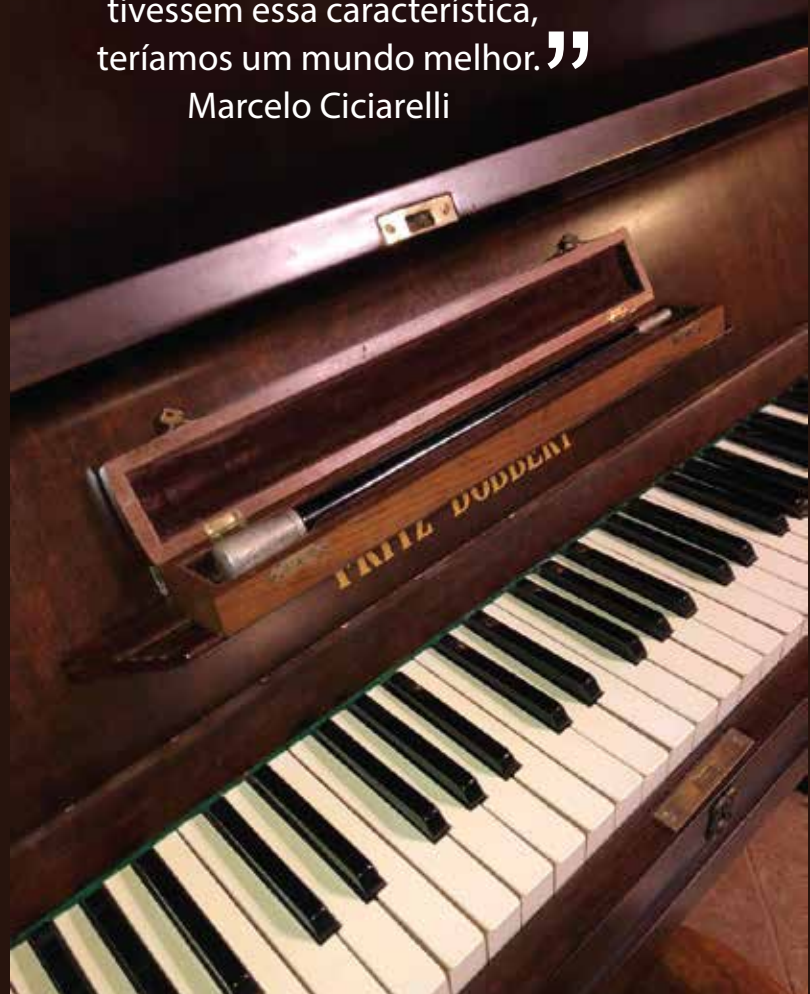
“ A família é a parte mais fundamental da sociedade. A célula mais importante. Conseguir que a família esteja unida, em harmonia faz com que a sociedade seja melhor. Se todas tivessem essa característica, teríamos um mundo melhor. ”
Marcelo Ciciarelli



Foto: Acervo família Ciciarelli.



Foto: Acervo Daniela Penha.



6.13 Vincenzo Spedicato deixou a Itália aos 21 anos e empreendeu no Brasil

Vincenzo Antônio Spedicato deixou a Itália sozinho, aos 21 anos, prometendo voltar. A mãe sabia que a promessa não iria se realizar. No Brasil, ele criou uma empresa com atuação mundial, construiu família e fez morada.

Quando partiu de Veglie, província de Lecce, já estava formado em Engenharia Elétrica. O jovem, que sempre fora um menino estudioso, não demorou a se destacar como funcionário de uma empresa de telefonia.

Viajava pelo país, no tempo em que o telefone ainda era de manivela nas cidades do interior. Esteve em Orlândia para implantar o sistema de telefonia de uma empresa, e se encantou. A pequena cidade paulista trazia lembranças da sua cidadezinha italiana.

Decidiu ficar.

Pediu demissão e, em 1973, fundou sua própria empresa: Intelli (Indústria de Terminais Elétricos), com cinco funcionários. Hoje, a empresa tem quatro complexos fabris e exporta produtos para mais de 60 países.

O coração de Vincenzo continua dividido entre a terra natal e a que o acolheu como filho. Vice-presidente da Casa da Memória Italiana, participou da fundação da instituição, como forma de guardar as histórias das suas raízes.

No Brasil, também cultivou paixões. O futsal é uma delas. Foi encantamento ao primeiro gol. Criou o time de futsal de Orlândia e, como presidente e financiador, viu a equipe conquistar prêmios e se tornar conhecida Brasil afora.



Foto: Acervo família Spedicato.

Para conseguir amenizar a saudade de casa, que nunca foi embora, precisou criar estratégias. Diz que comer macarrão todos os dias é uma delas. Também é apaixonado pela música italiana, que lhe foi apresentada pelo avô, e faz questão de visitar a Itália anualmente.

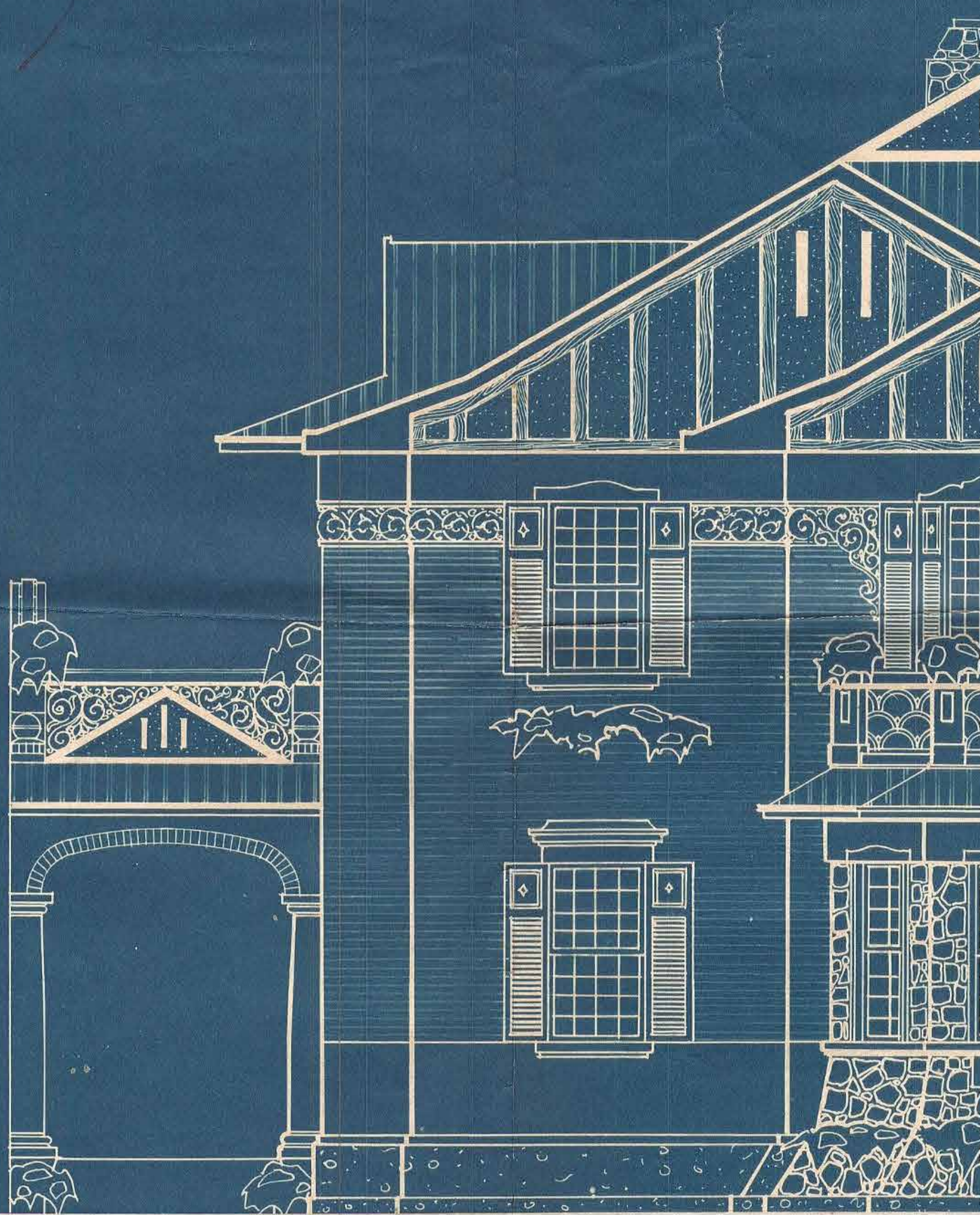
O homem tem memória curta. Um monumento é lembrar de alguma coisa que aconteceu. Se não houver o monumento, o homem perde a história, um elo de sua vida, e perderá a si próprio. Reverenciando o passado, cultiva a sua história.

“Ninguém pode olhar para frente sem olhar para trás. A vida é uma corrente. Se você perder algum elo, se perde.”

Vincenzo Spedicato

Foto: Acervo Daniela Penha.





PARTE 2

A casa e sua arquitetura:
Uma referência a ser
preservada



Figura 1.
Elevação
principal
Fonte: Arquivo Público e
Histórico de Ribeirão Preto
(1923).

7. A casa como objeto de conhecimento

O bem cultural tem matrizes no universo dos sentidos, da percepção e da cognição, dos valores, da memória e das identidades, das ideologias, expectativas, mentalidades, etc. Todavia, as representações, para deixarem de ser mero fato mental ou psíquico e integrarem a vida social, precisam passar pelo mundo sensorial [...] Sem as práticas sociais, não há significados sociais. Mas também não há significados sociais sem vetores materiais.²⁰

Visitar o Museu Casa da Memória Italiana pela perspectiva dos sentidos é deixar-se envolver por sua materialidade: o ranger, sob os pés, do tabuado de madeira da magnífica escada de ipê; a pressão, o estalar, em cada cômodo, fazem com que se

sinta cada fresta aumentar e diminuir. As cores, texturas, luzes e sombras, os ornamentos decorativos e pinturas parietais, conduzem nossos sentidos. Ao caminhar e reter nosso olhar em cada detalhe, percebemos a casa viva: a casa respira.

Figura 2 – O hall de entrada. Fonte: Otávio Leite (2015).



Essa vivacidade sensível também é dada pela permanência dos objetos, que compõem sua ambiência. A experiência física do habitar articula-se de forma indissociável à memória afetiva e à autenticidade conferida pelo tempo vivido. Isso nos remete a um trecho do livro do professor Carlos Lemos, que defende que uma casa só adquire personalidade e autenticidade documental quando é vivida e equipada com os objetos que mantêm suas relações originais²¹. A retirada desses elementos esvazia seu significado, e mesmo que reconstituídas em museus, tais ambientações revelam uma artificialidade estática, distante da marca humana. Lemos utiliza como referência uma rica moradia localizada na rua Florêncio de Abreu, em São Paulo — preservada de forma autêntica, graças à última moradora, que manteve os objetos em seus lugares originais, refletindo o cotidiano de gerações passadas e criando uma atmosfera viva de tempo e memória.²²

O patamar de autenticidade do Museu Casa da Memória Italiana é raro e precioso. É adentrar um universo histórico em que cada artefato traz consigo as marcas de todo o tempo transcorrido naquele espaço. A aura, como dizia o filósofo Walter Benjamin, em "A Obra de Arte na Era da Reprodutibilidade Técnica", é o caráter único e inseparável da presença original de uma obra de arte em seu contexto espaço-temporal.

Em cada cômodo, os sentidos são arrebatados desde a entrada principal lateral, passando pela porta com folha dupla e vitrais, onde se observa o piso, o forro e os móveis do hall. A escada! A lembrança do piano na sala de música, com sua ornamentação classicizante, as boiseries francesas com acabamento matelassé. Ah... "a sala dourada", utilizada como sala de visitas: o universo e a atmosfera ali são diferentes, resplandecem, lembrando os interiores rococó dos palácios franceses. Já o sóbrio escritório tem um tom sério, dado especialmente pelo verde-escuro das boiseries e pelo mobiliário masculino. E chega-se à sala de jantar, maior espaço da casa, que se torna centro do

pavimento térreo, ao ligar-se com o hall, escritório, sala de visitas, cozinha e varanda externa, constituindo um espaço favorável de sociabilidade.

Figura 4 – A sala de jantar. Fonte: Otávio Leite (2015).



Figura 3 – A sala dourada. Fonte: Otávio Leite (2015).



Essa ambientação rica em detalhes e significados marcou profundamente a percepção do visitante, e motivou o projeto de extensão universitária, denominado “Formação do Arquiteto em Ações Sociais de Patrimônio Histórico”, e tornou possível conhecer, compreender e sistematizar as riquezas material e imaterial do palacete, de forma mais aprofundada. Nesse projeto, foram utilizadas como referência metodológica as pesquisas da Fundação Casa de Rui Barbosa, no Rio de Janeiro, com amplo levantamento cadastral arquitetônico.

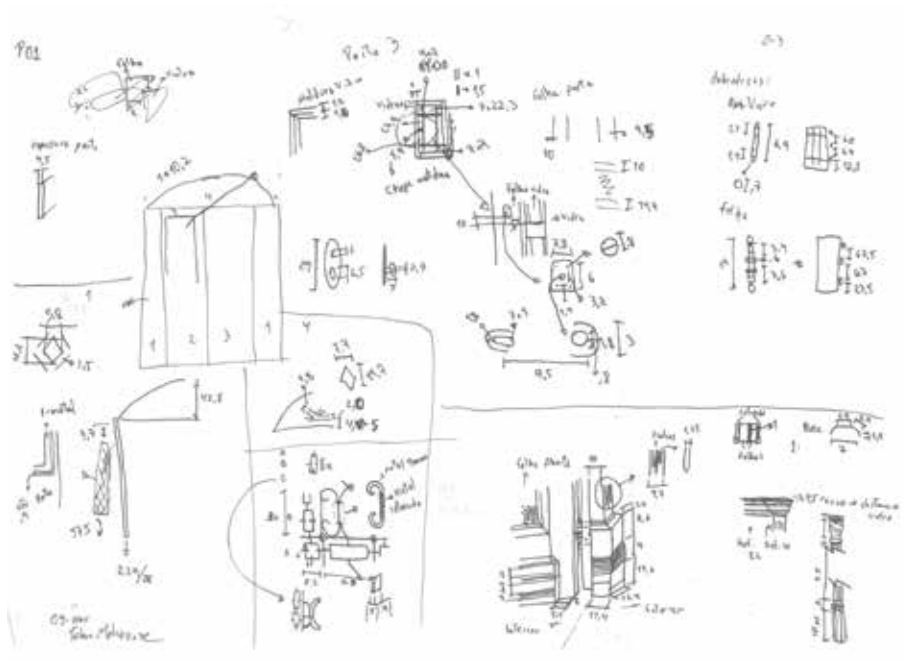


Figura 5 – Parte da equipe do projeto de extensão, formada por professores e alunos do curso de arquitetura do Centro Universitário Barão de Mauá. Fonte: Acervo do autor (2018).

Figura 6 – Croquis métricos dos elementos do palacete, elaborados pelos alunos da equipe do projeto de extensão. Fonte: Acervo do autor (2016).



[illegible]

91

A casa, como objeto de conhecimento, suscitou diversas questões, especialmente sobre os procedimentos metodológicos que permitiriam compreender uma residência da década de 1920, e desdobrou-se em alguns produtos, como as Diretrizes para Elaboração do Cadastro Arquitetônico e a publicação “Visita Ilustrada”. A partir desses estudos, compreendeu-se as diversas camadas de tempo e seus significados.



Figura 9 – Capa de um dos produtos desenvolvidos no âmbito do projeto de extensão universitária. Fonte: Acervo do autor (2018).

Figura 10 – Capa de um dos produtos desenvolvidos no âmbito do projeto de extensão universitária. Fonte: Acervo do autor (2019).



VISITA ILUSTRADA CASA DA MEMÓRIA ITALIANA

PROJETO FORMAÇÃO DO ARQUITETO EM AÇÕES SOCIAIS DE PATRIMÔNIO HISTÓRICO

FELIPE MALVASSORE; LUANA THEODORO; LEONARDO TOMAZELI

Figura 11– Desenho técnico da porta da entrada principal, elaborado pelos alunos da equipe do projeto de extensão. Fonte: Acervo do autor (2016).

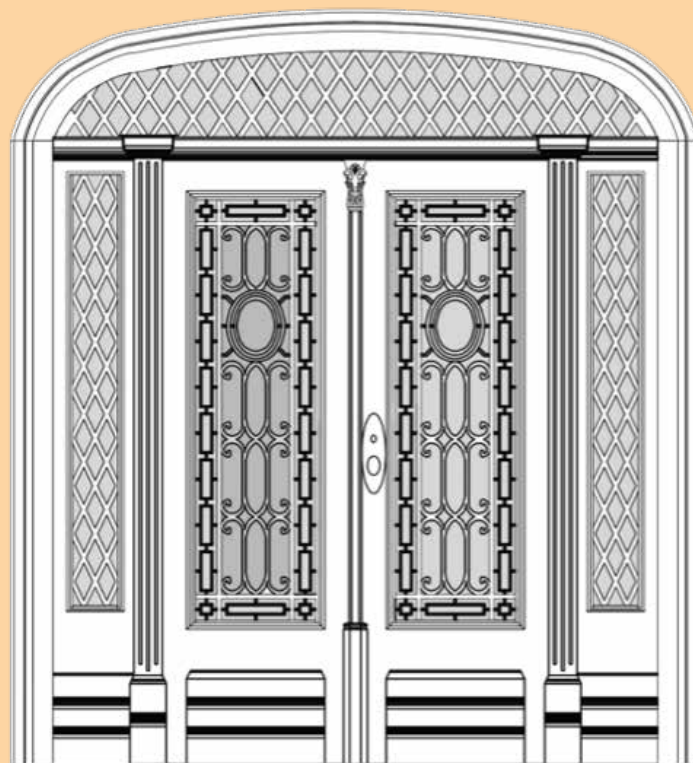
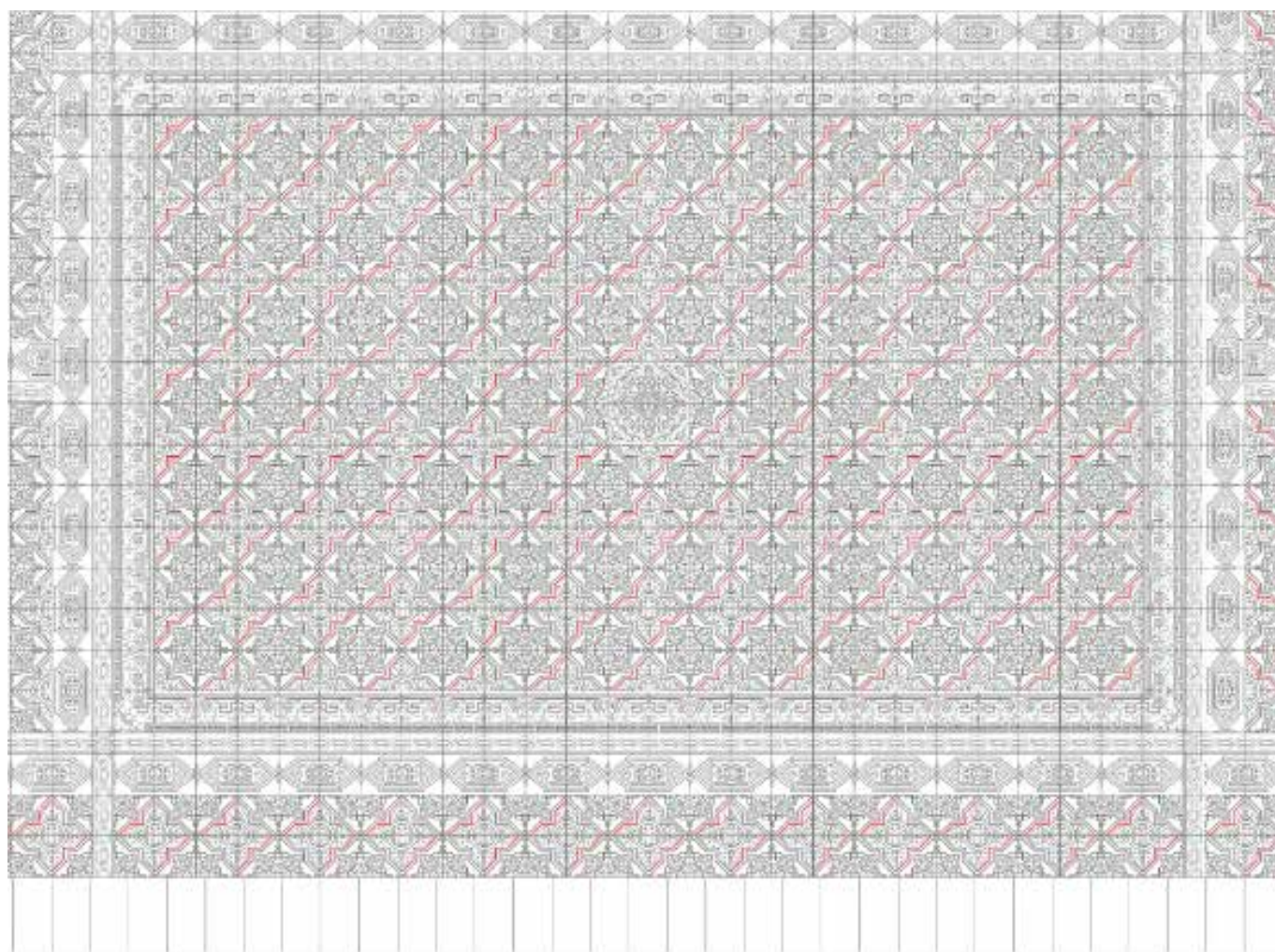
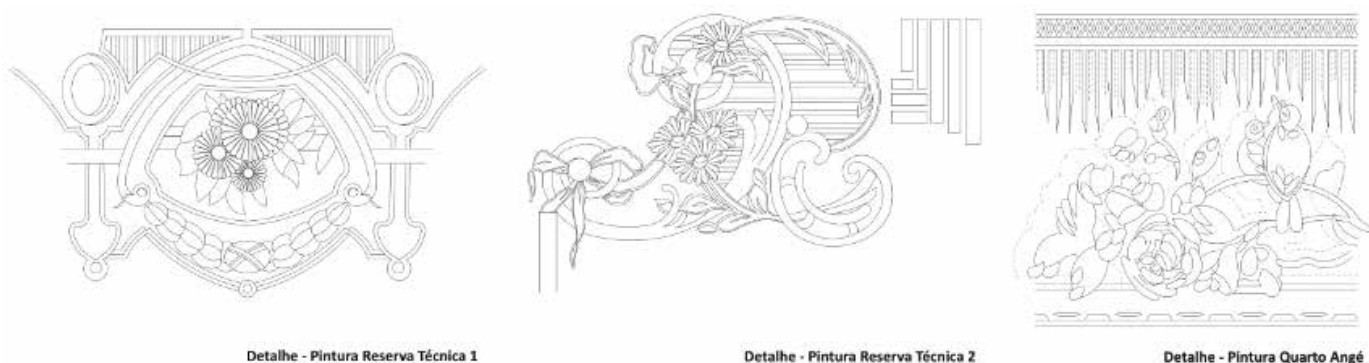


Figura 12 – Desenhos técnicos das pinturas parietais, elaborado pelos alunos da equipe do projeto de extensão. Fonte: Acervo do autor (2018).

Figura 13 – Desenho técnico da paginação do ladrilho hidráulico da varanda lateral, elaborado pelos alunos da equipe do projeto de extensão. Fonte: Acervo do autor (2018).

A experiência do Cadastro Arquitetônico foi singular e registrou, por meio de desenhos técnicos, toda a paginação dos pisos e forros, todas as esquadrias, assim como as pinturas parietais. Cada um dos alunos que participou do projeto deslumbrou-se com a autenticidade e a capacidade do palacete em transportá-lo ao passado. A satisfação de cada aluno e aluna era evidente, ao concluírem um registro documental.



Com esses amplos estudos e pesquisas sobre o Museu Casa da Memória Italiana, foi possível aprofundar o mapeamento dos elementos históricos, socioculturais, econômicos e tipológicos do palacete, por meio do projeto “Dossiê de Tombamento”, em 2021.

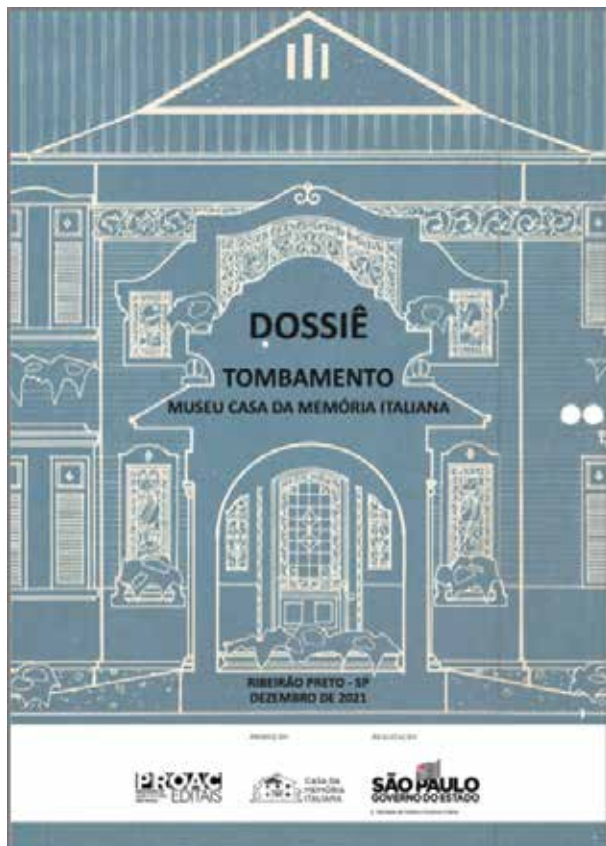


Figura 14 – Capa do dossiê

Fonte: Acervo do autor (2021).

O dossiê inicia-se com a contextualização histórica do bem, destacando seu papel no desenvolvimento socioeconômico e cultural de Ribeirão Preto entre o final do século XIX e início do século XX, período marcado pela expansão cafeeira, chegada da ferrovia, imigração italiana e as transformações urbanas ligadas ao ideário modernizador. Também são apresentados os levantamentos gráficos e fotográficos da edificação, com detalhamento de plantas, cortes e elevações, além do diagnóstico de conservação.

Nesse documento, foi possível aprofundar a análise tipológica da construção, pois evidencia características do palacete paulista, com influências francesas e elementos do ecletismo e do neocolonial, e elaborar uma discussão sobre a tipologia Bungalow, associada à edificação. Os materiais e sistemas construtivos, como fundações, pisos, telhados e esquadrias, com foco em seu estado de conservação, também foram apresentados, assim como as rotinas de conservação preventiva, com especificação de ações periódicas para a manutenção do imóvel.

A justificativa para o tombamento destacou valores arquitetônico, histórico e simbólico do bem, além de seu acervo original e da função do Museu Casa da Memória Italiana na preservação e difusão cultural. O dossiê encerrou-se com as previsões futuras, que incluem projetos de segurança, acessibilidade e infraestrutura, visando à proteção e valorização contínua do patrimônio.

Em 2023, foi o momento de os alunos produzirem conhecimento por meio de iniciações científicas, nas quais o Museu Casa da Memória Italiana foi o objeto de estudo. Na primeira pesquisa, intitulada “Ornamentos Externos do Palacete Museu Casa da Memória Italiana”, um levantamento detalhou os ornamentos externos do Palacete, e identificou as tipologias desses elementos encontrados nas fachadas, janelas e portas, incluindo as esculturas, os relevos, frisos, dentre outros detalhes. Esse entendimento aprofundado das características dos ornamentos contribuiu para a valorização do Museu Casa da Memória Italiana como significativo símbolo da cultura italiana em Ribeirão Preto.

Ornamentos Externos do Palacete Museu Casa da Memória Italiana

Autores: Paulo Sérgio Oliveira dos Santos¹, Henrique Telles Vichnewski²

^{1,2}Centro Universitário Barão de Mauá

¹paulosergiooliveira23@gmail.com – Arquitetura e Urbanismo, ²henrique.telles@baraodemaua.br

Resumo

O projeto de pesquisa aborda a análise e interpretação dos ornamentos externos do Palacete Museu Casa da Memória Italiana em Ribeirão Preto, SP. Originalmente representando o poder econômico do café pela família Meirelles e posteriormente adquirido pelos Biagi que é quem mantém a propriedade até os dias atuais, o palacete mantém sua integridade arquitetônica ornamental. O estudo envolveu coleta de dados históricos, documentais e inspeção visual detalhada dos ornamentos, destacando a importância da contextualização histórica para compreender os significados culturais e estéticos. O relatório dessa pesquisa ressalta a preservação ornamental estética do Museu Casa, concentrando-se nos ornamentos externos do palacete eclético construído entre os anos de 1923 a 1925.

Introdução

A análise dos elementos decorativos permitiu compreender a influência cultural europeia na arquitetura do Museu Casa e identificar tipologias arquitetônicas específicas presentes nas fachadas. O imóvel apresenta uma arquitetura com características e elementos de tipologia eclética com referências ao neocolonial simplificado, e foi projetado pelo arquiteto Arnaldo Maia Lello em 1923.

A "nova burguesia paulista, conformada pela elite cafeeira, que agora possuía perfil administrativo de vários investimentos, encontra o significado desta nova sociedade na civilização, ou seja, ser civilizado era possuir boas maneiras, saber e praticar a etiqueta (...) e seguir as regras de discrição e polidez" (GLERIA, 2013, p. 178).

Embora, apesar de tardio, se comparado com caracterização arquitetônica da época na capital paulista, a cidade de Ribeirão Preto começa, vagarosamente, a demonstrar sua posição rica e próspera expressa nos novos traçados, edificações e melhorias urbanas, ao menos, na área central. A adoção de uma ideologia arquitetural eclética e monumental alinhava-se com

os ditames da recém-instaurada República que, apropriada pela nova burguesia local, tinha como pretensão "demonstrar a nova posição da cidade através de uma arquitetura luxuosa", definida a partir de programa arquitetônico que expressasse "ordem, disciplina, contenção, equilíbrio, razão e nobreza"; e do eclético como: "dramaticidade, conforto, expressividade, luxo, emoção e exuberância" (GLERIA, 2013, p. 178-179).

A presença de símbolos e referências culturais europeias nos ornamentos externos reflete a importância da comunidade italiana em Ribeirão Preto e seu papel na formação da identidade local. Esses ornamentos desempenham um papel fundamental na preservação da memória e na valorização do patrimônio cultural, fortalecendo o sentido de pertencimento da comunidade italiana na região.

Podemos classificar as obras ecléticas paulistas e isso até seria válido para outras localidades brasileiras, em vários grupos digamos estilísticos; alguns de existências concomitantes, outros surgidos em sequência temporal. Todos, como é natural, com áreas limítrofes de transição caracterizadas pela superposição de elementos semânticos do vasto vocabulário historicista, o que dificulta, às vezes, uma apreciação correta. Praticamente todos esses grupos, uns mais, outros menos, surgiram no panorama arquitetônico a partir do "saber fazer" que não prescindia, em hipótese alguma, de materiais estrangeiros de impossível industrialização local. (LEMOS, 1987, p. 74)

O Palacete, com sua arquitetura eclética em 1923, não é apenas um testemunho do passado, mas um elo vivo que une as gerações presentes e futuras à história da cidade. Ao explorar o papel fundamental dos ornamentos externos na preservação da memória e na valorização do patrimônio cultural, este estudo visa contribuir não apenas para o entendimento do Palacete Museu Casa, mas também para enriquecer o diálogo sobre a importância da preservação do patrimônio em geral. A diversidade estilística, característica

Figura 15 – Artigo sobre a iniciação científica, publicado nos Anais do XVII Encontro de Iniciação Científica do Centro Universitário Barão de Mauá. Fonte: Acervo do autor (2024).

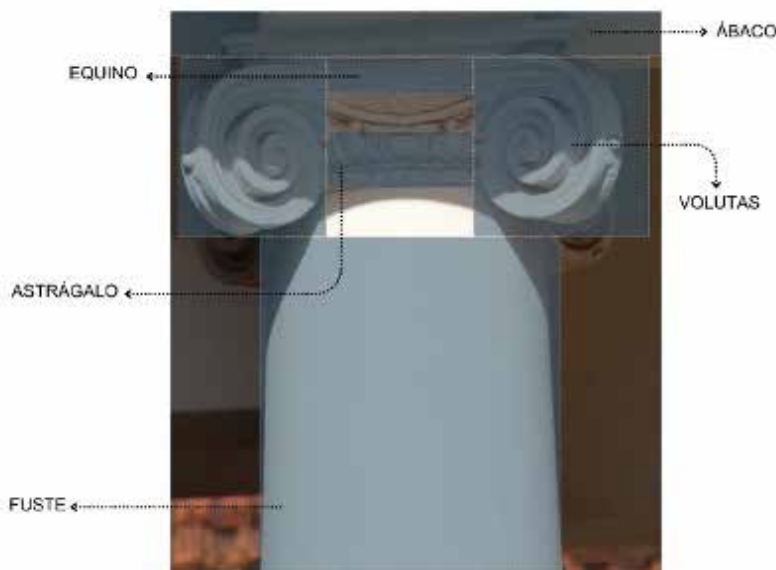


Figura 16 – Leitura dos elementos componentes do capitel da coluna externa, elaborado no âmbito da iniciação científica. Fonte: Acervo do autor (2023).

A segunda pesquisa científica, intitulada “Glossário Ilustrado: Ornamentos Integrados à Arquitetura da Sala de Música — Casa da Memória Italiana”, já ocorre no interior do Palacete, e levanta e identifica esses elementos para comporem um glossário técnico ilustrativo dos ornamentos esculpidos na Sala de Música do Museu. A pesquisa busca aproximar os visitantes dos orna-

mentos encontrados no interior da Casa, por meio da elaboração de desenhos técnicos e conteúdo educativo. A identificação nominal dos ornamentos — considerando técnica, forma e intenção — contextualizou sua função original, promovendo a compreensão de seus valores estético, histórico e cultural. Também foram abordadas as influências artísticas na escolha dos ornatos.



XVII Encontro de Iniciação Científica do Centro Universitário Barão de Mauá
Anais, v. 9, 2024 – ISSN 2594-3723 – DOI: 10.56344/enic2024-22



Glossário Ilustrado: Ornamentos Integrados à Arquitetura da Sala de Música - Casa da Memória Italiana, Ribeirão Preto, SP

Autores: Halana Laura de Oliveira Gomes¹, Henrique Telles Vichniewski²

^{1,2}Centro Universitário Barão de Mauá

¹halana257@gmail.com- Arquitetura e Urbanismo, ²henrique.telles@baraoemaui.br

Resumo

Esta pesquisa tem como objetivo a análise e a confecção de um glossário ilustrado dos ornamentos integrados à Arquitetura da Sala de Música, localizada no Museu Casa da Memória Italiana, em Ribeirão Preto – SP. Cada ornamento foi identificado por meio de uma investigação detalhada, envolvendo um levantamento dimensional e iconográfico das paredes ornamentadas. Com base nesses dados, foram elaborados desenhos técnicos com o intuito de compor um guia didático e ilustrado a fim de proporcionar a aproximação dos visitantes do Museu aos ornamentos esculpidos nas elevações presentes na Sala de Música. Essa abordagem fornece as definições e detalhamentos de cada ornamento, através de uma análise singular e descritiva. Assim, a pesquisa busca contribuir para a profunda apreciação dos ornatos, de maneira educativa, evidenciando e potencializando a experiência arquitetônica no espaço.

Introdução

História e apresentação do Museu Casa da Memória Italiana

A temática estudada refere-se à análise e à interpretação dos significados dos ornamentos integrados à arquitetura do Museu Casa da Memória Italiana de Ribeirão Preto, com foco principal na Sala de Música, um dos cômodos da casa. Tal edificação é caracterizada como “museu casa”, pois o seu interior demonstra como viviam as famílias da alta sociedade ribeirão-pretana nas primeiras décadas do século XX.

Família Meirelles e Arnaldo Maia Lello

A primeira planta da casa foi projetada por Arnaldo Maia Lello¹, “profissional não residente na cidade e com status profissional consolidado” (VICHNEWSKI (org.), 2021, p. 104), em 1923, a pedido de Joaquina Evaristo Meirelles, portuguesa fazendeira de café, que possuía grande poder aquisitivo e se encontrava inserida no contexto do ápice da economia cafeeira e do desenvolvimento e construção das cidades.

Figura 1 - Vista panorâmica da Sala de Música



Fonte: Imagem autoral, 11/2023.

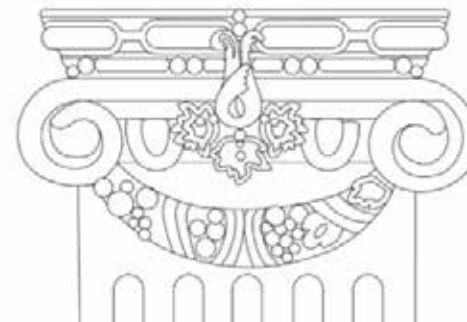
¹ Arnaldo Maia Lello Arnaldo Maia Lello foi um renomado arquiteto brasileiro nascido em 29 de outubro de 1904, filho de Francisca Amália Maia Lello e Afonso Di Lello, possivelmente descendente de imigrantes italianos. Ele fundou a Sociedade Anônima Construtora Maia Lello junto com seus irmãos e foi responsável por várias obras marcantes na cidade de São Paulo. (Disponível em: <https://arquitetanasao paulo.iau.usp.br/profissionais/arnaldo-maia-lello/>. Acesso em: 18 mar. 2024)

Figura 17 – Artigo sobre a iniciação científica, publicado nos Anais do XVII Encontro de Iniciação Científica do Centro Universitário Barão de Mauá

Fonte: Acervo do autor (2024).

Figura 18 – Desenho técnico dos ornamentos encontrados na sala de música, elaborado no âmbito da iniciação científica

Fonte: Acervo do autor (2023).



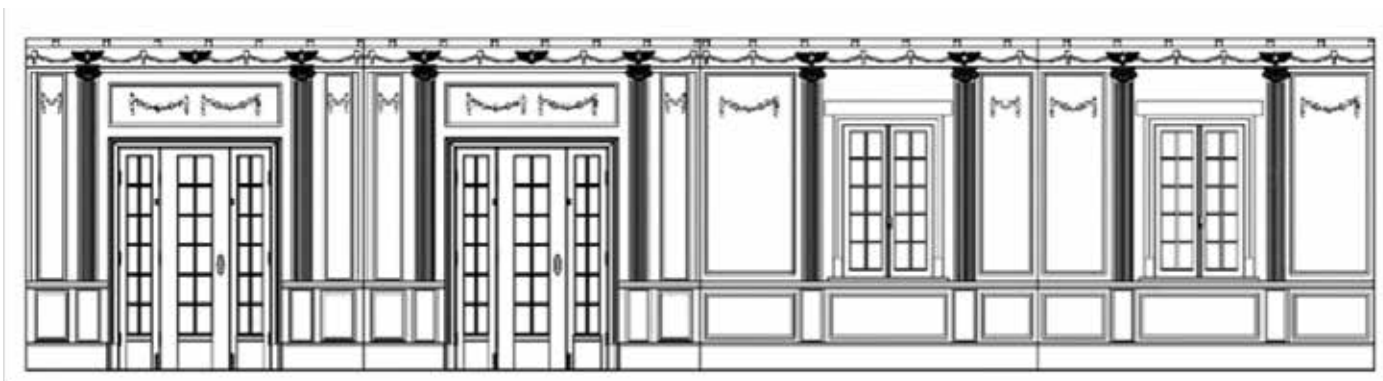


Figura 19 – Desenho técnico da elevação interna da sala de música, elaborado no âmbito da iniciação científica.
Fonte: Acervo do autor (2023).

As riquezas material e documental do Museu Casa da Memória Italiana criam infinitas possibilidades de desdobramento de pesquisas e estudos que proporciona por sua autenticidade e nível de conservação.

A partir dessas experiências acadêmicas, foi possível compreender que, além de um exemplar arquitetônico de valor histórico e estético, esse bem cultural também constitui importante objeto de pesquisa interdisciplinar. Sua rara autenticidade, expressa na permanência dos materiais originais, objetos de época e riqueza ornamental, a torna um patrimônio singular, capaz de permitir experiências sensoriais, afetivas e investigativas. Cada cômodo, com os detalhes construtivo e decorativo, constitui um elemento de memória e identidade, abrindo caminho para muitas leituras, sejam elas arquitetônicas, históricas, socioculturais ou pedagógicas.

Seu alto grau de conservação, aliado à documentação técnica acumulada por meio dessas pesquisas, permitem inúmeros desdobramentos investigativos, seja na elaboração de glossários, catálogos ilustrados, dossiês, análises estilísticas ou interpretações da paisagem cultural. O palacet, assim, transpõe sua função museológica para tornar-se objeto e meio de conhecimento para a formação crítica de arquitetos, historiadores e demais profissionais interessados na preservação do patrimônio cultural.

Por fim, seu estudo e sua valorização continuam sendo ações fundamentais não apenas para salvaguardar um bem do passado, mas para projetar, com consciência, o papel da memória na construção das cidades e do pertencimento cultural de suas comunidades.

8. Ribeirão Preto e a arquitetura italiana: as trocas culturais que construíram uma cidade em transformação

Em 1923, Ribeirão Preto testemunhava um momento de crescimento e transformação urbana. Nesse cenário, o arquiteto paulistano Arnaldo Maia Lello, descendente de italianos e registrado no Conselho Regional de Economia e Agronomia (Crea) como projetista construtor, concebeu um projeto que, décadas depois, se tornaria um ícone da cidade.

A Casa da Memória Italiana passou a compor a paisagem urbana e a simbolizar a influência da

imigração italiana no desenvolvimento local. Ao longo dos anos, a presença italiana foi se consolidando não apenas nas construções, mas na identidade cultural de Ribeirão Preto, e neste capítulo explora-se o impacto da Casa da Memória Italiana nesse contexto, destacando como as trocas culturais e a contribuição dos imigrantes moldaram a cidade e influenciaram sua transformação, ao longo das décadas.

8.1 Os agentes construtores italianos na cidade

No início do século XX, Ribeirão Preto transformava-se, e os imigrantes italianos eram protagonistas dessa mudança. Em busca de novas oportunidades, trouxeram consigo conhecimento e forte influência na estética e nas artes da construção, uma bagagem cultural que moldou a paisagem urbana da cidade.

Entre fachadas ornamentadas e projetos arquitetônicos (dos corriqueiros aos ambiciosos), agentes como engenheiros, arquitetos e construtores transformavam o cenário urbano. Figuras como Carlos Barberi, Aristides Finotti, Raphael Schettini, Antônio Ristori, e Guilherme Rosada, deixaram marcas em edifícios ecléticos, com medalhões, apliques florais e esculturas que remetiam à tradição europeia. A cidade crescia, e nos registros da época, suas assinaturas apareciam como testemunhos da transformação. Mais do que desenhos e obras, eram histórias entrelaçadas à identidade urbana, contribuindo para um legado ainda presente, até os dias de hoje, em Ribeirão Preto.

Os registros do Arquivo Público e Histórico de Ribeirão Preto (APHRP) preservam parte da história da cidade, por meio das assinaturas nos processos de construção. Esses documentos revelam quem foi o responsável técnico ou o autor dos projetos aprovados. Nesse acervo, constam 3.275 processos para construções, reformas e ampliações, entre 1910 e 1933, e, em 2.076 deles, consta a assinatura de um profissional, totalizando 143 nomes que, de alguma forma, contribuíram para a configuração desta paisagem urbana.

Alguns atuaram de maneira discreta, quase anônima, enquanto outros se tornaram figuras centrais nessa transformação. Não por acaso, 15 deles concentraram 60% dos projetos analisados, consolidando-se como protagonistas desse período. Entre os mais atuantes, destaca-se a influência italiana: oito imigrantes deixaram de maneira expressiva sua marca na cidade, revelando as mãos que desenharam e ergueram uma Ribeirão Preto em transformação²³.

Os dados sobre o Arquivo Público e Histórico de Ribeirão Preto (APHRP) foram produzidos durante pesquisa de doutoramento entre os anos 2016 e 2020 no Instituto de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo. Ressaltamos que nenhum material se encontrava digitalizados

e que todos os processos consultados foram doados para instituição catalogados e digitalizados, e estão disponíveis para consulta pública. A tese intitulada “Casa e documentação: a história contada através de um acervo de projetos” pode ser consultada na Biblioteca de teses da USP.

Tabela 1 - Profissionais mais atuantes em Ribeirão Preto, entre 1910 e 1933, e imigrantes italianos
Fontes: Gleria Lima (2020). Dados do acervo do APHRP, acervo do Crea, acervo do Arquivo Público do Estado de Estado, acervo da Delegacia de Imigração; Fanfulla (1906); e Rotellini (1937).

NOME	ASSINATURA	PROCESSOS
Baudilio Domigues	Architecto e Constructor	733  IMIGRANTE
Cícero Martins Brandão	Architecto e Constructor	258  LICENCIADO NACIONAL
Antônio Ristori	Constructor	160  IMIGRANTE
Guilherme Rosada	Architecto e Constructor	117  IMIGRANTE
Raphael Schettini	Engenheiro Civil	97  IMIGRANTE
Paschoal de Vincenzo	Architecto e Constructor	90  IMIGRANTE
Pedro Giroto	Constructor	78  IMIGRANTE
Antônio Soares Rômeo	Engenheiro Civil	75  ESCOLA POLITÉCNICA
Aristides Finotti	Architecto e Constructor	69  IMIGRANTE
Ernesto Terreri	Architecto e Constructor	60  LICENCIADO NACIONAL
Leandro Dupré	Engenheiro Civil	58  ESCOLA POLITÉCNICA
Alexandre Setti	Constructor	51  LICENCIADO NACIONAL
Renato A. Cameline	Engenheiro Civil	45  IMIGRANTE
Nicolau Terreri	Constructor	43  IMIGRANTE
Severiano Alvares	Engenheiro Civil	41
Total		1975

Os primeiros vestígios da influência italiana na arquitetura de Ribeirão Preto aparecem sutilmente nos sobrenomes desses profissionais, mas a confirmação dessa presença se encontra nos registros históricos: arquivos do APHRP, fichas do Crea, documentos da Delegacia de Imigração e da Hospedaria de Imigrantes do Brás, que, por décadas, catalogou a chegada de estrangeiros, entre 1887 e 1978, hoje disponíveis no Arquivo Público do Estado.

Além dessas fontes oficiais, o jornal “*Fanfulla*”, de 1906, e publicações, como “*Lo Stato di San Paolo nel Cinquantenario dell’Immigrazione*”, de 1937, revelam nomes de profissionais que vieram da Itália e trabalharam em diversas frentes pela construção da cidade. Entre escultores, construtores e arquitetos, destacam-se Carlo Barberi, Vicente Lo Giudice e Emilio Fagnani. Já entre os engenheiros que chegaram diplomados no Brasil, aparecem Renato Camerini e Raphael Schettini, cujas obras e projetos carregam não só técnica, mas a assinatura de uma tradição que atravessou o oceano para se firmar no interior paulista.

No início do século XX, a atuação profissional na construção civil, em Ribeirão Preto, seguia um padrão recorrente: muitos assinavam projetos como arquitetos e engenheiros civis, mas, posteriormente, foram licenciados pelo Crea (com a promulgação do decreto profissional em 1933) como projetistas, construtores ou agrimensores – ou ainda tiveram suas licenças como práticos negadas, levando a uma alteração no campo profissional a partir dessa data²⁵.

Essa prática não se restringia aos imigrantes italianos, pois foi observada de forma ampla no setor da construção. A progressão na carreira seguia um processo comum na época, em que mestres de obras adquiriam experiência, acumulavam recursos e, com o tempo, passavam a se identificar como construtores e arquitetos. Estudos sobre a arquitetura italiana, em São Paulo, indicam um padrão semelhante, em que os profissionais imigrantes evoluíam gradualmente dentro do mercado da construção.

Pesquisas acadêmicas e documentos históricos confirmam que a atuação estrangeira no setor não se limitava a Ribeirão Preto. Autores como Salmoni e Debenedetti, Macambira e Lemos apontam para a expressiva participação de italianos na construção civil, em diversas cidades do estado de São Paulo, em especial na capital paulista. Dissertações e teses sobre São Carlos²⁵, Espírito Santo do Pinhal²⁶, e São José do Rio Pardo²⁷ também evidenciam esse fenômeno.

Dados primários reforçam essa tendência: o Relatório do Crea, de 1936, indica que 47,3% dos profissionais licenciados na 6ª região eram estrangeiros, enquanto apenas 12% dos titulados no Brasil eram imigrantes. Esses números demonstram que a imigração teve papel relevante na formação do quadro profissional da construção civil do período e na configuração urbana de todo o estado nas primeiras décadas do século XX.

Tabela 2 – Profissionais imigrantes identificados atuando em Ribeirão Preto entre 1911-1933, e os respectivos registros no Crea na década de 1930, com indicação dos imigrantes italianos
Fontes: Gléria Lima (2020). Dados do acervo do APHRP, acervo do Crea, acervo do Arquivo Público do Estado de Estado, acervo da Delegacia de Imigração, Fanfulla (1906), Almanach Ilustrado (1913), Rotellini (1937), Rosa e Registro (2007).

NOME	ASSINATURA	NACIONALIDADE	REGISTRO
Antônio Ristori	Constructor	Itália	Constructor CREA - N° 917
Anunciato Gallo	Constructor	Itália	Não Consta
Aristides Finotti	Architecto e Constructor	Itália	Projetista-Constructor CREA - N° 139-1869
Baudilio Domingues			
Carlos Barberi	Architecto	Itália	Não Consta CREA - N° 331-875
Ernesto Gallo	Constructor	Itália	Não Consta CREA - N° 1879
Guilherme Rosada	Architecto e Constructor	Itália	Projetista-Constructor CREA - N° 455-1868
José Campanella	Constructor	Itália	Constructor
José Henrique Duarte	Engenheiro Civil	Itália	Engenheiro Civil CREA - N° 823
José Tofoli	Engenheiro Civil	Itália	Não Consta CREA - N° 409-719
Nicolau Terreri	Constructor	Itália	Constructor CREA - N° 1375
Paschoal de Vincenzo	Architecto e Constructor	Itália	Projetista-Constructor CREA - N° 350-1033
Pedro Giroto	Constructor	Itália	Constructor
Raphael Schettini	Engenheiro Civil	Itália	Projectista-Constructor e Agrimensor CREA - N° 64-1303
Renato A. Cameline	Engenheiro Civil	Itália	Projectista-Constructor e Agrimensor
Thomaz Terreri	Constructor	Itália	Não Consta
Vicente Lo Giudice	Constructor	Itália	Não Consta

8.2 O ecletismo e a ornamentação nos projetos da década de 1910

No início do século XX, a arquitetura de Ribeirão Preto foi fortemente influenciada pelo ecletismo, caracterizado pela fusão de elementos clássicos, renascentistas, barrocos e neoclássicos, e que teve notória expressão nos países europeus²⁸. A incorporação de materiais, como ferro e vidro, impulsionada pelos avanços tecnológicos da época, trouxe novas soluções construtivas e estéticas, tanto em edifícios monumentais quanto

em residências de diferentes tipologias, nos bairros da cidade²⁹.

Nesse período, a população de Ribeirão Preto era composta majoritariamente por imigrantes. O recenseamento da cidade, de 1912, apresentado no Relatório de 1919, da Câmara Municipal trazia que, na data, o município de Ribeirão Preto contava com uma população de 30.488 pessoas, dentre as quais 18.249 eram brasileiras do estado de São

Paulo, e, dentre os estrangeiros, a predominância era de italianos (10.665), espanhóis (4.037) e portugueses (1.915). Especialmente os italianos marcaram atuação na construção civil com impacto significativo, como já apontado.

Profissionais do setor trouxeram consigo conhecimentos técnicos e referências arquitetônicas que ajudaram a moldar a identidade visual da cidade, deixando um legado que ainda pode ser observado em diversas edificações. Neste estudo, busca-se destacar alguns protagonistas dessa transformação, analisando suas contribuições e o impacto do intercâmbio cultural entre os imigrantes e o desenvolvimento urbano de Ribeirão Preto³⁰.

Carlos Barberi, imigrante italiano de Forte dei Marmi, chegou ao Brasil em 1890 e se estabeleceu em Ribeirão Preto dois anos depois. Escultor e arquiteto, abriu um ateliê e uma oficina de marmoraria, tornando-se uma das figuras mais atuantes na construção urbana da cidade. Projetou fachadas, trabalhou em monumentos funerários e recebeu prêmios, como a medalha de ouro pelo altar de Nossa Senhora das Dores construído na Catedral.

Participou ativamente da vida cultural local, como vice-presidente da Sociedade Dante Alighieri e oferecendo formação artística a jovens. Seus serviços de arquitetura e importação de mármore eram anunciados nos jornais da época, consolidando sua influência no setor. Com situação financeira estável, Barberi tentou retornar à Itália com sua família, mas a Primeira Guerra Mundial impediu a viagem. Seguiu atuando em Ribeirão

Preto, até 1930, quando reduziu sua produção comercial, dedicando-se a ensinar o ofício de marmorista a parentes e amigos. Faleceu em 1945, deixando um legado que se mantém vivo na arquitetura da cidade e na história da imigração italiana³¹.

Suas construções e obras de arte tumular refletiam sua formação na Scuola di Belle Arti di Pietrasanta, na Itália. As fachadas dos prédios que assinou como arquiteto carregavam características típicas do ecletismo³² como a profusão de ornamentos decorativos nas platibandas, gradis metálicos elaborados e faixas decorativas sobre as janelas.

Nos arquivos do APHRP, há 20 processos assinados por Carlos Barberi, na década de 1910, cuja atuação se destaca pelo amplo uso de elementos ornamentais nas fachadas, característica possivelmente influenciada por sua formação artística na Itália. Um detalhe incomum chama a atenção: Barberi assinava seus projetos na parte inferior dos desenhos de fachada, enquanto os demais profissionais costumavam registrar a autoria na prancha, indicando o domínio sobre todo o projeto. Essa particularidade levantou a hipótese de que Barberi poderia ter atuado apenas como "frentista", responsável exclusivamente pela composição decorativa das fachadas. No entanto, documentos de 1920, como o Registro de Impostos sobre Comércio, Indústria, Profissões e Produção de Café³³, indicam que Barberi pagava tributos como arquiteto, descartando essa possibilidade e confirmando sua atuação integral na elaboração dos projetos.

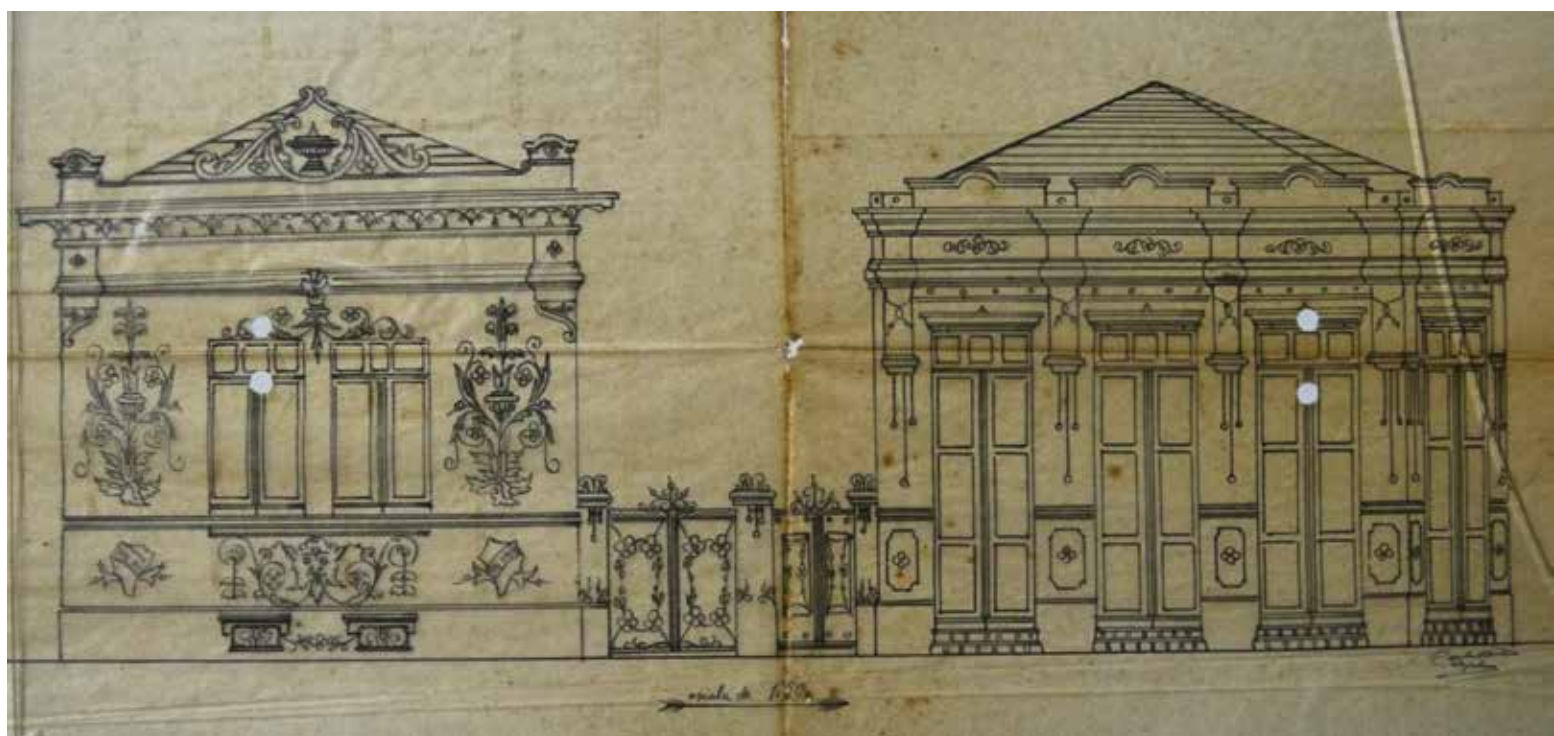


Figura 1 – Projetos com características da arquitetura eclética assinados por Carlos Barberi
 Fontes: Processos nº 99, de 1911, nº 42, de 1912, nº 93, de 1913, do Acervo APHRP.

Outra tendência plástica observada nos projetos dessa década, assinados por imigrantes italianos, são as casas com características de chalé³⁴ edificadas até 1916, e, depois desse ano, não aparecem mais no acervo do APHRP. Dentre

os elementos marcantes dos projetos com essa ornamentação, assinados por Carlos Barberi, destacam-se o telhado em duas águas, com a cumeeira perpendicular à rua, e o uso de lambrequins ornamentados.

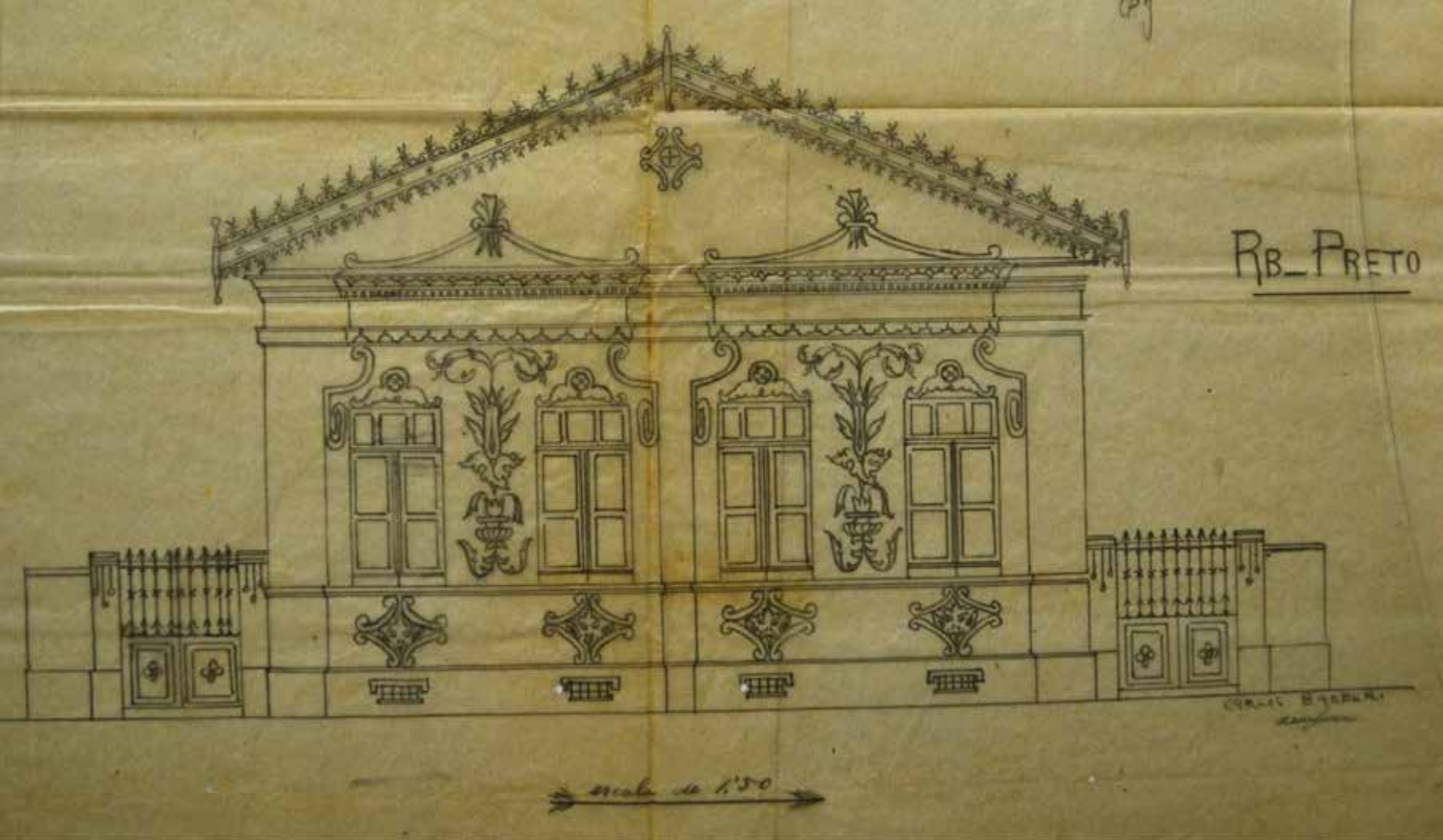


Figura 2 – Projeto assinado por Carlos Barberi com elementos de chalé
Fonte: Processo nº 36, de 1912, do Acervo APHRP.

Nos registros do APHRP, o nome de Aristides Finotti surge frequentemente entre os projetos da década de 1910. Nascido na Itália, em 1885, desembarcou no porto de Santos, em 1891 e, desde então, construiu sólida trajetória na cidade. Inicialmente, assinava como empreiteiro e construtor, mas, após 1920, passou a se identificar também como arquiteto. Sua licença profissional foi emitida pelo Crea em 1933 como projetista construtor, embora seus registros tributários, na prefeitura de Ribeirão Preto, o apontassem apenas como construtor³⁵.

A atuação de Finotti destaca-se pela marca do ecletismo arquitetônico, visível nas fachadas ornamentadas, nos gradis metálicos trabalhados, e nos apliques decorativos distribuídos ao longo das edificações.

Em 1914, Finotti aprovou um projeto para uma casa na rua Liberdade, onde figurava não apenas como responsável técnico, mas também como proprietário. Essa unidade entre construção e pertencimento remete à ideia da casa como símbolo de enraizamento do imigrante ao novo país – segundo as pesquisadoras Salmoni e Debenedetti, o imóvel representava mais do que uma moradia, era a materialização do vínculo com o solo estrangeiro.

A edificação trazia detalhes que reforçavam essa identidade visual. Implantada sem recuo frontal, sua fachada exibia ornamentos marcantes: no topo da platibanda, dois felinos esculpidos ladeavam o centro, onde dois pássaros seguravam uma medalha com a letra "A". Nas molduras das esquadrias, motivos florais e a cabeça de

um animal completavam a composição, arrematada por um aplique semicircular na parte superior. As escolhas de Finotti nos projetos refletem o desejo do imigrante em imprimir símbolos que

o identificassem, por isso, era comum que esses elementos decorativos incluíssem brasões da cidade natal, além de ornamentos que evocassem suas origens.

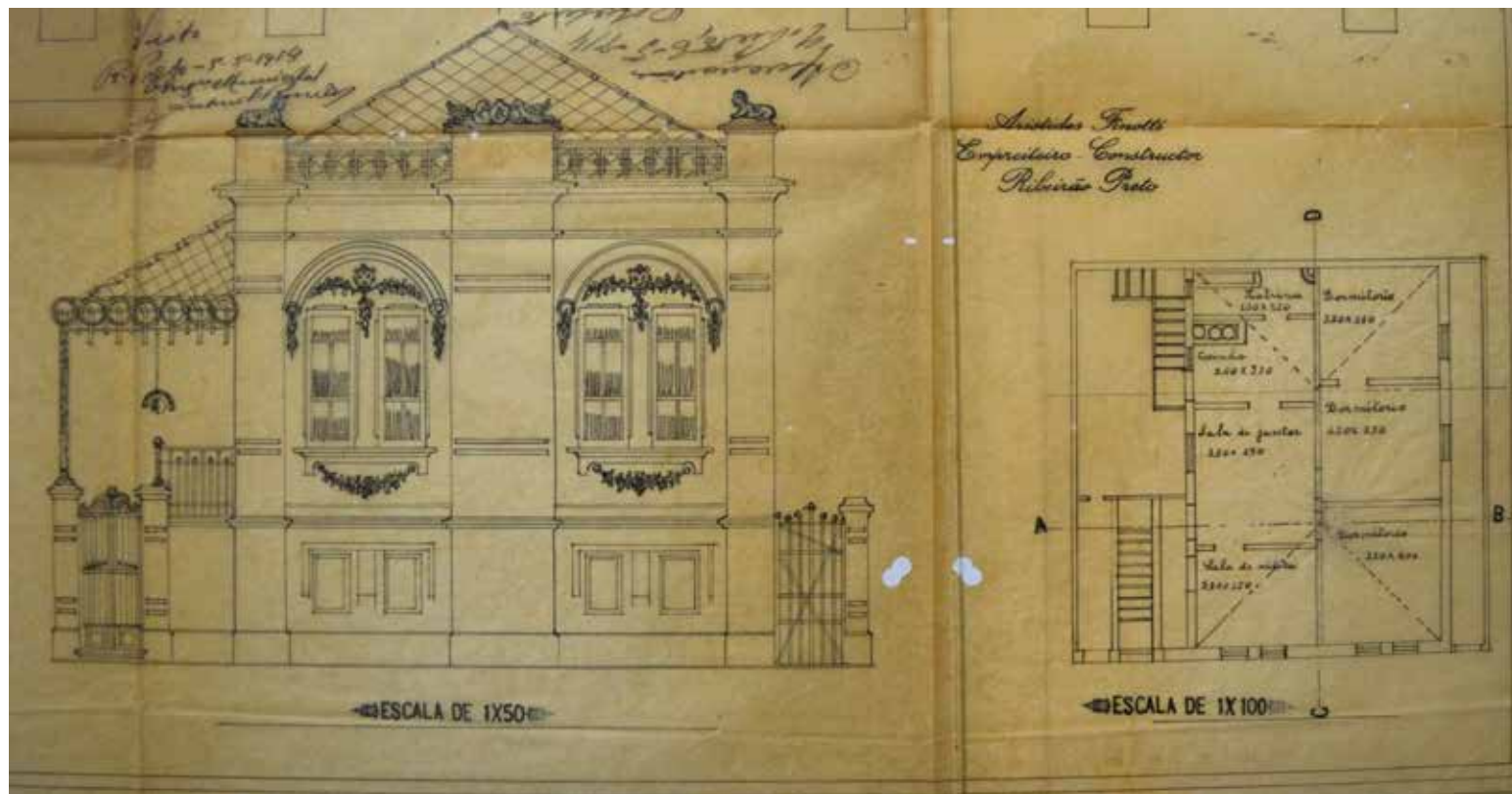


Figura 3 – Projeto para casa de Aristides Finotti, assinado pelo arquiteto e construtor. Fonte: Processo no 105, de 1914, do Acervo APHRP.

Entre os profissionais italianos que contribuíram para a arquitetura de Ribeirão Preto, destaca-se Raphael Schettini, identificado em registros históricos como engenheiro, projetista, construtor e agrimensor. Nascido em Maratea, Itália, em 1873, chegou ao Brasil em 1893, desembarcando sozinho do vapor Bretagne. Seu nome aparece em diversas assinaturas de projetos, confirmando sua atuação técnica na cidade³⁶.

Schettini teve relevante participação no cenário urbano local, com projetos datados entre 1914 e 1933, especialmente voltados para edificações residenciais. Diferentemente de Barberi e Finotti, seus desenhos eram mais discretos, com frisos nas

platibandas e molduras ao redor das esquadrias, sem ornatos florais ou esculturas. A ornamentação, quando incluída, se baseava em formas geométricas, reforçando um estilo mais sóbrio.

Seu registro profissional no Crea³⁷ foi cancelado por inadimplência, entre 1954 e 1967, sugerindo que tenha encerrado suas atividades devido à idade avançada. O cancelamento, possivelmente, foi a marca do ano de seu falecimento, encerrando sua trajetória na construção civil de Ribeirão Preto. Seu legado, no entanto, permanece nos projetos que ajudaram a definir a identidade arquitetônica da cidade ao longo das primeiras décadas do século XX.

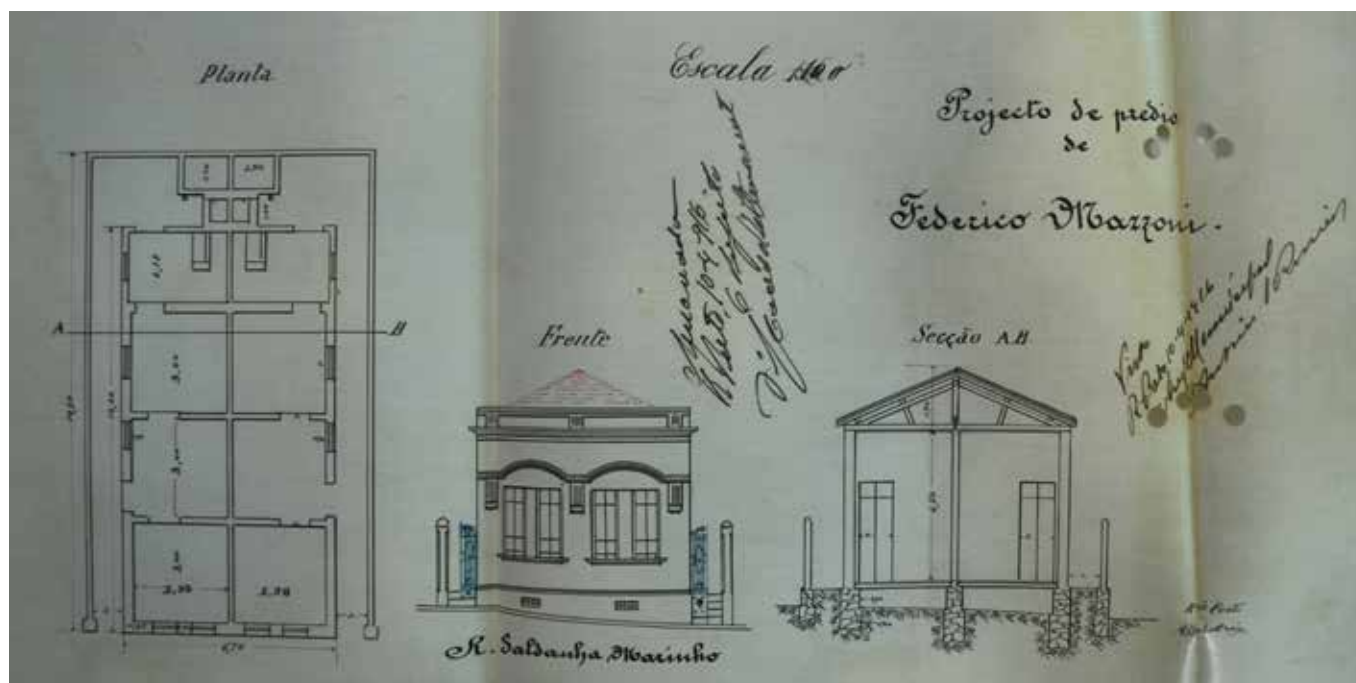


Figura 4 – Projetos com características da arquitetura eclética assinados por Raphael Schettini. Fonte: Processo no 39, de 1916, do Acervo APHRP.

Entre os construtores italianos que deixaram sua marca na arquitetura de Ribeirão Preto, Vicente Lo Giudice teve atuação expressiva entre 1911 e 1917, conforme registros do APHRP. Chegou ao Brasil em 1890 e, pouco depois, estabeleceu-se na cidade, participando de importantes obras tanto particulares quanto públicas.

A imprensa da época menciona diversas de suas realizações. Em 1907, o jornal “Correio Paulistano” noticiou a assinatura do contrato para a construção do edifício da Sociedade Recreativa, em que Lo Giudice foi citado como empreiteiro. Em 1910, a ampliação da Santa Casa de Misericórdia foi atribuída ao seu trabalho como construtor, e, em 1917, concluiu o pavimento térreo da Catedral de Ribeirão Preto. Além disso, atuou em cidades vizinhas, executando reformas e edificações, como a cadeia e o fórum de Sertãozinho; a reforma de uma escola em Jardinópolis; e a construção de um muro para a cadeia de São Simão, todas na década de 1910.

Outro registro encontrado no “Correio Paulistano”, datado de 1916, menciona a construção de uma capela ao lado da Igreja São José, projetada por Francisco José Lo Giudice, filho do empreiteiro. Sua trajetória na construção civil foi interrompida em 1918, conforme noticiado pelo mesmo jornal, que registrou seu falecimento³⁸.

O acervo do APHRP também contém um projeto para a construção de uma casa na Rua São Sebastião, assinada pelo arquiteto José Sacchetti, outro imigrante italiano. Sacchetti foi professor e colaborador do escritório de Samuel das Neves, participando de projetos, como o concurso para a Penitenciária do Estado. Sua atuação estendeu-se por São Paulo, Gênova e Niterói, e ele assinou outros três processos de construção em Ribeirão Preto, evidenciando a presença de imigrantes italianos oriundos da capital paulista na configuração urbana da cidade.



Figura 5 – Projeto para casa de Vicente Lo Giudice, assinado pelo arquiteto e construtor.
Fonte: Processo no 53, de 1915, do Acervo APHRP.

Outros nomes de profissionais italianos “de fora da cidade” aparecem entre um projeto e outro, no APHRP – não apenas na década de 1910, mas por todo o período pesquisado –, dentre eles, Francisco di Pace, Evaristo de Vincenzo, Florimond Colpaert, Carlos Rosencrantz, Arnaldo Maia Lello, Júlio Micheli, Hippolyto Pujol Junior e Ramos de Azevedo, e indicam que Ribeirão Preto estava inserida no eixo econômico do período. No acervo do APHRP constam dois palacetes assinados pelo arquiteto Arnaldo Maia Lello, e, ainda, o projeto do Palacete Innechi, assinado por Pujol Junior, ambos profissionais residentes e atuantes na cidade de São Paulo, considerados arquitetos de status para a autoria desses projetos.

A constatação da afirmação de status obtida por meio da atuação desses profissionais titulados “de fora”, ou mesmo daqueles residentes na cidade – “architecto”, engenheiros ou engenheiros-arqui-

tetos –, é inegável, porém, de modo algum lhes assegura a exclusividade na qualidade projetual, ou numa atuação inovadora, e menos ainda numa hegemonia na produção encontrada no acervo pesquisado. Um dos palacetes assinados por Arnaldo Maia Lello é a atual Casa da Memória Italiana, de propriedade, inicialmente, de Joaquim Machado de Souza e Joaquina Evarista Meirelles, família que ocupou o imóvel até a década de 1940.

Júlio Micheli, arquiteto italiano formado em Paris, chegou ao Brasil em 1888, aos 26 anos, como parte de um grupo de profissionais imigrantes que vinham difundir as tendências arquitetônicas de sua terra natal. Entre 1900 e 1920, seu nome esteve diretamente ligado às transformações urbanas de São Paulo, ao lado de Giuseppe Chiappori e Giuseppe Battista Bianchi. Micheli trabalhou com outros imigrantes de destaque, como Felizberto Ranzini, responsável por projetos no

Mercado Municipal, e Domiziano Rossi, que atuou no Teatro Municipal. Em parceria com Giuseppe Chiappori, projetou a sede do Banco Francês e Italiano na capital paulista, reforçando sua influência no cenário da construção civil³⁹.

Além de São Paulo, Micheli contribuiu para a arquitetura de Ribeirão Preto, assinando o projeto da sede do Banco Francês e Italiano, localizada na esquina das ruas Álvares Cabral e General Osório – prédio que marca a forte influência da imigração italiana na modernização e estilização da paisagem arquitetônica brasileira no início do século XX, e que foi posteriormente substituído pelo Edifício Diederichsen[Sobre o Edifício Diederichsen⁴⁰, construído entre 1934 e 1936.

A sede do Banco Francês e Italiano, em Ribeirão Preto, projetada sem recuo no lote, no ano de 1916, apresenta uma fachada eclética com platibanda, ornamentos inspirados na arte floreal, como guirlandas de flores e folhas, além de trabalhos geométricos nos gradis metálicos. Sua composição difere da sede de São Paulo, projetada em 1919, que, segundo Salmoni e Debenedetti⁴¹, mantinha referência no Palazzo Strozzi, mas com uma interpretação menos fiel, remetendo ao estilo florentino. O projeto evidencia a influência europeia na arquitetura bancária do período, ao mesmo tempo em que se adapta às especificidades locais, refletindo a diversidade estilística na urbanização de Ribeirão Preto no início do século XX.

Figura 6 – Projeto para a sede do Banco Francês e Italiano, em Ribeirão Preto. Fonte: Processo no 48, de 1916, do Acervo APHRP.

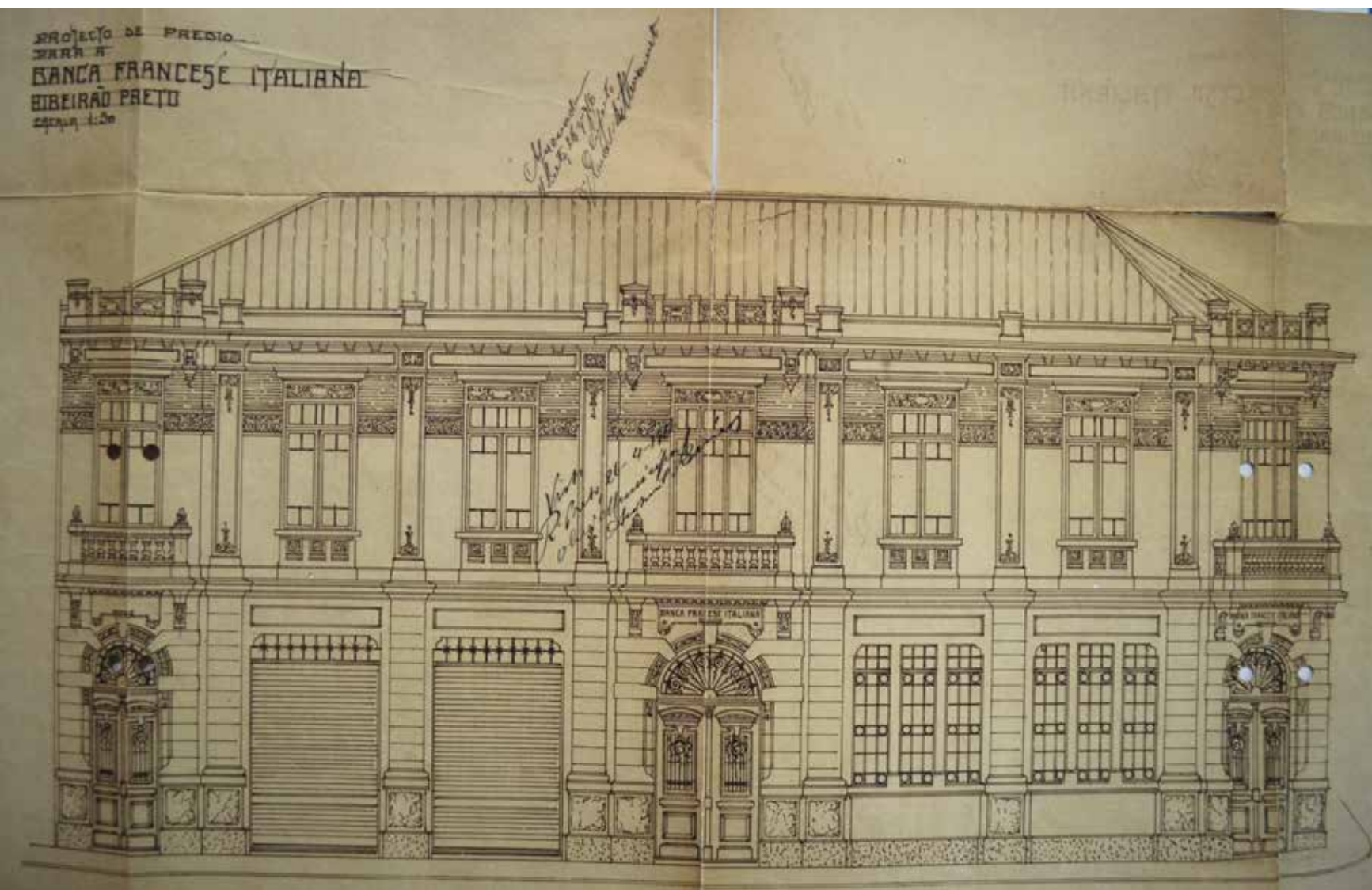




Figura 7 – Iconografia da sede do Banco Francês e Italiano, em Ribeirão Preto. Fonte: Acervo APHRP.

Waldir Salvadore⁴², ao estudar o arquiteto Felizberto Ranzini e a arquitetura eclética italiana, destaca o impacto da imigração italiana na configuração urbana de São Paulo, no início do século XX. A cidade, considerada uma das maiores concentrações mundiais de italianos fora da Itália, apresentou, entre 1920 e 1930, um estilo arquitetônico amplamente influenciado por referências florentinas, adaptadas às liberdades compositivas da época. Entre os exemplos citados nesse contexto, estão o Palácio das Indústrias, de Domiziano Rossi; e o projeto de Giulio Micheli para a sede do Banco Francês e Italiano na capital.

Em Ribeirão Preto, os projetos levantados não apresentam evidente proximidade formal com essas fachadas florentinas, caracterizadas por alvenarias sem revestimento e arcadas marcantes. No entanto, alguns elementos pontu-

ais dessa linguagem podem ser identificados em construções locais. O projeto de Hippolyto Pujol Junior, para Paschoal Innechi, é um exemplo notável, assim como características específicas observadas em obras de Aristides Finotti e Vicente Lo Giudice.

No projeto da casa de Antônio Cersostones, assinado por Vicente Lo Giudice, janelas duplas ornamentadas por elementos circulares remetem à estética florentina. Além disso, apliques florais, medalhões e lambrequins – possivelmente em madeira – arrematam o telhado aparente, sugerindo a influência italiana no detalhamento decorativo da arquitetura local. Esses aspectos demonstram como, mesmo sem uma reprodução literal do estilo florentino, a imigração italiana contribuiu significativamente para o repertório formal das edificações em Ribeirão Preto.



Figura 8 – Projeto da casa de Antônio Cersostones, assinada por Vicente Lo Giudice. Fonte: Processo no 155, de 1916, do Acervo APHRP.

Durante a década de 1910, a arquitetura de Ribeirão Preto foi marcada pela forte presença de profissionais imigrantes italianos, cujos projetos ecléticos priorizavam edificações implantadas na testada do lote, com ornamentação em platibandas e esquadrias. Apesar dessas características comuns, cada arquiteto trouxe particularidades ao seu trabalho, refletindo influências distintas. José Lira[Lira (2011, p.354-361).] pontua que arquitetos estrangeiros, no Brasil, não devem ser vistos apenas como pioneiros, mas sim como parte de um intercâmbio técnico e cultural que contribuiu para a evolução da arquitetura local.

No final da década de 1910, especialmente em 1921, observou-se uma ruptura conceitual nos projetos aprovados para construção, com novos programas, mudanças na implantação das edificações e inovações formais. Essas transformações também impactaram os profissionais italianos, evidenciando a adaptação do repertório arquitetônico às novas tendências, como apresentado a seguir.

8.3 Encontros e trocas entre os agentes construtores

As transformações na arquitetura de Ribeirão Preto, nas primeiras décadas do século XX, refletem mudanças que vão além das influências estilísticas. Fatores sociais, econômicos e culturais, somados à evolução da legislação e da formação profissional, moldaram a atuação dos construtores, especialmente dos imigrantes italianos, que tiveram papel significativo na composição urbana da cidade.

Nos projetos do acervo do APHRP, observa-se que, no início da década de 1910, cerca de 60% dos processos não continham a assinatura do responsável técnico. Essa realidade começou a mudar ao longo dos anos, e, em 1920, praticamente todos os projetos passaram a ser assinados pelo proprietário e o profissional responsável. Essa estrutura consolidou-se na década seguinte,

e, em 1928, os documentos passaram a contar sistematicamente com duas assinaturas, indicando clara separação entre autoria do projeto e responsabilidade pela construção⁴⁴.

A prática evidencia um modelo de colaboração entre diferentes agentes, o que levou ao intercâmbio de técnicas e experiências culturais. Profissionais italianos atuavam lado a lado com outros imigrantes, como o espanhol Baudílio Domingues e o belga Florimond Colpaert, além de engenheiros formados pela Escola Politécnica, como Antônio Soares Romeo e Dário Guedes. Essa interação trouxe uma dinâmica híbrida à arquitetura da cidade, revelando como projetos eram assinados ora como autoria, ora como responsabilidade técnica, criando uma rede profissional diversa.

Como aponta Peter Burke⁴⁵, o hibridismo cultural surge a partir de múltiplos encontros, e não de um único momento. Em Ribeirão Preto, a cultura italiana expressava-se inicialmente por meio de seus arquitetos e construtores, mas, à medida que interagiam com outros profissionais e clientes locais, seu trabalho passava por adaptações e transformações, refletindo o contexto e as demandas do ambiente em que atuavam. Assim, mais do que um traço fixo da imigração, a arquitetura consolidou-se como uma prática em constante evolução, moldada pelas trocas e influências que caracterizaram o período.

Raphael Schettini e Dário Guedes

Raphael Schettini e José Dompietro

Raphael Schettini e Baudilio Domingues

Aristides Finotti e Baudilio Domingues

Paschoal de Vincenzo e Antônio Soares Romeu

Antônio Ristori e Baudilio Domingues

Paschoal de Vincenzo e Escritório Técnico Soares Romão e Fleury Monteiro

Guilherme Rosada e Florimond Colpaert

Figura 9 – Diversas assinaturas nos desenhos aprovados, evidenciam que os arquitetos, engenheiros e construtores trabalhavam em parceria no mercado de construção, sendo mais um fator de trocas profissionais. Em destaque, os nomes italianos. Fonte: Processos do acervo de Obras Particulares do APhRP.

8.4 A década de 1920 e o início de 1930: rupturas e permanências na arquitetura italiana

Com o passar dos anos, a arquitetura foi se alterando. Na década de 1920, surgiram novas tendências, como o neocolonial e o bangalô, que se misturaram ao ecletismo, criando uma paisagem híbrida e rica em diversidade. Esses profissionais não apenas projetaram, mas também colaboraram com outros agentes, evidenciando trocas culturais e sociais⁴⁶.



Para entender as mudanças no cenário arquitetônico, uma análise dos projetos de Aristides Finotti, da década de 1920, oferece indícios dessa transformação. Pode-se observar uma alteração, na implantação das edificações, que passam a ser afastadas das divisas do lote. Além disso, as fachadas deixam de utilizar platibandas, expondo telhados mais movimentados e incorporando alpendres frontais, característicos do estilo banga⁴⁷. Esse novo arranjo arquitetônico imprime um caráter mais pitoresco, evidenciando uma ruptura em relação às soluções adotadas na década anterior. Esses aspectos demonstram clara adaptação às novas tendências construtivas do período, indicando uma transição na linguagem arquitetônica utilizada pelos profissionais da época. Os telhados em movimento – assim como outras características desses projetos, como emprego de tijolos à vista e as faixas com relevos decorativos, também são características do neocolonial⁴⁸, aqui em sua versão simplificada.



Figura 10 – Projetos com características da arquitetura neocolonial, assinados por Aristides Finotti. Fontes: Processos no 359, de 1928, no 212, de 1928, e no 220, de 1928, do Acervo AHPH.

Em 1921, foi aprovado o primeiro projeto de Ribeirão Preto com elementos característicos do neocolonial⁴⁹, assinado pelo engenheiro Antônio Soares Romeo, formado pela Escola Politécnica. Nos meses seguintes, esse estilo começou a se popularizar na cidade, especialmente em residências de padrão médio, com projetos assinados por profissionais, como o espanhol Baudílio Domingues, e Cícero Martins Brandão. As adaptações ao neocolonial observadas na época incluíam beirais profundos, uso de tijolo aparente, varandas, guarda-corpos ornamentados com meia-lua, faixa contínua decorada na altura das janelas, jardineiras em balanço e vitrais. Inicialmente, os profissionais titulados pela Escola Politécnica, como Romeo, Dário Guedes e Leandro Dupré, foram os responsáveis pelos projetos pioneiros com essa estética. No entanto, em pouco tempo, arquitetos italianos também passaram a incorporar esses elementos em suas edificações.

Em projetos de 1929, assinados por Raphael Schettini, observam-se as características do neocolonial descritas, demonstrando como esse estilo se consolidou entre os profissionais atuantes na cidade. Essas transformações reforçam a adaptação do repertório arquitetônico à nova linguagem que se disseminava naquele período.

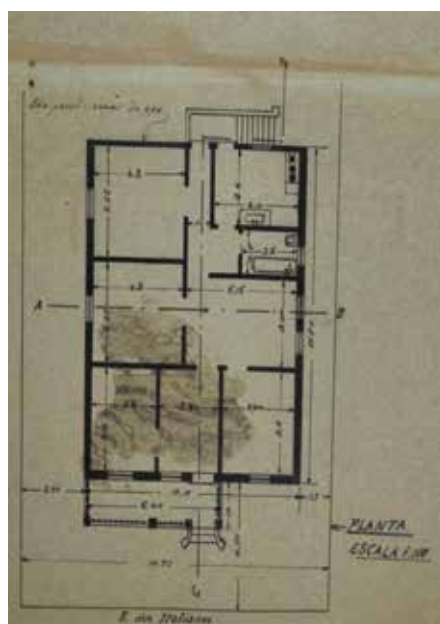
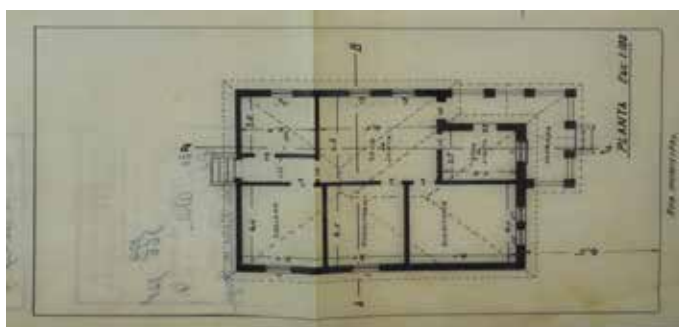
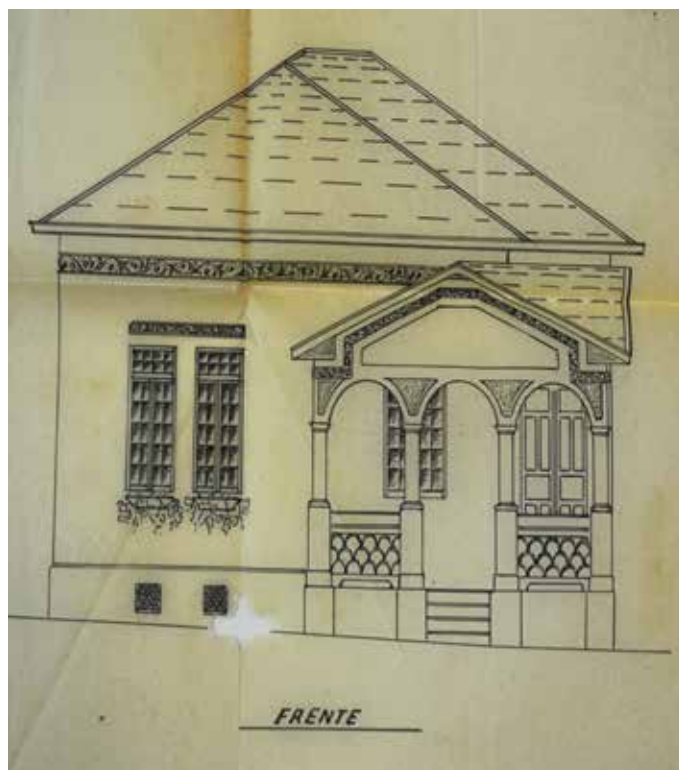
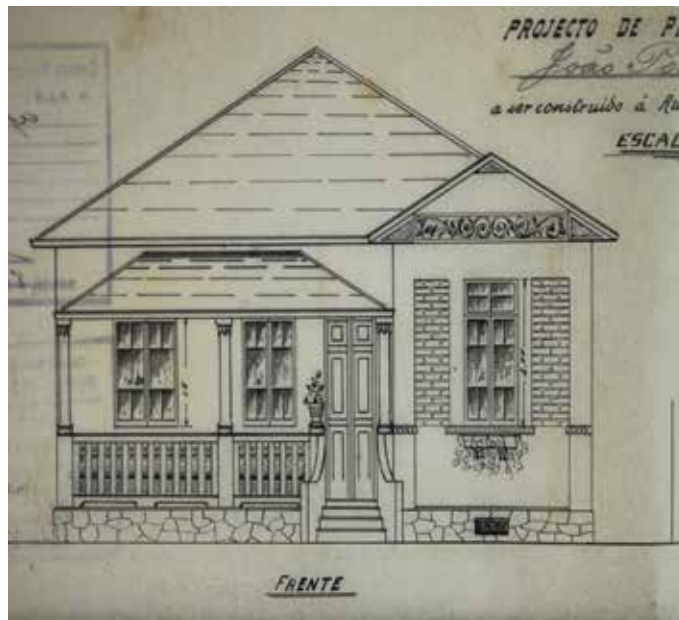


Figura 11. Projeto com características da arquitetura neocolonial assinado por Raphael Schettini. Fontes: Processos nº 102 e nº 105, de 1929, do Acervo AHPRP.



Durante a década de 1920, novas linguagens arquitetônicas começaram a ganhar espaço, com influências do *arts and crafts* e do *art déco*⁵⁰, antecipando a formação do Movimento Moderno. No entanto, como em qualquer período da história da arquitetura, algumas permanências seguiram, sobrepondo-se às inovações.

Entre essas continuidades, destacam-se as fachadas ecléticas, com edificações implantadas na testada do lote, ainda utilizando platibandas e ornamentação, embora com menor refinamento nos acabamentos. O uso de temas florais foi gradualmente substituído por formas geométricas, refletindo uma tendência de simplificação decorativa. Mesmo com essas mudanças, essas características seguiram aprovadas para construção ao longo da década e nos primeiros anos de 1930.

O projeto da casa de Paulo João Ferreira, assinado por Raphael Schettini, ilustra essa transformação, evidenciando a geometrização dos ornamentos na composição das fachadas. Em Pelotas, no Rio Grande do Sul, conforme estudo de Andrey Schlee⁵¹, o mesmo fenômeno foi registrado, com a substituição das platibandas vazadas por versões cegas e simplificadas, além do uso de desenhos geométricos aplicados nas paredes. Essas alterações refletem uma mudança gradual na estética das cidades, acompanhando os novos direcionamentos arquitetônicos do período. Ribeirão Preto seguiu essa dinâmica, adaptando-se às tendências que caracterizaram a transição para as primeiras manifestações do modernismo.

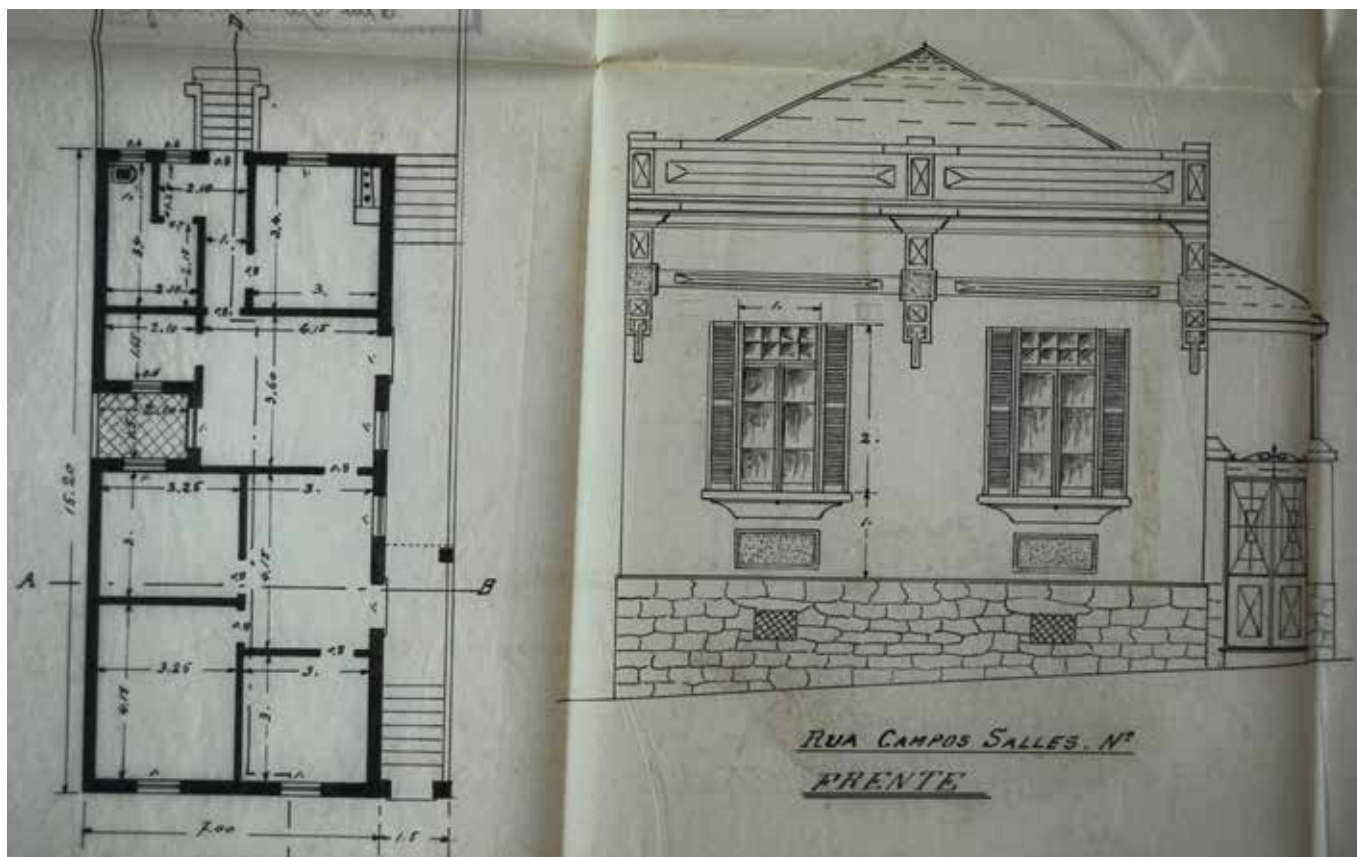
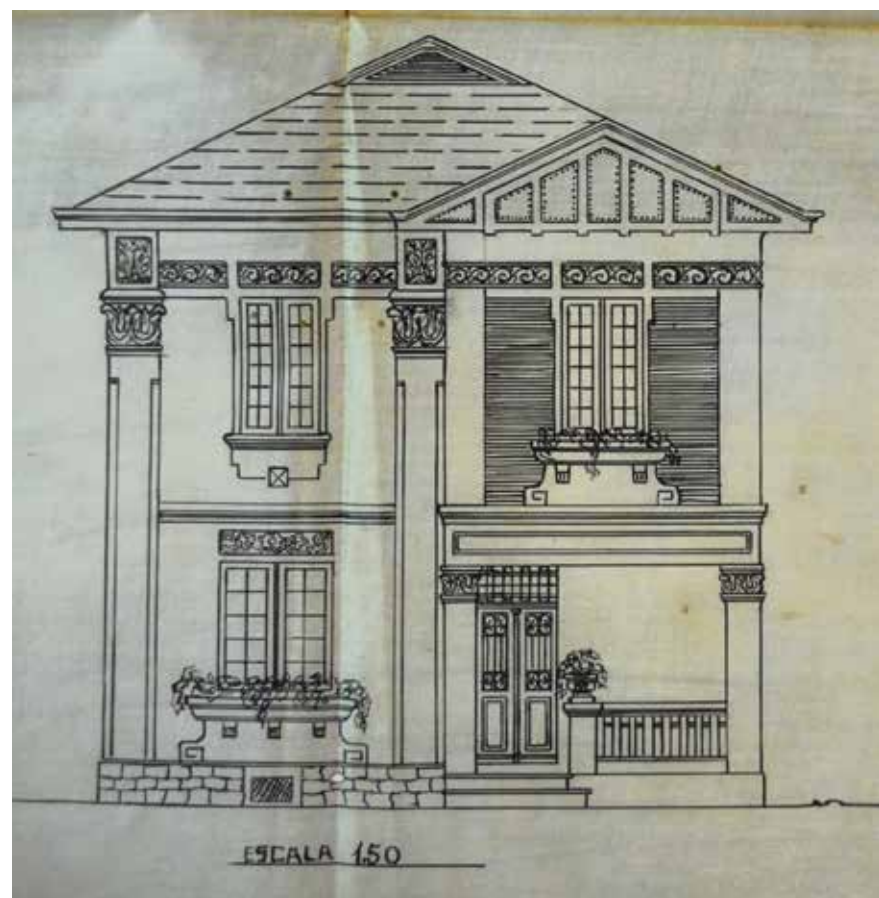
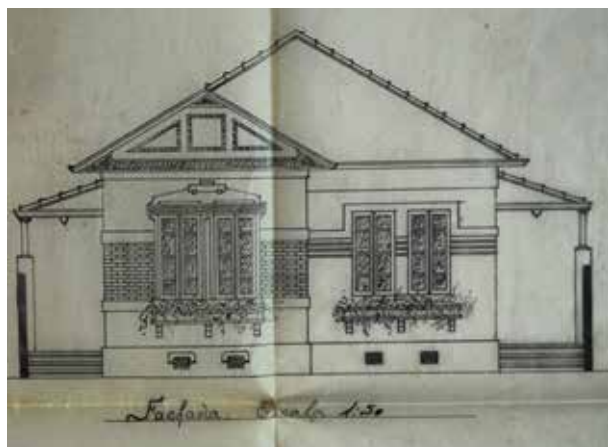


Figura 12 – Projeto da casa de Paulo João Ferreira, assinado por Raphael Schettini. Fonte: Processo no 158, de 1929, do Acervo APHRP.

Em 1923, inicia-se a atuação de Paschoal di Vincenzo, na arquitetura de Ribeirão Preto, tornando-se uma figura relevante no cenário construtivo da década de 1920. Seu registro de entrada no Brasil, datado de 2 de abril de 1889, indica que chegou sozinho, aos 14 anos, pelo vapor Regina, durante um dos períodos de maior imigração italiana para o estado de São Paulo⁵². Entre 1923 e 1933, assinou quase uma centena de projetos como arquiteto e/ou construtor, demonstrando diversidade estilística, especialmente nas fachadas. Embora predominem as residências influenciadas pelo neocolonial simplificado, Di Vincenzo também projetou edificações de caráter eclético, evidenciando sua versatilidade, até os primeiros anos da década de 1930.



Figura 13 – Projeto com características da arquitetura neocolonial assinado por Paschoal di Vincenzo. Fontes: Processos no 6 e no 147, de 1931; e no 55, de 1933, do Acervo APHRP.



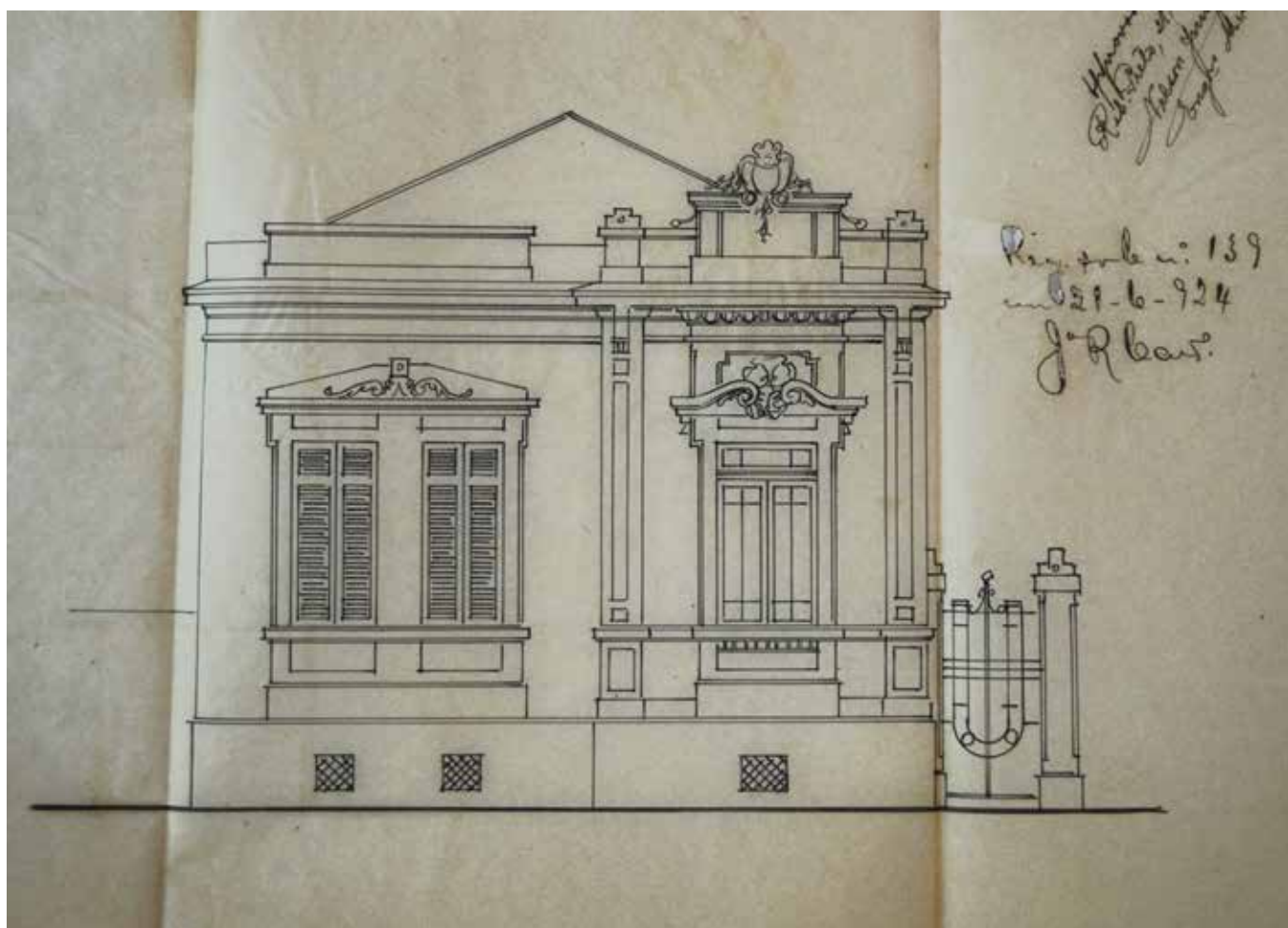


Figura 14 – Projeto com características da arquitetura eclética assinado por Paschoal di Vincenzo. Fontes: Processos no 139, de 1924, no 01, de 1928, no 70, de 1933, do Acervo APHRP.

8.5 Atuação dos profissionais italianos e a relação com a cidade⁵³

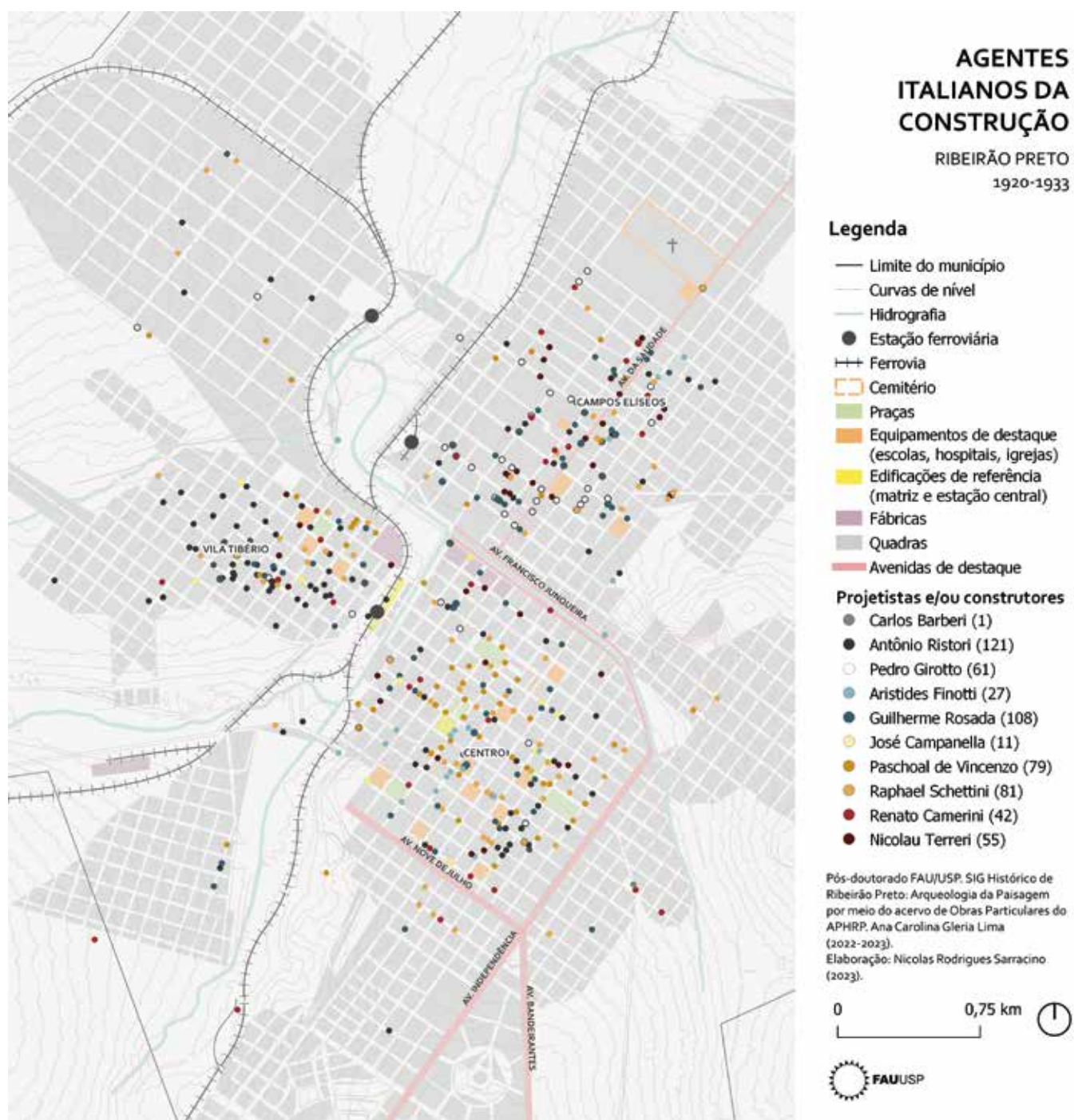


Figura 15 – Mapa com a espacialização dos projetos assinados pelos agentes italianos da construção em Ribeirão Preto entre 1920 e 1933. Fonte: Elaborado pela autora em conjunto com Nicolas Rodrigues Sarracino (2023).

Embora a historiografia frequentemente associe os imigrantes italianos ao trabalho na cultura cafeeira e mencione casos de exclusão urbana, os dados levantados sugerem a inserção ativa desses profissionais na construção da cidade. O expressivo número de projetistas e construtores italianos atuando no mercado imobiliário, aliado à qualidade dos desenhos aprovados pela Secretaria de Obras, reforça essa participação. O mapeamento evidencia que esses profissionais estavam espalhados por toda a malha urbana, sem restringir-se a uma única localidade.

A atuação estendia-se a diversos bairros, incluindo áreas mais nobres. Paschoal di Vincenzo, Guilherme Rosada e Renato Camerini assinaram projetos na avenida Nove de Julho, posteriormente loteada como Alto da Boa Vista, consolidando

uma nova área de casas burguesas, além do centro. Esses profissionais, por vezes, colaboraram com engenheiros formados pela Escola Politécnica, o que pode ter facilitado sua atuação em projetos residenciais de grande porte, como palacetes.

Mais do que a localização dos projetos, a quantidade de obras assinadas pelo profissional parece definir a presença de cada um na cidade. Aristides Finotti, por exemplo, atuou em diferentes tipologias programáticas, com projetos tanto no centro quanto no bairro Campos Elíseos, atendendo a clientes das classes burguesa e trabalhadora. Os nomes mais recorrentes no mapeamento são Antônio Ristori, com 121 projetos, e Guilherme Rosada, com 108 projetos, evidenciando a expressiva atuação dos imigrantes italianos na formação do tecido urbano de Ribeirão Preto.

8.6 Afinal, como é a arquitetura italiana em Ribeirão Preto?

Entre 1910 e 1933, na cidade de Ribeirão Preto, registrou-se a presença marcante de 16 profissionais italianos, cujas mãos ajudaram a moldar sua arquitetura. Nos arquivos do APHRP, seus projetos revelam um cenário de trocas e adaptações, em que estilos e influências se mesclavam na paisagem urbana.

A primeira década analisada é marcada pelo ecletismo, com fachadas adornadas por medallhões, apliques florais e pequenas esculturas. Mas o tempo correu, e com ele vieram as mudanças: nos anos 1920, surgiu uma nova estética. As platinbandas começaram a desaparecer, dando lugar ao neocolonial, ao bangalô e a outras expressões arquitetônicas que buscavam novas identidades. Nem tudo se perdeu — algumas marcas do passado permaneceram até os primeiros anos da década de 1930, agora mais geométricas e simplificadas, renunciando o art déco.

O mapeamento dos projetos georreferenciados traz um dado revelador: esses profissionais não estavam confinados a um único bairro, mas espalhados pelos diversos eixos de expansão da cidade. Os nomes mais recorrentes — Antônio Ristori e Guilherme Rosada — aparecem em praticamente todas as áreas construídas do período, reforçando a presença italiana na construção da paisagem urbana.

O que se verifica é um legado arquitetônico que não se resume a uma única definição, ou a um único estilo. Mais do que identificar uma "arquitetura italiana" em Ribeirão Preto, o que se vê é uma arquitetura híbrida, resultante de encontros, trocas e adaptações. A cidade não foi apenas construída, mas moldada por essas interações, mostrando que, mais do que tijolos e concreto, cada fachada carrega um pedaço da história de quem a projetou.

PARTE 3

Do inventário às práticas de todos os dias

9. A residência da rua Tibiriçá, 776

A casa situada na rua Tibiriçá, 776, é um patrimônio importante, que está em processo de tombamento municipal desde 2024 e se destaca por seu aspecto muito bem preservado. Ainda mantém a maior parte do seu mobiliário, além de uma boa quantidade de objetos utilitários, itens de decoração e todos os elementos arquitetônicos decorativos, que testemunham a rotina dessa residência centenária.

A proximidade da Catedral foi um fator determinante para a escolha de sua localização, tanto por ser um espaço bastante valorizado na época de sua construção quanto pela religiosidade da família que a edificou.

Com uma arquitetura eclética, inspirada em construções europeias, essa edificação assobrada destaca-se por seu projeto “moderno” de setorização dos ambientes, com destaque para os banheiros disponibilizados em ambos os andares.

Depois de nove décadas, em 2014, a residência foi transformada no Museu Casa da Memória Italiana, um importante equipamento cultural da cidade, que apresenta um desafio de gestão: garantir que esse espaço seja sempre acessível e que represente os mais diversos públicos, por meio de suas ações e atividades.



Detalhe da fachada principal da residência da rua Tibiriçá, 776. Foto: Nilton Campos e Rosa Esteves, novembro de 2013.

9.1 O Inventário

Uma das iniciativas mais importantes, no início do processo de mudança de uso da residência da rua Tibiriçá, de moradia para museu, foi a decisão de realizar um inventário detalhado de todos os itens pertencentes à casa.

Esse inventário consistiu em um levantamento completo de todos os móveis e objetos que estavam na residência em novembro de 2013. Essa foi uma medida fundamental para a preservação da memória dessa casa. O objetivo era garantir, a

qualquer momento, a recuperação de todas as informações sobre o imóvel, seus objetos e moradores, além de fornecer subsídios para diversas pesquisas futuras. Com esse levantamento, passou-se a ter um controle preciso dos bens móveis – mobiliário, utilitários, itens decorativos, fotografias e publicações – bem como dos elementos arquitetônicos – luminárias e lustres.

Para realizar esse levantamento, Nilton Campos e Rosa Esteves mergulharam no interior

da residência instigante. Além de listar e fotografar todos os itens, foi mapeado cada objeto, identificando o ambiente, a parede, o móvel, a gaveta, ou a prateleira, onde estavam guardados. Dessa forma, esse mapeamento permitirá, no futuro, compreender a organização dos objetos na casa. E, se necessário, cada ambiente poderá ser remontado exatamente como estava no final de 2013.

O inventário, intitulado “Levantamento Completo do Mobiliário, Objetos, Fotografias e Outros”, foi entregue impresso, em três volumes:

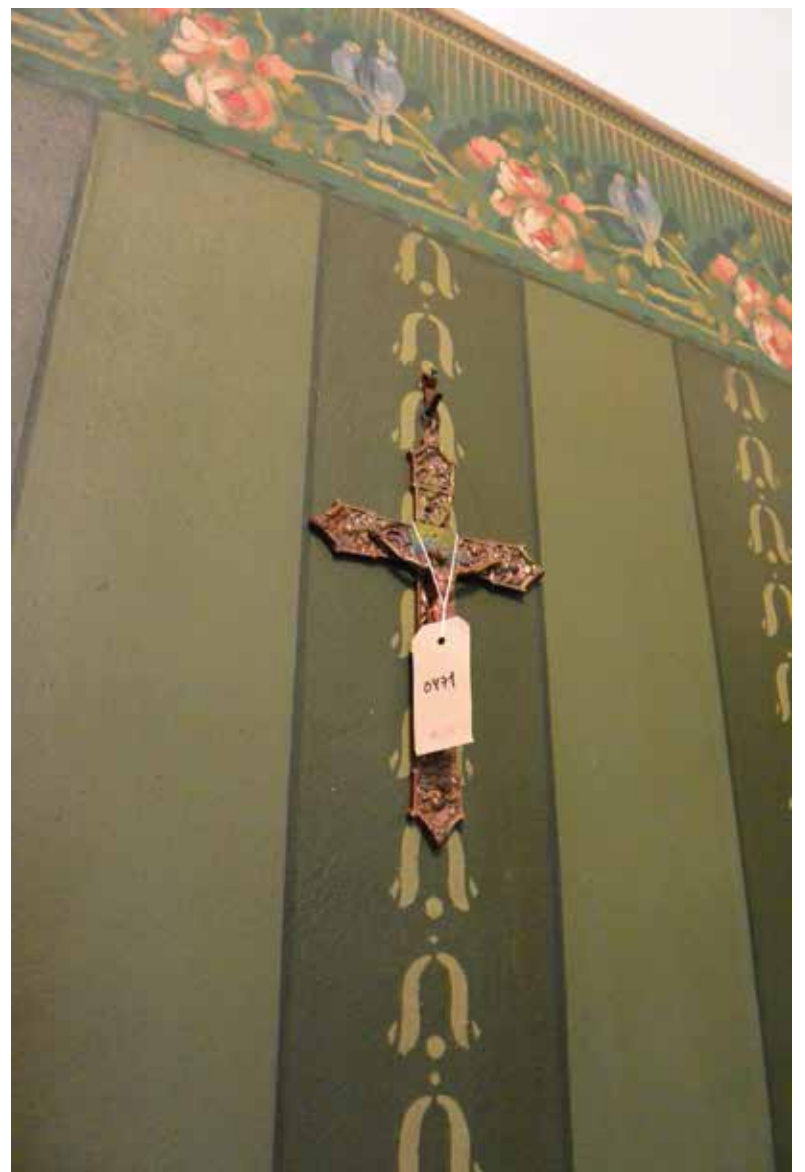
VOLUME 01 – Relatório e Tabela
VOLUME 02 – Fotografias Ambientais
VOLUME 03 – Fotografias Objetos

Imagens da etapa do processo de Inventário dos itens da Casa da Memória Italiana. Foto: Nilton Campos e Rosa Esteves, novembro de 2013.









9.2 Um plano de ocupação

Foi elaborado, em 2014, um plano inicial de ocupação da residência como museu, desenvolvido por Nilton Campos. O principal objetivo desse plano foi definir os espaços destinados à Reserva Técnica, além das áreas de exposição, trabalho, atividades educativas, reuniões e depósito.

O plano de ocupação estabeleceu o seguinte:

- No piso térreo da residência, a sala de TV e o quarto de serviços seriam utilizados como áreas de trabalho do museu, enquanto a despensa serviria como depósito;
- No piso superior, o quarto maior, localizado na parte central da edificação, seria mantido

vazio e destinado a espaço expositivo. Um dos quartos, que até então continha mobiliário moderno, e o roupeiro do quarto do casal, seriam reservados para uso como reservas técnicas;

- Na edícula principal, que é assobradada, a garagem foi planejada como espaço multiuso, assim como os ambientes do piso superior, que também poderiam ser utilizados como espaço multiuso ou até mesmo como residência artística;
- Na segunda edícula, os ambientes seriam utilizados como depósitos.

9.3 Curadoria do acervo

Para a abertura da residência com a proposta de organizar as visitas, foi realizado um projeto curatorial do acervo por Nilton Campos e Rosa Esteves. Esse projeto estabeleceu, entre outras ações, a redução dos itens da casa em exposição, considerando o novo uso do espaço. O objetivo foi garantir uma circulação mais fluida para os visitantes nos ambientes e proteção dos objetos em exposição.

Priorizou-se que a ambientação da residência seguiria a configuração existente, ou seja, que fosse mantida em exposição a maioria dos móveis dos anos 1920 e de datas próximas. Esses móveis dialogam diretamente com a linguagem arquitetônica e decorativa da casa, proporcionando, aos visitantes, uma experiência mais imersiva no período de construção da residência, pela família Meireles.

Como marco da presença da família Biagi,

que adquiriu a casa em meados dos anos 1940, foi mantida a ambientação do escritório com fotografias dessa família e móveis modernos.

Assim, parte do mobiliário e dos objetos de decoração, de diversas épocas, foi transferida para as reservas técnicas.

Paralelamente ao projeto curatorial, destacou-se alguns eixos que podem ser explorados durante as mediações realizadas pela equipe educativa do museu, a qualquer tempo. São eles:

- A presença do “Bule Batatais” na sala de jantar, como elemento para refletir sobre os rituais de rotina da casa;
- A ausência do piano, na sala de música – que havia sido doado anteriormente –, como ponto de reflexão sobre as constantes perdas patrimoniais;

- A reorganização e destaque da cozinha, que pode servir como espaço para ativações relacionadas aos serviços “invisíveis” da casa;
- A Catedral, entendida como um dos itens em exposição, destacada ao acessar o quarto e a sacada no piso superior, localizados na fachada principal, contextualizando a forte presença da religiosidade na residência;
- Uma discussão sobre a perda da paisagem devido às transformações urbanas, acessando a sacada dos fundos, localizada no quarto do casal no piso superior.

9.4 Exposição “Inventário”

Dez anos depois da realização do Inventário (2014), ocupar novamente a residência, desta vez apresentando propostas artísticas, foi um desafio bastante instigante para Nilton Campos e Rosa Esteves.

O convite para essa nova imersão foi feito por Gabriel Azarias, responsável pela Curadoria Institucional. Ele nomeou a exposição comemorativa aos 10 anos do museu de “Inventário”, que foi realizada no Museu Casa da Memória Italiana, de 18 de outubro de 2024 a 1º de fevereiro de 2025.

Desde o início das tratativas, ficou claro que questões relacionadas ao tema “casa” seriam inevitáveis, nesta mostra, que trouxe uma reflexão ampla e poética sobre esse conceito, ativando tanto a própria casa quanto seu acervo.

As ações foram propostas com o objetivo de sensibilizar os visitantes para temas como moradia, memória afetiva, tradição, renovação, intimidade, invisibilidade, representação, temporalidade e patrimônio. Assim, buscou-se manter vivas a história e a memória desse lugar tão emblemático.

Há um aspecto fundamental, no trabalho dos

artistas: a preservação da memória. Não por acaso, pois além de serem artistas, atuam em museus, cuidando da organização, documentação e conservação de bens materiais. Mas a memória não se guarda apenas nos objetos, pois também habita nos sentidos – um cheiro, um sabor, um toque, um som – capazes de transportar a todos, instantaneamente, a outros tempos e lugares.

A exposição avivou justamente essa camada sensível da memória, ao dialogar profundamente com o tempo passado e com tudo aquilo que se escolheu preservar – sejam objetos, histórias ou sentimentos.

Dentre as propostas apresentadas pelos artistas, uma intervenção foi realizada em conjunto, nos ambientes da casa, inserindo espelhos de 15cm x 30cm (com base nas dimensões de dois ladrilhos hidráulicos do piso do hall de entrada da Casa da Memória Italiana). Esses espelhos traziam frases que fortaleciam narrativas ou provocavam reflexões sobre a própria casa, seu acervo e suas rotinas. A seguir, imagens da intervenção:



Espelho com a frase: "era uma vez..." (Nilton Campos) posicionado no piso do hall de entrada. Fotos: Maurício Frolidi.



Espelho com a frase: "tudo pode, nada pode" (Nilton Campos) posicionado sobre o tapete da sala dourada. Foto: Maurício Frolidi.



Espelho com a frase: "ser tudo ao mesmo tempo" (Nilton Campos) instalado numa parede azulejada, sobre a pia do banheiro do piso superior. Foto: Maurício Frolidi.



Espelho com a frase: “memórias amargas” (Nilton Campos) posicionado sobre a cama de casal do quarto principal. Fotos: Maurício Foldi.



Espelho com a frase: “Na entrada uma larga escada de branco mármoreo.” (Rosa Esteves) posicionado sobre a soleira da porta de entrada. Foto: Maurício Foldi.



Espelho com a frase: "Um odor diferente, nem comida nem limpeza, cheiro de coisa antiga." (Rosa Esteves) posicionado no piso da sala de jantar. Foto: Maurício Frolidi.



Espelho com a frase: "No sofá pernas balançavam enquanto adultos conversavam." (Rosa Esteves) posicionado no piso do escritório. Foto: Maurício Frolidi.



Espelho com a frase: "A cozinha tinha um eco branco e o chão de ladrilho hidráulico." (Rosa Esteves) posicionado no piso da cozinha. Foto: Maurício Frolidi.

Nilton Campos

“Inventário – foi assim que me ensinaram,” 2024. Conjunto de objetos diversos, etiquetas de identificação e veludo sobre mesa de jantar (Museu Casa da Memória Italiana), e um impresso encadernado. Dimensões variáveis. Projeto iniciado em agosto de 2024 e encontra-se em andamento.

Esse projeto deu visibilidade e significado a um conjunto de objetos escolares e artesanais, realizado por Nilton Campos ao longo de aproximadamente dez anos e guardado por cinco décadas. A iniciativa teve início a partir do começo da sua formação escolar, em 1973, e se estendeu até o momento anterior ao início da sua graduação em Arquitetura e Urbanismo (1983).

Para a exposição “Inventário”, esses objetos autorais foram selecionados e inventariados pelo artista e dispostos, principalmente, sobre a mesa de jantar da Casa da Memória Italiana. Já para a apresentação, foi colocado um tecido de veludo vermelho sobre o tampo da mesa. O veludo, como base, assim como a organização e o posicionamento dos objetos, além das identificações e descrições impressas de cada item, remetem às exposições tradicionais que ocorrem, principalmente, em museus históricos.

Os itens inventariados e exibidos neste projeto se confundiam com o próprio acervo da casa. Alguns elementos decorativos, como frutas, flores, além de símbolos de religiosidade e outros, dispostos sobre a mesa, assemelham-se aos elementos decorativos da edificação, criando uma relação de similaridade e contraponto. Essa combinação evidencia, principalmente pelo contraste de contextos, a coexistência de objetos de uma elite – representados pelo acervo da casa – ao lado de objetos decorativos populares, feitos pelo artista.

Complementando o trabalho, foi apresentado um caderno impresso, disposto sobre um móvel lateral, contendo informações de todos os objetos deste projeto, elaborado nos moldes do inventário realizado com os itens do acervo do Museu Casa da Memória Italiana.

Projeto “Inventário – foi assim que me ensinaram”, na sala de jantar. Fotos: Maurício Foldi.





Nilton Campos
"3x4 | sonho, poder e glória"
1977 – Foto 3x4 de Nilton Campos.
2001 – Intervenções sobre imagem e impressão
sobre papel.
2024/2025 – Instalação das imagens impressas,
lado a lado, na copa do Museu Casa da Memória
Italiana. Prova de impressão digital (papel) sobre
parede. Cada impressão: 8,5 cm x 42 cm.



Intervenção "3x4 | sonho, poder e glória", na copa.
Fotos: Maurício Frolidi.

A partir de uma foto 3x4, de 1977, e com ações realizadas em dois momentos distintos – em 2001, com intervenções sobre imagem e impressão, e, em 2024, com intervenções nas paredes da copa e na circulação do Museu Casa da Memória Italiana – esse projeto representa um "sonho" de adolescência do artista e do início da sua formação em Arquitetura: o desejo de explorar algumas casas antigas do centro de Ribeirão Preto.

Esse sonho concretizou-se simbolicamente ("poder") por meio da sua qualificação e trabalho na área de museus, assim como ao realizar, especialmente, o inventário dos itens do Museu Casa da Memória Italiana.

O ápice desse desejo ("glória") aconteceu ao participar da exposição "Inventário", na qual o artista se coloca, através das tiras impressas, dentro do Museu Casa da Memória Italiana e em suas paredes, acima dos elementos decorativos (barrado azulejado) da copa e da circulação dessa residência.

De alguma forma, ao estar neste lugar de destaque e privilégio, o artista teve a sensação de que essa casa também o pertence – ela representa a sua trajetória, sua história, e está intrinsecamente ligada a ele.





Nessa ação, o artista parte da maquete (1987 ou 1988) da Casa Rietveld – construída, em 1924, pelo arquiteto e designer holandês, Gerrit Rietveld, para a Sra. Truus Schröder-Schröder e seus três filhos. A casa foi considerada monumento, em 1976, e faz parte da lista do Patrimônio Mundial da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco), desde 2000 – como elemento de embate direto com o projeto da casa da rua Tibiriçá, 776 (inaugurada em 1924).

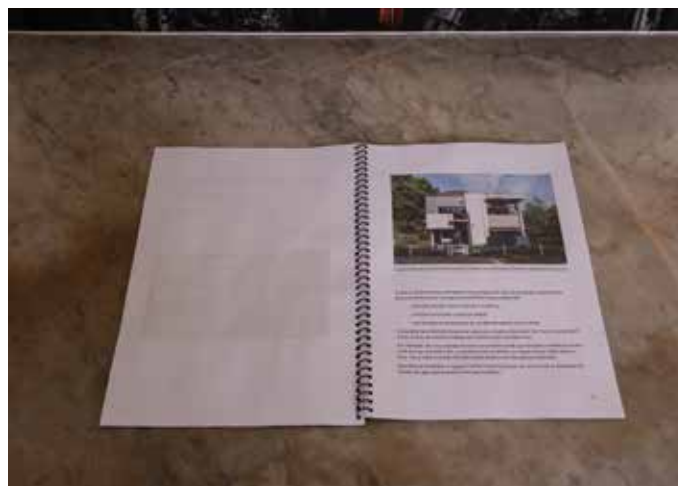
Essas residências são contemporâneas e representam dois extremos. Uma delas incorpora os preceitos modernos de uma nova forma de morar, com a simplificação das formas, proporções rígidas e certa frieza. A outra, por sua vez, ainda está presa a um modismo europeu, por isso, bastante rebuscada e carregada de nostalgia.

Posicionar a maquete sobre a planta do Museu Casa da Memória Italiana foi uma provocação à tradição e serviu como recurso para a reflexão sobre o momento e o contexto histórico de cada residência.

Nilton Campos

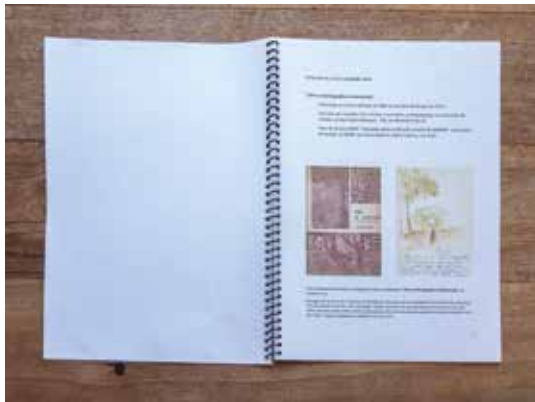
“Casa Rietveld”

1987 ou 1988 – Execução da maquete por Nilton Campos. 2024 – Ação no Museu Casa da Memória Italiana. Maquete executada com papel paraná, cartão, acetato, madeira e guache, e caixa de acrílico. Caderno – Material de apoio



Ação “Casa Rietveld” na copa. Fotos: Maurício Frolidi.

Nilton Campos
"café da manhã | homenagem a leopoldo lima"
2020/2024. Impressão sobre papel 100%
algodão, instalado sobre parede.
40 cm x 50 cm.
Caderno – Material complementar.



Esse trabalho apresentou a imagem de um coador de café acompanhada de um texto contínuo, sem parágrafos, sem pontuações e sem fôlego, que descreveu a rotina diária do artista ao preparar o seu café da manhã durante o período da pandemia da Covid-19.

Esse projeto referencia Leopoldo Lima (São Simão/SP, 1933 | Ribeirão Preto/SP, 1996) como importante artista que passou a viver em Ribeirão Preto a partir de 1954. Leopoldo publicou, no final da década de 1960, ou no início dos anos 1970, o livro "729 o Varal Biográfico Embanado", que retrata sua rotina, principalmente na casa onde morava, na rua André Rebouças, 729, em Ribeirão Preto. Essa publicação de 60 páginas é composta por um texto contínuo, sem parágrafos ou pontuações.

Ao instalar essa imagem sobre os azulejos da cozinha, como uma pele desse corpo edificado, que é o Museu Casa da Memória Italiana, o artista ofereceu aos visitantes a oportunidade de mergulhar em um procedimento banal da rotina, ativando também a memória cotidiana dessa cozinha, desde a construção da residência.

Projeto "café da manhã | homenagem a leopoldo lima", na cozinha. Fotos: Maurício Froldi.



Rosa Esteves
"A casa da minha tia" - 2024
Livro-objeto / Instalação.
Livros, desenho, recorte, espelho e luminária.
Dimensões variáveis.

A pesquisa de Rosa Esteves investiga os modos de materialização da memória, da ausência e da construção de narrativas visuais a partir de fragmentos, lembranças e apagamentos, principalmente sobre o resgate da memória da sua tia-bisavó Eunice Caldas – "Tia Nicinha" –, educadora cuja história, embora relevante, foi, em grande parte, silenciada.

Eunice Peregrina de Caldas (1879–1967) foi uma educadora que atuou em São Paulo no início do século XX. Formada pela Escola Normal Caetano de Campos, foi a primeira mulher a assistir aulas como ouvinte na Escola Politécnica. Trabalhou como professora, foi diretora do Grupo Escolar Cesário Bastos e fundou o Liceu Santista. Participou de associações voltadas à educação feminina e criou sua própria escola. Publicou livros de educação, teatro, poesia e história.

Durante uma viagem, Eunice teve um surto. Foi encaminhada para tratamento e internada no dia 21 de fevereiro de 1930. Passou 37 anos internada.

A exposição "Inventário", no Museu Casa da Memória Italiana, abrigou, por 3 meses, parte desta pesquisa e, nesse contexto, a artista afirma que "por um breve período, pude dar à minha tia-bisavó um lugar para habitar".

Para a criação do livro-objeto "A casa da

minha tia" a proposta da artista foi desenvolver um objeto que materializasse o espaço de memória e o desafio de converter em imagens as sensações e lembranças ali guardadas. Ela partiu das indagações: Como representar esse mundo interior guardado na memória? Como capturar as lembranças fugidias, que se mesclam com sonhos, e no passar dos anos?

Nessa viagem pelo devaneio, revisitou ambientes, reencontrou móveis, objetos, cores, cheiros e sons... conversas sussurradas. Fragmentos de um tempo de bem-estar.

A instalação (livro-objeto) "A casa da minha tia" foi idealizada para o quarto de vestir, ambiente vazio e escuro, que a artista considerou o coração dessa sua ocupação do Museu Casa da Memória Italiana. Nesse espaço, o livro-objeto, composto por oito livros entreabertos, dispostos em círculo, repousou sobre um espelho redondo, que o refletiu ao avesso. Em cada fresta, um desenho, dobraduras, cuja disposição, como portas entreabertas, instigaram o público a descobrir seu conteúdo.

Apenas fragmentos e pequenos flashes puderam ser vislumbrados, por meio dessas imagens recortadas. No centro da sala vazia, uma única luminária o iluminou. A luz atravessou seus vazios e projetou, no teto, uma sombra flutuante. A imagem pulsou, vibrou ao menor sopro. Intocável, se desfez, refez, em constante metamorfose. Essa instalação certamente ativou os sentidos dos visitantes.



Instalação "A casa da minha tia", no quarto de vestir.
Fotos: Rosa Esteves.





Instalação "A casa da minha tia", no quarto de vestir. Foto: Maurício Foldi.

Rosa Esteves
Série "A casa da minha tia" - 2024
Fotografia: Captação digital, impressa em papel
de algodão com pigmento mineral.

Rosa Esteves afirma que, durante a elaboração e realização do Inventário do Museu Casa de Memória Italiana (2014), muitas lembranças da casa de um tio de sua avó vieram à tona e sempre ficava pensando em como seria a casa da "Tia Nicinha", objeto de sua pesquisa poética. A partir disso, tirou muitas fotos dos vários ambientes do Museu Casa da Memória Italiana, para o seu próximo projeto fotográfico: a Série "A casa da minha tia".

Essa série foi apresentada na exposição "Inventário" (2024), com as fotografias ocupando vários espaços do Museu Casa de Memória Italiana. Lugares improváveis foram escolhidos: o banheiro, sobre uma cama, embaixo de uma escada.



Série "A casa da minha tia", nos ambientes da casa.
Fotos Rosa Esteves.



Rosa Esteves
Série "Seu retrato" - 2011
Fotogravura e gesso, encapsulados em parafina.

Obras da Série "Seu retrato", nos ambientes da casa.
Fotos: Rosa Esteves.



Nessa série a artista trabalhou na reconstrução do retrato da "Tia Nicinha", buscando o intangível refletido em seu semblante. Segundo a artista, foi no olhar que ela encontrou a alma da tia, a sua essência e quem ela foi. Assim, capturou, nos retratos de família, a imagem de Eunice. São poucas as fotografias em que ela aparece. Seus rostos foram recortados e uniformizados por tamanhos, ora apagando o fundo da fotografia, ora recriando-o com desenho, luz e sombra.

Por fim, essas fotografias foram transformadas em fotogravuras. Posteriormente, as imagens foram colocadas em pequenas molduras de gesso e encapsuladas em parafina, formando uma leve névoa sobre seu semblante.

A artista distribuiu os retratos pelos ambientes da residência, integrando-os aos móveis, ficando quase imperceptíveis aos olhares dos visitantes.

O local mais simbólico de instalação de um dos retratos foi no cofre, no quarto do casal. Trata-se de uma fotografia de Eunice retirada de seu prontuário no Sanatório do Juquery.



Rosa Esteves
Série "Porta memórias" - 2012
Porcelana esmaltada, queima a 1.300°,
com pintura sobre esmalte.

Essa série é composta por pequenos corações de porcelana que trazem o retrato da "Tia Nicinha" em duas faces. Na frente, a imagem aparece em tons claros e suaves. No verso, uma mancha vermelha escorre sobre seu rosto. Essas peças foram projetadas para serem vistas por ambos os lados, dispostas sobre uma prateleira, ou móvel, com espelho, revelando, simultaneamente, aquilo que está visível e aquilo que se oculta (verso das peças). Na exposição "Inventário", foram colocadas sobre uma penteadeira num dos quartos da casa.

O conjunto apresentado revela a angústia da incompreensão que se torna matéria poética e visual. A dualidade dos retratos – suavidade de um lado, tensão do outro – reflete o sofrimento silencioso, os apagamentos, e a persistência da memória, mesmo quando marcada pela dor.

O conjunto de obras apresentado pela artista, no Museu Casa da Memória Italiana, pode ser considerado uma cartografia poética da ausência. Um exercício de trazer à luz aquilo que o tempo quase apagou. De costurar memórias possíveis a partir de lacunas, vazios e silêncios. Eunice Caldas emerge, aqui, não apenas como personagem familiar, mas como metáfora de tantas mulheres cujas histórias foram apagadas, esquecidas, interditadas.

Série "Seu retrato", instalada em uma penteadeira.
Fotos: Rosa Esteves.



10. Entre objetos e memórias

Desde julho de 2024, no Museu Casa da Memória Italiana, teve início uma nova etapa de pesquisa e valorização do seu acervo diverso, que tem início em 1920, por meio do projeto “Destaque do Mês”. A proposta envolveu as áreas de preservação, documentação e educação, do museu, que selecionaram nove peças para serem destacadas, uma por mês, tanto nas salas expositivas quanto nas redes sociais, ao longo de nove meses. O objetivo foi convidar o público a olhar com mais atenção para detalhes que, muitas vezes, passam despercebidos, mas contam muitas histórias.

Esse movimento também faz parte do processo de inventário do acervo — um trabalho cuidadoso de identificação, registro e pesquisa de cada peça que compõe a coleção do museu. Inventariar é dar nome, rosto e história aos objetos, garantindo sua preservação e ampliando seu potencial educativo-cultural.

Este livro, no entanto, vai além. Foram reunidos aqui algumas dessas peças em destaque, com outras igualmente importantes e cheias de memória, formando um recorte afetivo e curioso do que é possível encontrar ao visitar a casa. São móveis, objetos, utensílios e pequenas relíquias, que guardam, cada um à sua maneira, fragmentos de tempos passados e da vida cotidiana de famílias italianas em Ribeirão Preto.

Mais do que um catálogo, é um convite à descoberta. Um passeio pelas memórias de um lugar onde passado e presente se encontram, e onde cada canto tem uma história a ser ouvida — ou redescoberta.

Bule Batatais de Emygdio Bradaschia

Entre as tantas peças curiosas que habitam o Museu da Casa da Memória Italiana, uma delas chama a atenção tanto pelo design quanto pela história que carrega: a cafeteira EB, carinhosamente apelidada de Bule Batatais. Criada em 1919, na cidade de Batatais/SP, nasceu das mãos habilidosas de Emygdio Bradaschia, um imigrante italiano que chegou ao Brasil ainda menino, com apenas 13 anos, no final do século XIX. Em Batatais, Bradaschia fincou raízes, construiu sua vida e a oficina, onde criou peças que viriam a atravessar o tempo.

Na época em que o bule foi concebido, Batatais vivia o auge do ciclo cafeeiro, como uma das cidades que integrava a pujante região das fazendas de café do entorno de Ribeirão Preto. O café moldava a paisagem, os hábitos e a economia — e era ao redor de uma boa xícara que muitas histórias eram contadas. O Bule Batatais, com sua forma elegante e funcionalidade precisa, parece ter capturado um pouco dessa atmosfera.

A peça conquistou prestígio e foi premiada com medalha de prata na Exposição Internacional do Rio de Janeiro, em 1922 — um reconhecimento que ultrapassou os limites do interior paulista.

O exemplar que hoje habita a Casa chegou por meio de Ida Biagi Scatena, filha de Pedro Biagi. Ela recebeu o bule como presente de casamento, em 1942, e, a partir daquele momento, começou uma tradição familiar: o Bule Batatais passou a ser encomendado por Ida como presente em datas especiais, como casamentos e aniversários significativos. Assim, mais do que um utensílio doméstico, o bule tornou-se símbolo de afeto, memória e continuidade — um elo entre gerações, que hoje repousa entre os objetos do museu, guardando não só café, mas também boas lembranças.

Foto: Mari Ambrósio, 2025.



O acordeon da tia Ange

Outro objeto que pulsa memórias na Casa é o acordeon Scandalli 187, guardado com o mesmo zelo com que se preservam as lembranças mais queridas. Fabricado em Castelfidardo, na província de Ancona, na Itália — cidade reconhecida mundialmente como berço dos melhores acordeons —, o instrumento foi um presente oferecido à jovem Ângela Biagi por seus pais, Pedro e Eugenia Biagi.

Na juventude, Ângela ganhou esse modelo específico, mais leve e compacto, para que pudesse carregá-lo com facilidade e se expressar por meio da música. Naquele tempo, era comum que as moças fossem incentivadas a aprender instrumentos, bordado, piano ou acordeon, como parte de uma formação voltada aos ambientes doméstico e familiar, mas que também revelava um certo refinamento cultural da época.

Na Itália, especialmente na região das Marcas, o acordeon é símbolo de celebração, alegria e identidade regional. Tocado em festas populares, encontros familiares e serenatas, esse instrumento carrega uma forte ligação afetiva com a vida cotidiana. No Brasil, os imigrantes italianos trouxeram consigo essa tradição musical, mantendo vivas, mesmo longe da terra natal, as melodias que embalaram suas memórias e raízes.

O acordeon Scandalli, com seus detalhes artesanais e som característico, não era apenas um presente — era um convite à sensibilidade, à arte e ao convívio social. Entre os objetos que compõem o acervo da Casa, ele evoca não apenas a tradição musical herdada da cultura italiana, mas também o papel sutilmente atribuído às mulheres nas expressões culturais familiares, sempre com um toque de afeto, cuidado e harmonia.

Foto: Mari Ambrósio, 2025.



Boccia e o lazer do italiano

Dentre tantos detalhes da Casa, destaca-se uma escultura de bronze e mármore, que pertencia a Pedro Biagi e remonta a uma partida de bocha — ou boccia, como dizem os italianos. Mais do que um simples esporte, representa a alegria dos encontros, das amizades e da tradição preservada.

A bocha tem origens muito antigas, remontando aos tempos do Império Romano, quando soldados passavam o tempo lançando pedras redondas, como forma de distração e competição. Com o passar dos séculos, o jogo foi se aperfeiçoando até se tornar um esporte popular, especialmente na Itália, onde é sinônimo de convívio e lazer, especialmente entre os homens mais velhos das comunidades.

Por meio da imigração italiana, a bocha popularizou-se no Brasil, ganhando força nas cidades do interior paulista; e com a imigração massiva de italianos na região de Ribeirão Preto no final do século XIX e começo do século XX, não seria diferente por aqui. Deixamos a sugestão de observar, em algumas praças dos bairros mais antigos de Ribeirão Preto e verificar se encontram alguma cancha de bocha!

Foto: Mari Ambrósio, 2025.



Essa escultura, guardada com carinho, é mais do que uma peça de coleção. Fala sobre pertencimento, sobre as raízes de uma cultura trazida de longe e adaptada ao calor brasileiro. É símbolo de uma vida vivida com entusiasmo pelas pequenas alegrias do cotidiano.

Sobre a bela parede acolchoada

Um dos cômodos que mais geram dúvidas nos visitantes a respeito das paredes serem pintadas ou papel colado é a da bela Sala de Música. Nessa sala, onde a Tia Ange e seu Acordeon traziam a diversão para seus familiares e amigos, há uma pintura estampada com stencil, que remete à textura acolchoada; é uma técnica artística que utiliza um padrão específico para criar um efeito visual de acolchoamento. Esse padrão tem como objetivo simular a aparência de um tecido macio, com uma sensação de volume e suavidade. No caso da parede em questão, a técnica é aplicada de forma cuidadosa, empregando luz e sombra para dar profundidade à pintura, o que confere elegância e sofisticação ao ambiente. O resultado

Foto: Mari Ambrósio, 2025.



é uma decoração que, além de visualmente interessante, transmite a sensação de conforto e acolhimento, transformando o espaço em um local de boas-vindas e harmonia.

Esse tipo de pintura também pode ser interpretado como representação da tradicional ornamentação refinada, que traz um toque de sofisticação e acolhimento para qualquer ambiente, combinando técnica e arte de maneira encantadora.

A escolha da textura acolchoada, que remete

ao estofado, não foi por acaso, mas sim uma decisão cuidadosa com o objetivo de imitar as paredes dos teatros. Esse tipo de textura, ao ser aplicada nas paredes, lembra os materiais usados nesses ambientes para melhorar a acústica, como tecidos e estofados, que são comuns em teatros, cinemas e salas de música.

Essa combinação de sofisticação, funcionalidade e estética, é característica de ambientes que buscam equilíbrio entre arte e conforto, com atenção especial à experiência sensorial do espaço.

Pintura em Tela de Guerino Grosso



Foto: Mari Ambrósio, 2025.

O quadro da sala de jantar não traz apenas a assinatura de um artista: ele carrega também uma história de amizade e afeto. De autoria de Guerino Grosso (1907–1988), a obra é de um pintor, desenhista e professor brasileiro, nascido em Rio Claro, no interior de São Paulo e filho de imigrantes italianos. Sua trajetória foi marcada por dedicação

intensa à pintura, especialmente às naturezas-mortas e cenas bucólicas do interior brasileiro.

Suas naturezas-mortas, em especial, destacam-se pela composição equilibrada e pelo uso harmonioso das cores, como a que está na sala de jantar do Museu. Visualmente delicado, o quadro apresenta um vaso de flores — composição típica do gênero conhecido como natureza-morta, composto por cores quentes (vermelho e vinho) e, ao fundo, a mistura com o amarelo de outras flores.

Segundo relatos de uma das filhas falecidas de Eugênia e Pedro Biagi, a peça foi um presente do casal de amigos Otília e Mario Dedini, moradores de Piracicaba, no interior paulista.

Na parte de trás da moldura, um selo antigo revela a origem: uma empresa de emolduramento situada em Piracicaba. Esse pequeno detalhe, quase escondido, também ajuda a compor a trajetória da peça. Mais do que um simples presente, o quadro parece guardar a memória de um tempo em que presentear era uma forma de cultivar afetos — um gesto carregado de significado, que eternizava amizades queridas e vínculos importantes na vida do casal Biagi.

TRIM TRIM TRIM de disco

O telefone de disco, na cor preta, localizado no andar superior do Museu, chama a atenção, especialmente das crianças que nunca viram um modelo conhecido como "fusquinha". Esse telefone foi adquirido pela família Biagi na década de 1960, por Pedro Biagi.

Naquela época, eram utilizados apenas quatro dígitos para fazer chamadas, uma característica que continua preservada em uma plaquinha na parte da frente do aparelho – os números são 1826. O telefone foi projetado e fabricado pela marca Ericsson, e lançado na Suécia em 1960. Esse modelo destacou-se rapidamente, tornou-se o mais vendido no Brasil e permaneceu nos lares até os anos 90.

O telefone exposto no Museu costumava ficar sobre uma mesa, sob a escadaria. Agora, está posicionado de forma que os visitantes possam admirar esse clássico telefone modelo "fusquinha" e ouvir seu som ao tocar (sim, o telefone ainda funciona!). Sempre falamos que a visita ao Museu é uma verdadeira viagem no tempo, e quando o telefone toca, os visitantes vivenciam uma experiência de algo novo ou podem experimentar uma sensação de nostalgia.



Olha o cofre ali!

No quarto principal da Casa, ainda repousa, silencioso, um cofre antigo embutido na parede. Discreto, mas robusto, representa um costume comum em residências de famílias mais abastadas, no início do século XX: guardar com segurança documentos importantes, joias de família ou dinheiro em espécie. Em um tempo no qual instituições bancárias não eram tão acessíveis quanto hoje, era bastante comum que os próprios lares tivessem seus mecanismos de proteção e sigilo.

Esse cofre, em especial, guarda uma curiosidade que atravessa o tempo: em seu interior, colados à parede metálica, ainda podem ser vistos selos postais antigos. Esses selos, provavelmente colados ali a partir de alguma correspondência, ou documento arquivado, carregam a inscrição "Estados Unidos do Brasil" — com Z —, uma grafia que nos leva direto ao passado. A utilização do "Z" em "Brasil" era comum até início dos anos 1930, quando um decreto oficial padronizou a grafia da nossa língua portuguesa, consolidando a forma "Brasil" com "S".

Compondo as paredes da casa, o cofre, mais do que um objeto funcional, é um símbolo da memória íntima e silenciosa, daqueles tempos em que a segurança, o segredo e o papel selado se entrelaçavam nas rotinas da vida familiar.

Foto:s Mari Ambrósio, 2025.



Lustre da Sala de Música: Um brilho de memórias e curiosidades de música

Algumas peças do Museu guardam segredos e curiosidades que surpreendem até os olhares mais atentos — é o caso do lustre da sala de música, que permanece ali desde 1925. A própria sala já impressiona por seus detalhes: as paredes pintadas com padrões que imitam estofados e os acabamentos em gesso dão um ar elegante ao ambiente. E é nesse cenário que o lustre dourado se destaca, cheio de ornamentos e histórias.

Com sua pintura em tons dourados e rica em detalhes, o lustre chama a atenção pelos festões esculpidos e, especialmente, pelas pequenas figuras de animais que o enfeitam. Basta olhar com calma para perceber rostos intrigantes: ora parecem leões, ora lembram bodes — ou talvez uma mistura dos dois. Tudo depende do ângulo e da luz. É o tipo de detalhe que pode passar despercebido numa visita rápida, mas que encanta quando revelado durante as mediações.

Mais do que uma peça de iluminação, o lustre é uma espécie de enigma visual, que convida o visitante a olhar com mais atenção para os objetos da casa — e descobrir, nos pequenos elementos, camadas de história, afeto e imaginação.



Porta-joias e caixinha de música

O porta-joias, de Ângela Biagi, uma das últimas moradoras da Casa, foi um presente que ela ganhou na década de 1990 e ocupava um lugar especial em sua penteadeira, para guardar seus anéis, brincos, colares, entre outras joias.

As caixinhas de música com bailarinas dançantes surgiram no século XIX, na Europa, como uma forma de arte que combinava música e movimento. Essas delicadas peças mecânicas eram frequentemente feitas à mão, utilizando materiais nobres, como madeira e metais preciosos. No início, tornaram-se itens desejados, especialmente entre as mulheres de classes altas, servindo como presentes em ocasiões especiais, como aniversários, casamentos e celebrações familiares.

A caixinha de música da Ange foi feita de forma mais simples, de plástico, imitava madeira, com gavetas e portinhola que, quando aberta, trazia a bailarina dançando com uma melodia após “dar corda”.

Fotos: Mari Ambrósio, 2025.



Carrilhão feito pelas mãos de Miguel Nardella

Construído entre 1925 e 1926, por Miguel Nardella, um renomado mestre do Liceu de Artes e Ofícios em São Paulo, e praticamente o criador de boa parte dos móveis expostos no Museu, o carrilhão é uma peça com maquinário alemão e madeira nobre, marchetaria delicada e detalhes em metal. A habilidade de Nardella em unir técnica e estética é evidente, em cada aspecto desta obra, que se destaca não apenas por sua funcionalidade, mas também pela beleza.

A peça foi doada por gratidão, pelas tias Osônia e Ângela Biagi, ao sobrinho Sérgio Bighetti, que é um empresário e figura social de Ribeirão Preto, conhecido por seu envolvimento em atividades culturais e comunitárias na cidade e casado com Itália Bighetti, com quem compartilha participação ativa em eventos sociais e culturais locais. Em maio de 2021, o carrilhão foi devolvido ao acervo do Museu pelo casal Sérgio e Itália, garantindo que essa obra continue a ser apreciada e discutida pelas futuras gerações.

O relógio carrilhão é uma verdadeira obra de arte, desde sua mecânica minuciosamente pensada, e pelo belíssimo som emitido a cada meia hora, criando uma atmosfera encantadora na Casa e para a curiosidade dos visitantes.

A peça exposta no museu não só valoriza a história da família Biagi e Bighetti, mas também contribui para a memória coletiva da comunidade italiana e os seus modos de fazer, como o trabalho de marchetaria, convidando visitantes a refletirem sobre as tradições e legados que moldaram os fazeres da época.

Porta de entrada do Museu Casa da Memória Italiana, 2014. Foto: Alice Registro Fonseca.

Fotos: Mari Ambrósio, 2025.



11. A casa e o museu-casa



A casa que é museu abriga objetos e desperta memórias de vida, desejos, saudades, sonhos e sentimentos. No contexto museológico, esses espaços de vida cotidiana doméstica preservados em casas históricas são conhecidos no Brasil como Museu-casa ou Casa-museu. Uma categoria de museu com acervo específico, com uma coleção reunida por seus antigos moradores. Agregam particularidades da época e espelham personalidades nos detalhes em cada cômodo e em cada objeto exibido.

As primeiras iniciativas de abertura de museus-casa no Brasil foram no início do século XX. Em 1915, o Museu Mariano Procópio (Juiz de Fora, Minas Gerais) foi fundado por iniciativa privada e, em 1928, foi decretada a criação do Museu Casa de Rui Barbosa (Rio de Janeiro, Rio de Janeiro)⁵⁴. A antiga casa de veraneio da personalidade do Império e a residência do jurista e político brasileiro foram transformadas em museu para manter viva a memória dos seus homenageados.⁵⁵ Na região de Ribeirão Preto, o Museu Casa de Portinari foi inaugurado em 1970, no lar onde viveu a família de imigrantes italiana e o artista com reconhecimento internacional, colocando a cidade de Brodowski e a localidade no roteiro dos museus-casa⁵⁶.

Como numa viagem no tempo, a intimidade da casa possibilita contar histórias e o museu abre para os visitantes ressignificarem esse retrato de um lar. O cenário da esfera privada à disposição do usufruto público. A casa e seus espaços, transformados em museu, preservam e comunicam, através das ações educativas e de pesquisa, a identidade étnica italiana integrando a cultura do interior paulista.

Em 2014, o Instituto Casa da Memória Italiana foi criado e as ideias de um novo museu apresentadas à comunidade. A motivação em contar as histórias das famílias italianas imigrantes na terra vermelha de Ribeirão Preto levou à escolha do seu nome. A casa histórica, que preserva decoração e mobiliário da sua época de construção, na década de 1920, foi o epicentro para constituição de mais uma instituição museológica para a cidade.

A motivação para criar o Museu Casa da Memória Italiana integra um movimento de recuperação da ancestralidade observada pelo pesquisador Oswaldo Truzzi⁵⁷, desde os anos 1980. Foi verificado que, a partir da terceira geração nascida no Brasil, acontecia uma busca por conhecer e valorizar a identidade étnico-cultural de suas famílias. Assim, relembrar e vivenciar a italianidade que resistiu ao longo do tempo da chegada dos antepassados no âmbito doméstico, como o caso do museu-casa, provoca lembranças afetivas.

“Fazer a América” é uma expressão que surgiu no imaginário europeu em meados do século XIX e início do século XX⁵⁸. Diante da crise enfrentada na Europa, o Brasil, ou o “Novo Mundo”, era um símbolo da esperança de ascensão social e prosperidade.⁵⁹ Nesse caminho de buscar as origens dessa ancestralidade, expor as memórias dos

transcursos de vida numa nova terra, é valioso para reconhecimento e conscientização da preservação do patrimônio cultural.

Durante o evento de doação da casa ao Instituto, em 2014, que divulgou a iniciativa para toda a comunidade, estiveram presentes os fundadores e conselheiros técnicos envolvidos, além de representantes da sociedade civil e compatriotas italianos. Entre os conhecidos, em Ribeirão Preto, estiveram: Francesco Cammilleri, Adriano Coselli, Antonio Sartore, Mário Perrota, Anivaldo Registro, Octávio Verri Filho e Sérgio Colagrossi. Ainda reuniram os familiares daqueles que viveram na casa, como os de Joaquina Evarista Meirelles, representada por Francisco Machado de Souza Neto, a esposa Regina Maria Nogueira de Carvalho e filhas; além dos descendentes de Pedro Biagi e Eugênia Viel Biagi.



Diretoria e Conselho do Instituto Casa da Memória Italiana em cerimônia de doação do imóvel. Da esquerda para a direita: Vincenzo Spedicato, Weimar Marchesi de Amorim, Angela Biagini de Amorim, Maurilio Biagi Filho, Nilton Campos, Maria do Carmo Esteves, Tânia Cristina Registro, Giulia Crippa, Eduardo Marchesi de Amorim e Adriana Silva (2014). Foto: Beto Baptista.



Convidados da comunidade italiana (Adriano Coselli e Francesco Cammilleri) e descendentes da família que construiu a casa (Francisco Machado de Souza Neto em pé, à direita, ao lado da filha e mulher), na cerimônia de doação do imóvel para o Instituto Casa da Memória Italiana (2014). Foto: Beto Baptista.



Bastidores da gravação do documentário aprovado e realizado via recursos do ProAC ICMS do Governo do Estado de São Paulo. Adriana Silva entrevista Maria Augusta Scatena Lopes, e Antônio Torres grava a cena (2016).

As primeiras ações foram o inventário dos objetos encontrados na casa, seguido de registros das memórias italianas narradas pelas novas gerações. Esses relatos resultaram de um projeto aprovado pelo Programa de Ação Cultural (ProAC) do Governo do Estado de São Paulo, auxiliado com o apoio dos primeiros patrocinadores e parceiros. Os descendentes contaram suas memórias afetivas com sabores, costumes, festividades e outras lembranças deixadas pelos antepassados. Histórias que ajudam a fundamentar e desenvolver as ações educativas e culturais do Museu.

Para divulgar a implantação do novo Museu, na cidade, a artista visual Weimar Marchesi de Amorim, presidente do Instituto Casa da Memória Italiana, relatou à imprensa:

"Sabemos do importante papel social que os museus exercem e a Casa da Memória Italiana já surge com esse foco. Outro diferencial da instituição

é a estrutura que ela possui. A casa está muito bem conservada, tanto a sua edificação quanto o mobiliário de época. É um conjunto de elementos que já vem sendo pesquisado e que estará à disposição da comunidade por meio de ações socioculturais”.⁶⁰

Divulgação da implantação do novo Museu na cidade, em matéria no Caderno Ribeirão da “Folha de S. Paulo” do dia 25 de setembro de 2014.



Visita escolar no Museu Casa da Memória Italiana (2015). Foto: Heloisa Junqueira.

A abertura das portas para visitas acompanhadas de mediadores gerou interesse e procura significativa da população. Em relatos escritos nos questionários, após o percurso, os visitantes expressaram a experiência como “Perfeita! Emocionante, nostálgico, um retorno ao passado de meus ancestrais, da história da minha família”. Outros parabenizaram a iniciativa e vislumbram: “Por uma Ribeirão que cultive e valorize mais sua história, arte e cultura”.

Dentre as conquistas para a implantação do Museu Casa da Memória Italiana, em outubro de 2015, executou-se o projeto de exposição do acervo, pela museóloga Rosa Esteves e o arquiteto, urbanista e conservador de obras de arte, Nilton Campos. A curadoria buscou revisar a ambientação dos espaços para valorizar a identidade do acervo, oferecer segurança aos objetos expostos, e facilitar a circulação dos públicos. Outro passo importante foi a constituição do primeiro Plano Museológico⁶¹, em 2018, que indicou caminhos para a continuidade e melhoria das atividades, evidenciando aspectos que singularizam esse museu.



Registro do inventário do acervo do Museu Casa da Memória Italiana, escultura figura de humana jogando bocha. Foto: Nilton Campos e Rosa Esteves.

Diante das projeções, no final do ano de 2019, foram inauguradas novas áreas de convivência destinadas ao acolhimento de todos os públicos. Instalação de banheiros, um espaço para café e nova área de serviço foram construídos pelas empresas parceiras. O evento reuniu os patrocinadores desse projeto com café, música e visita ao interior da casa.

Coro Memorie d'Itália apresenta-se no evento de inauguração da nova área de convivência do Museu Casa da Memória Italiana (2019).



O projeto foi importante conquista para o Museu-casa e o atendimento à população. O trabalho dedicado dos parceiros e a paixão pela arquitetura histórica movimentaram a implementação, seguindo os cuidados da preservação do estilo arquitetônico original do quintal. A distribuição das áreas de serviço e as esquadrias das portas e janelas foram mantidas e adequadas ao uso contemporâneo do Museu Casa, com escolhas estéticas que tornam visíveis as intervenções, destacando o que foi renovado em contraste com o que se manteve preservado.

Os novos espaços fomentaram a programação de ações culturais que agregaram acessibilidade, conforto e preservação da memória. Em 2020, em ato oficial do Instituto foi criado o Museu Casa da Memória Italiana. No mesmo ano, em razão da pandemia do Covid-19, o patrimônio cultural preservado na paisagem do centro urbano de Ribeirão Preto atingiu o ambiente virtual.

A reinvenção do relacionamento entre os visitantes e os equipamentos culturais, durante o período pandêmico, possibilitou novos encontros entre as coleções, histórias e heranças, com uma nova maneira de visita com experiências no meio virtual. Apesar das visitas presenciais terem sido suspensas por um período, continuaram os momentos de interação com os grupos, em espe-



Evento de inauguração da nova área de convivência do Museu Casa da Memória Italiana, projeto em parceria com Elenco Associados (2019). Foto: Otávio Leite.

cial, as escolas. Aconteceram algumas visitas mediadas virtuais, desenvolvendo atividades de acolhimento do grupo, bate-papo temático, visita mediada por meio do tour 360° disponível no site.

Deste ponto em diante, propõe-se olhar para alguns dos ambientes desta Casa com a intenção de relembrar algumas das atividades do Museu Casa da Memória Italiana. Escreve-se com os olhos brilhando, a cada pequeno passo percorrido nesses espaços.

11.1 Conhecer, apreciar, dialogar e preservar

A sala de música é o primeiro cômodo de acesso pelo hall da entrada principal. As suas portas, com vidro de cristal, abrem-se em dupla como duas cortinas de um teatro. Um lugar de estudo e apreciação musical, adornado com requinte nas suas paredes pintadas, lembrando a aparência de estofados confortáveis e elementos decorativos em relevo representando colunas clássicas. O piano retornou, em 2022, para compor novamente com o acordeom e fornecer lembranças sonoras nesse ambiente.

As visitas no Museu Casa da Memória Italiana acontecem com agendamento e horários disponíveis para interessados conhecerem por dentro da casa. O visitante é sempre acompanhado por educador que direciona a observação de detalhes e a narração de histórias que se abrem para conversas. As memórias individuais cruzam-se com as memórias coletivas. Mesmo entre desconhecidos, numa visita, pode acontecer compartilhamentos de vivências na mesma cidade, entre os ribeirão-pretanos e até mesmo aqueles de outros estados e nacionalidades, que aproximam e diferenciam costumes.

Além das visitas agendadas pelo público espontâneo, o Museu atende também grupos diversos de estudantes, nas mais diferentes faixas etárias; clínicas e hospitais psiquiátricos e de reabilitação, casas de repouso; Organizações não Governamentais (ONGs) com trabalhos sociais; pesquisadores e outros grupos interessados em conhecer o espaço e o trabalho realizado. Dentro das demandas de cada grupo, o educativo tem se alinhado com os diferentes escopos, trazendo propostas acolhedoras e sensíveis.

Alguns projetos educativos do Museu Casa da Memória Italiana destacam-se, como as formações de professores, que são ações atreladas à programação institucional, voltadas para educadores,



Visita escolar no Museu Casa da Memória Italiana (2018)



Visita escolar (2025). Foto: Gabriel Azarias.

acreditando que esses têm papel de agentes multiplicadores. Nessas ações, são propostas atividades reflexivas e práticas, principalmente acerca da imigração, de artes e do patrimônio histórico-cultural, de forma que os assuntos possam ser trabalhados amplamente, tanto em sala de aula, quanto no Museu, ou em outros espaços de memória.



Atividade de formação de professores (2025).

A instituição, mais uma vez, também desenvolve iniciativas fora de seu espaço físico. Exemplo disso é o projeto “Museu vai à escola”, que surge após a percepção de que crianças da primeira infância tem pequena representação no público que visita o espaço. A proposta, então, é trabalhar, com os professores da primeira infância, assuntos pertinentes ao Museu, enquanto casa e a imigração, em sala de aula. Finalizando o processo com a exposição de trabalhos dos alunos e, ainda, visita presencial. A proposição busca, com a vinda do público da primeira infância ao Museu e suas discussões, criar desde cedo a consciência e identificação patrimonial.



Ação educativa “Museu vai à escola”, em parceria com Escolas da Educação Infantil da Prefeitura de Ribeirão Preto (2024).

Um dos projetos mais recentes é o “Museu extramuros”, idealizado e realizado por Thales Spósito, historiador e educador da instituição, em diálogo muito próximo com entidades parceiras, principalmente as de ensino profissionalizante, e rede pública formal. Desenvolve ações educativas também em sala de aula, dando continuidade aos processos iniciados no Museu, trazendo discussões sobre patrimônio, cidadania, educação e autoidentificação.



“Museu extramuros”, atividades do Museu Casa da Memória Italiana destinadas ao Espro - Ensino Social Profissionalizante (2025).

Nos anos de 2023 e 2024, o Museu Casa da Memória Italiana, em parceria com o Instituto Paulista de Cidades e Identidades Culturais (IPCIC), retomou – por meio da Secretaria da Cultura e Turismo de Ribeirão Preto – a Jornada Municipal do Patrimônio Cultural. A iniciativa foi integrada à programação da Primavera dos Museus, evento cultural promovido nacionalmente pelo Instituto Brasileiro de Museus (Ibram), e às comemorações do Dia Municipal de Preservação do Patrimônio Histórico e Cultural, celebrado em 17 de setembro.

A jornada contou com uma programação diversificada, composta por palestras, mesas-redondas, oficinas, visitas guiadas e apresentações culturais, realizadas em diversos espaços culturais da cidade e da região. Tais atividades contaram com a parceria da Biblioteca Sinhá Junqueira, o Museu da Cana, Memorial da Classe Operária (UGT), Museu de Arte de Ribeirão Preto (Marp) – Pedro Manuel-Gismondi, Museu da Imagem e do Som (MIS) – José da Silva Bueno e Centro Cultural Palace. O objetivo foi valorizar, preservar e difundir a memória e a cultura de Ribeirão Preto, por meio de ações gratuitas e abertas ao público, promovendo o acesso democrático ao patrimônio cultural local.

Acompanhar as ações educativas e culturais no processo de transformação da Casa em Museu é também verificar novos modos de cuidados, atendendo às especificidades técnicas de preservação patrimonial. A busca de condições adequadas para diminuir ao máximo o processo de envelhecimento dos objetos passa a ser o interesse principal da conservação, modificando o uso original. Da mesa de servir, para a apreciação na exposição.

A sala de jantar faz parte do conjunto de ambientes de convívio social, que está mais próximo à composição original da casa, nos anos de 1920. Os objetos utilitários, como as taças de cristais e pratos; os objetos decorativos, como o quadro da Santa Ceia em madeira e a pintura do



Jornada de Patrimônio, atividade “Roteiro paisagem cultural do café” (2023). Foto: Gabriel Azarias.



Jornada de Patrimônio, cortejo do Maracatu Baque Mulher Ribeirão (2023). Foto: Ana Carolina Rocha

artista Guerino Grosso, foram elementos agregados posteriormente, no lar da família Biagi. Fato observado nas fotografias que integram o acervo do Museu-Casa, que registraram as festividades e foi relatado por Ida Biagi Scatena, Iris Biagi Gabarra, e netos, que conviveram nessa residência.



Bodas de Ouro de Eugênia e Pedro Biagi. Da esquerda para a direita: Maria Pelá Biagi, Pedro Biagi, Eugênia Biagi, Gaudêncio Biagi, Ignez Gouveia. Acervo fotográfico MCMI (F0002) Foto Esporte; Ribeirão Preto (1954).

A intervenção nas paredes, em especial da sala de jantar, foi realizada em 2014, com o objetivo de eliminar problemas na estrutura, sanando os ataques biológicos criados pela infiltração de água advinda da área externa da casa. Foi necessário fazer restauração na pintura decorativa, optando por deixar aparente a diferença de texturas entre a parte original e a nova, restaurada. Respeitou-se a autenticidade, a reintegração material e a restituição da aparência estética da superfície danificada⁶².



Restauo da pintura da sala de jantar do Museu Casa da Memória Italiana (2014). Foto: Alice Registro Fonseca.

O universo das ações no museu envolve processos de documentação, conservação, exposição e ação educativo-cultural, devendo seguir em constante comunicação com o público e comum acordo sobre o acervo. A Museologia é um campo de estudo da relação entre indivíduo, objeto, espaço, tempo e memória, ou seja, uma ciência que pesquisa sobre o fato museal, a musealidade, ou o fenômeno Museu⁶³.

Na exposição, podem acontecer múltiplas formas de interações sociais entre diversos públicos. Nesse processo de comunicação, entre os objetos expostos e visitantes podem ocorrer: contemplação, prazer estético, observação, diálogos, leituras, entre outras possibilidades. O contato do visitante também envolve os espaços e os

recursos expográficos, que proporcionam uma experiência de visita agradável e educacionalmente significativa e crítica. No esforço em mitigar distanciamentos linguístico e comunicacional, foram direcionadas algumas atividades para a comunidade surda, entre 2021 e 2022.

A aproximação contou com capacitação para funcionários e oficina para jovens surdos sobre Língua Brasileira de Sinais (Libras). A atividade também resultou em palestras e encontros virtuais, disponibilizados no perfil @casadamemoriaitaliana no YouTube. O encontro com a comunidade surda gerou um vínculo afetivo, possibilitando a criação de um sinal para o Museu Casa da Memória Italiana. Um gesto específico criado por uma pessoa surda através da observação e convivência possibilita a identificação de maneira prática, sem necessidade em fazer o gesto de cada letra do nome. Um significativo passo para estreitar e fortalecer uma comunicação acessível.



Desenho do sinal em Libras do Museu Casa da Memória Italiana, criação de Lucas Ramon Alves de Lima Maciel (2021)

11.2 Canções e filmes italianos no jardim e quintal

"O sole mio", "Astro del ciel", "Adestre Fideles", "Santa Lucia" e "Funiculi, funicula" são algumas das músicas que o Coro Memorie d'Itália apresenta anualmente na fachada do Museu Casa da Memória Italiana. Desde 2015, o coral, sob a direção de Alexandre Mazzer Peticarrari, ensaia semanalmente no quintal do Museu-casa e em dezembro convida a população a ocupar a rua e a praça para escutar essas canções e evocar o espírito natalino.

O Coro Memorie d'Itália começou a sua história na Cantina Piatto, em Ribeirão Preto, com o incentivo pessoal do proprietário, Luís Carlos Dampsey. A atividade musical do coral foi iniciada em 2011, com a contribuição musical do Sr. Mário Lázaro, que reuniu o primeiro grupo, cerca de 10 pessoas, amantes da música e cultura italiana.

Desde que o coro mudou seu espaço de estudo e de atuação, novos integrantes passaram a frequentá-lo. Mantendo uma média de 30 interessados pela música, a saudade de quem partiu é dedicada a cada canção tocada. A parceria possibilita manter vivas as raízes italianas e divulgar a cultura dos antepassados imigrantes, expoentes ribeirão-pretanos, assim como reacendê-la em seus descendentes.

As janelas da casa centenária abrem para a paisagem do centro urbano e testemunha histórias de amor de casais que se encontram na praça em frente; os sonhos de estudantes; e os desejos de saúde e amizade. A abertura das janelas acesas e ocupadas, em cena no Concerto di Natale, revela o encanto da casa de morada e das ações do Museu-casa como lugar de memórias. Encontros do passado com o presente possibilitam experiências de reviver e recontar momentos de proximidades, distanciamentos, afinidades e conflitos.

Primeiro ano do Concerto di Natale (2014). Foto: Otavio Leite.



Coro Memorie d'Itália, direção de Alexandre Mazzer Peticarrari (2018). Foto: Alice Registro Fonseca.



O Museu Casa da Memória Italiana possibilita materializar um tempo aberto entre o passado e o movimento de mudança. Um lugar que celebra a transformação de uma casa em museu, em renovação a cada nova experiência artística, expositiva e dialogada.

Outras atrações musicais também ocuparam o quintal e renovaram a vivência entre espaço e tempo, nesse patrimônio. O cenário do palco para o Bel Canto e o Concerto Napolitano, apresentado respectivamente em 2020 e 2021, estabeleceu pontes entre passado e presente. O legado cultural italiano reinterpretando canções clássicas e folclóricas. Ambas as ações resultaram da parceria com o Consulado-Geral da Itália, em São Paulo, por meio do projeto “A Caminho do Interior” e produção da Cia Ópera São Paulo, levando espetáculos para as populações para além da capital. Um carinho em forma de arte, disponível no canal do YouTube Casa da Memória Italiana.

Estabelecendo mais uma relação espacial e cultural da Casa sede do Museu e seu espaço externo, para além das canções italianas em sua fachada, os fundos, que eram cenário de parte das atividades domésticas, e onde se faziam festas familiares, hoje, o quintal e a sala multiuso (antiga garagem) são ocupados mensalmente com o projeto “Cine Memória Itália”, que se destaca entre as diversas ações culturais promovidas pelo Museu Casa da Memória Italiana.

Criado em 2019, como forma de aproximar o público da cultura italiana por meio do cinema, o projeto exhibe filmes clássicos e contemporâneos da Itália, sempre com entrada gratuita. Após as sessões, acontece um bate-papo cultural, que convida o público a refletir e trocar ideias sobre os temas abordados nas obras.

Com curadoria de Fernanda Stucchi e Fernando Trotta, a seleção de títulos é pensada para alcançar diferentes públicos e gostos, trazendo produções marcantes do cinema italiano. A programação é atualizada semestralmente.

Mais do que uma mostra de cinema, o Cine



Recital Bel Canto Italiano via projeto “A Caminho do Interior”, interpretação de Raquel Paulin (soprano), Anibal Mancini (tenor), Johnny França (barítono), Flávio Lago (piano). Produção da Cia. Ópera São Paulo em parceria com o Consulado-Geral da Itália em São Paulo (2020). Foto: Otávio Leite.

Memória Itália é um espaço de encontro, conversa e valorização da herança ítalo-brasileira por meio da sétima arte.

Ainda com o objetivo de aproximar o público dessas tradições, o Museu promove mensalmente, desde 2018, oficinas de culinária italiana. O projeto nasceu em parceria com o chef Gabriel Nogueira, e, desde o segundo semestre de 2024, é conduzido pelo chef Alexander Silveira.



Oficina de culinária italiana, com o chef Gabriel Nogueira (2024).

Durante as oficinas, são ensinadas e degustadas receitas e técnicas culinárias tradicionais italianas. Ao mesmo tempo, o projeto acompanha as tendências e necessidades atuais, incorporando ingredientes brasileiros, e oferecendo versões adaptadas para pessoas com restrições alimentares. Tudo feito com dedicação e experiência dos chefs que compartilham seu conhecimento com generosidade e entusiasmo.

Mais do que aprender a cozinhar, as oficinas também despertam lembranças afetivas e homenageiam a tradição passada de geração em geração, especialmente pelas mãos das nonnas, as avós italianas, guardiãs dos sabores e histórias da família. É uma forma de manter viva a conexão entre comida, memória e afeto.



Oficina de culinária italiana, chef Alexsander Silveira (2025).

11.3 De portas abertas: exposições fora e dentro do museu-casa

O Brasil, assim como a nossa região, ganhou novos nomes, sobrenomes, culinária, vestuário, música, entre outras identidades. A exposição "Memória Italiana", apresentada em 2018, em parceria com o Ribeirão Shopping, é um exemplo de mostra inédita fora do Museu-casa. Integrou a comemoração do Dia Nacional do Imigrante Italiano, celebrado em 21 de fevereiro, e divulgou a coleção para públicos extramuros.

Abertura da exposição "Memória Italiana" no Ribeirão Shopping. Edilah Lacerda Biagi, Antônio Torres, Maria Augusta Scatena Lopes, Adriana Silva, Raquel Jacob, Alice Registro Fonseca (2018).



Foram expostos documentos e fotos, vitrines com peças do acervo da Casa da Memória Italiana e vídeos com as histórias de dez famílias italianas, desde a chegada de seus ancestrais imigrantes ao Brasil e as suas contribuições para os desenvolvimentos sócio-cultural e econômico da região de Ribeirão Preto e do Estado de São Paulo. As peças escolhidas, as cadeiras da coleção da casa, exemplares da decoração do patrimônio construído na década de 1920, representam os ofícios dos imigrantes italianos.

"Imigrantes do Café" foi o nome da exposição temporária que promoveu encontros entre acervos de museus do interior e da capital paulista para contar a história do café em Ribeirão Preto e a chegada dos italianos à terra vermelha. A narrativa da mostra apresentada no Museu Casa da Memória Italiana, entre os anos de 2020 e 2021, contou também com objetos, móveis e arquivos da sua coleção e do Museu Histórico e do Café de Ribeirão Preto.

A exposição itinerante "Imigrantes do Café" foi uma iniciativa de parceria entre o Museu da Imigração (São Paulo) e Museu do Café (Santos) com o Sistema Estadual de Museus (Sisem/SP),



Visita à exposição "Imigrantes do Café" (2020).

que percorreu, com a mostra, outras cidades do estado. Exibia o cruzamento da história da imigração e do café no Brasil, entre fins do século XIX e começo do XX, e o percurso do imigrante e o seu envolvimento com o grão desde o desembarque no porto de Santos, até o consumo diário.

No ano de 2021, os ambientes da casa foram ocupados pela exposição temporária "Nonni di São Paulo"⁶⁴. O hall de entrada foi escolhido como espaço da recepção do público, e posicionado um totem com imagens e textos sobre a figura de Pedro Biagi. Oliviero Pluviano, jornalista e idealizador da mostra, também aparece representado em painel convidando a conhecer mais sobre as histórias dos vovôs e vovós entrevistados por ele.

Antonio Angeli, Marino Romanello, Mario Perrota, Tulio Santini e Adriano Coselli são avós italianos que fizeram de Ribeirão Preto seu lar e representam a diversidade de histórias da imigração italiana. "Nonni di São Paulo" reuniu 50 depoimentos de migrantes italianos, além de fotografias, vídeo-documentário e trilha sonora.

A exposição marca significativa parceria com o Consulado-Geral da Itália em São Paulo, um apoiador da mostra. Na abertura da exposição, autoridades e familiares dos nonni retratados estavam presentes. Dentre eles, os descendentes de Antônio Angeli prestigiaram in memoriam.

Antoninho, como ficou conhecido na trajetória pelo futebol, nasceu em 1939 e faleceu um pouco antes da inauguração da mostra. É destaque no Hall da Fama do time do Botafogo de Ribeirão Preto; jogou no Palmeiras e emocionou a torcida florentina na Itália, nos anos 1960.

Mário Perrota, um italiano e ribeirão-pretano de coração, também prestigiou o evento, e foi uma das memórias narradas. Nasceu em Succivo, próximo de Nápoles, na província de Caserta, no ano de 1939. Convencido pelo irmão Vincenzo de que o Brasil era o país do futuro, Perrota passou por várias cidades e fixou-se em Ribeirão Preto onde encontrou muitos compatriotas, presidindo, em duas gestões, a Società Dante Alighieri.



Visita à exposição "Nonni di São Paulo", no hall de entrada do Museu Casa da Memória Italiana (2021)



Abertura da exposição "Nonni di São Paulo", Vincenzo Spedicato, Mario Perrota, Oliviero Pluviano e Filippo La Rosa – cônsul-geral da Itália em São Paulo (2021). Foto: Otávio Leite.



Parte do Coro Memoria d'Itália visita a exposição "Nonni di São Paulo", área de interação "Nonni di Ribeirão" e na cozinha do Museu Casa da Memória Italiana (2021). Fotos: Alice Registro Fonseca.

Os cômodos do Museu-casa também foram palcos de ocupações artísticas variadas. O cenário artístico para o videoclipe "Olhos de Quem Não Dormiu", da banda ribeirão-pretana Liberdelux é um desses exemplos que aproxima a produção contemporânea de arte local. A canção de Flávio Anchieta ganhou um novo significado para o museu, de maneira semelhante quando se abrem as portas para feiras de arte e artesanato. O caso da Feira Relva, realizada entre 2019 e 2021, em que uma ocupação cultural tornou o espaço significativo para a convivência social.



Making Off do clipe "Olhos de Quem Não Dormiu", da banda ribeirão-pretana Liberdelux (2019).

Uma interpretação artística com Companhias Boccaccione e Teatro de Riscos, grupos de artes cênicas formados em Ribeirão Preto, aconteceu em 2021. A intervenção artística, disponível no Canal do YouTube Casa da Memória Italiana e da ONG VIVACIDADE, apresenta história escrita há quase dois séculos, que se adéqua a questões vividas pós-pandemia do Covid-19. A leitura dramática do conto intitulado "A Máscara da Morte Rubra", do autor estadunidense Allan Poe, escritor do gênero literário de ficção policial e ficção científica, foi gravada em variados espaços do Museu-casa.

Um museu com acervo permanente, com destaque para o mobiliário e a decoração, entre as décadas de 1920 e 1940, enfrenta o constante desafio de se manter atual e atrativo para o retorno de seus visitantes. Uma das soluções bem-sucedidas adotadas pelo Museu Casa da Memória Italiana tem sido as exposições anuais de arte contemporânea.

Reforçando um dos princípios do estatuto do Instituto Casa da Memória Italiana – o compromisso com a arte contemporânea –, essas exposições trazem ao público o trabalho de artistas locais e da região, que intervêm criativamente nos espaços do Museu. Entre os nomes que já participaram de diferentes mostras, estão Leda Braga, Eny Aliperti, Yolanda Cipriano, Nilton Campos, Rosa Esteves, Adriana Amaral, Cristina Aliperti, Jussara Marangoni, Helen Faganello, Weimar Amorim, Ubirajara Júnior, Deli Sampaio, dentre outros. Suas obras provocam novos olhares e discussões sobre temas como ambiente doméstico, imigração, intimidade, moradia, memória e, muitas vezes, questionam as próprias tradições da arte.

Como parte das ações contínuas voltadas à valorização da arte contemporânea, no museu, destaca-se, em 2022, a criação do Grupo de Estudos em Arte Contemporânea (Geac), coordenado pela artista visual, arquiteta e curadora Yolanda Cipriano. O grupo tem como objetivo investigar, analisar e discutir temas ligados às artes visuais,

com ênfase na arte contemporânea. Os encontros do Geac envolvem a apresentação de vídeos, leituras textuais, análises de obras, pesquisas em bibliotecas e a participação ativa em atividades do circuito cultural da cidade e região.

Seguindo as ações culturais da casa e seus estudos, por meio de mostras, em 2023, o Museu Casa da Memória Italiana, em parceria com o Instituto Cultural Janela Aberta e com fomento do CAU-SP, projeto e pesquisa de Ana Cirigliano e Estúdio Arara, realizou o projeto "Casa da Memória Italiana e o Morar Paulista nos Anos 20". Uma programação especial em comemoração ao centenário do projeto arquitetônico da residência que hoje abriga o Museu.

O destaque do projeto foi a exposição, realizada no próprio Museu, convidando o público a refletir sobre os modos de morar na década de 1920, por meio de fotografias e a reprodução de documentos e registros que dialogam com a arquitetura e os hábitos domésticos da época, no interior do estado de São Paulo. A residência, projetada pelo arquiteto Arnaldo Maia Lello, em 1923, está inserida em um contexto de grandes transformações sociais e culturais, como a Semana de Arte Moderna e o Centenário da Independência.

Complementando essa iniciativa, o projeto contou com um ciclo de palestras de pesquisadores das temáticas, na Biblioteca Sinhá Junqueira, além de uma mostra paralela no Marp, em celebração ao aniversário da cidade.

A exposição "Marp | Tempo | Paisagem" reuniu obras de 13 artistas e apresentou documentos que narram a trajetória da edificação do Museu de Arte e sua inserção na paisagem urbana de Ribeirão Preto. A mostra foi realizada em parceria com o Marp, a Divisão de Patrimônio Cultural, e o Museu Casa da Memória Italiana.

Outra mostra de destaque foi lançada em 2024, dentro da programação comemorativa dos 150 anos da imigração italiana no Brasil, a partir do livro homônimo da jornalista e escritora Daniela



Leitura dramática encenada no Museu Casa da Memória Italiana, interpretação artística com a Companhias Boccaccione e Teatro de Riscos (2021).



Visita de alunos da Educação de Jovens e Adultos (EJA), à exposição "Casa da Memória Italiana e o Morar Paulista nos Anos 20" (2023)



Abertura da exposição "Força Italiana – Histórias de Família" (2024). Foto: Mari Ambrósio.



Abertura da primeira exposição de arte contemporânea no Museu Casa da Memória Italiana. Instalação "Sonho em Metros" da artista Weimar (2016). Foto: Mara Fukuta.



Visita do Grupo de Estudos em Arte Contemporânea (Geac), ao Museu de Arte de Ribeirão Preto (Marp) Pedro Manuel-Gismondi (2024).



Exposição “Entre Retratos, Bules e Memórias, Casamentos e Tradições dos Italianos em Ribeirão Preto” (fev. 2025). Foto: Mari Ambrósio (2024).

Penha, a exposição “Força Italiana – Histórias de Família”, como mais um tributo sensível e potente à presença da imigração italiana em Ribeirão Preto e região. Realizados pelo Museu Casa da Memória Italiana, a exposição e a publicação celebraram a força de um legado que atravessa gerações e permanece vivo nos hábitos, nas crenças, nos afetos e nas histórias das famílias descendentes de italianos.

Inspirada nas histórias colhidas durante a produção do livro, a exposição destacou a força que atravessa gerações: manifestada no trabalho, na mesa farta, nas tradições e no afeto. Foram memórias que conectam passado e presente, construindo uma narrativa viva sobre identidade, pertencimento e herança cultural.

O Museu realiza anualmente a programação da Semana do Imigrante Italiano, um circuito de atividades culturais e educativas promovido sempre em torno do dia 21 de fevereiro, data em que se celebra o Dia do Imigrante Italiano no Brasil. Em 2025, como parte dessa programação, foi inaugurada a exposição “Entre Retratos, Bules e Memórias: Casamentos e Tradições dos Italianos em Ribeirão Preto”. A mostra foi organizada em três núcleos: o primeiro, com itens recém-integrados ao acervo do Museu Casa da Memória Italiana, provenientes da coleção pessoal e do estúdio dos fotógrafos Romildo e Nívio Cantarelli; o segundo, dedicado à Cafeteira Bradaschia (conhecida como Bule Batatais) e à história de sua tradição na Casa; e, por fim, a reapresentação da obra site-specific

“Sonho em Metros”, da artista visual Weimar Amorim, exibida na primeira edição da “Exposição de Arte Contemporânea” no Museu Casa da Memória Italiana.

As exposições realizadas pelo museu contam, ainda, com uma programação paralela composta

por bate-papos com os artistas e pesquisadores, oficinas artísticas educativas e outras atividades formativas. Essas ações complementam a experiência do público, fortalecendo o diálogo entre arte, história, comunidade e pertencimento, ampliando o potencial educativo e reflexivo das mostras.

11.4 Com foco no público infantil

Ainda sobre os públicos e projetos que se expandem para além do território físico do Museu Casa, a equipe gestora e educativa, movida pela inquietação de observar não apenas quais são os públicos da instituição, mas também quais não frequentam o local, identificou uma lacuna significativa. Notou-se que, como já sugerem diversos estudos recentes, a primeira infância não tem presença expressiva nos museus.

Como resposta a esse diagnóstico, em agosto de 2024 foi lançado o livro infantil *A Casa que Queria Ser Museu*. Escrito por Mônica Oliveira (co-gestora do Museu Casa da Memória Italiana) e Adriana Silva (diretora administrativa do Instituto Casa da Memória Italiana) com ilustrações de Beth Garcia e Dandara Martins, a publicação apresenta uma deliciosa e comovente história sobre uma casa que desejava ser lembrada, mesmo com o passar do tempo. Depois de existir por noventa anos, seu desejo se torna realidade, e uma nova forma de vida passa a habitar sua estrutura. Voltado para a primeira infância (0 a 6 anos), o livro propõe discutir questões importantes como sonhos, identidade, projeto de vida, vida e morte, entre outros temas — além de aproximar o público infantil do universo dos museus.

A ação comemorou os 10 anos do Museu na 2ª edição do projeto “Museu Literário” e integrou a programação em homenagem aos 150 anos da Imigração Italiana no Brasil, promovida pelo MCMI na 23ª edição da Feira Internacional do Livro e Leitura de Ribeirão Preto.



11.5 O legado do museu e um avanço para o futuro

O Museu Casa da Memória Italiana foi e continua sendo estudado em diversos campos disciplinares, como no âmbito da História da Arte, da Museologia, da História e do Patrimônio. A tese de Karin Magnavita de Carvalho⁶⁵, apresentada na Universidade de São Paulo (USP), envolveu o Museu-casa como uma das residências estudadas que apresentam heranças do imigrante italiano no Brasil. Em outra tese, pela Museologia Social em Lisboa, o pesquisador Rodrigo Touseiro Dias Lopes⁶⁶ analisou o contexto dos museus históricos da região imediata de Ribeirão Preto. Na dissertação apresentada na Universidade do Porto, Nicole Aparecida Santos Abbondanza Toth⁶⁷ analisou a instituição na perspectiva do contexto histórico e do conceito Cidades Criativas. Em seu estudo de doutorado, a pesquisadora Alice Registro Fonseca analisa a transformação da casa em museu e como a preservação da ambiên-

cia colabora para o reconhecimento e a interpretação das italianidades no interior paulista.

Pode-se verificar, nesse panorama acadêmico, a relevância do Museu Casa da Memória Italiana diante do contexto museal, mantendo-se em constante ativação no meio, seja participando em eventos regionais e até internacionais. Destacam-se as comunicações de suas ações museológicas, em especial das interpretações do acervo nos “Encontros Brasileiros de Palácios, Museus Casas e Casas Históricas”, “Encontro Paulista de Museus” e nas Conferências Gerais do Conselho Internacional de Museus-(Icom).

Na tentativa de compreender o museu na contemporaneidade, os estudos recentes na Museologia compartilham a ideia da mudança de atitude, olhando para além das coleções, e concentrando em suas relações com as pessoas. As articulações das narrativas entre os objetos de



Oficina de colagem com a artista Yolanda Cipriano (2018).

museus e os indivíduos criam movimentos da imaginação e provocam interesse na mediação entre tempos e mundos diferentes.

O legado ancestral da imigração italiana encontra outras culturas, na terra vermelha da região de Ribeirão Preto⁶⁸. Essa miscigenação, alinhada ao sentimento de pertencimento ao território, contribuiu para motivar a criação do Museu-casa. Portanto, a bagagem cultural, de quem chegou e quem se fixou nesta localidade, torna-se elemento central para as ações de pesquisa, comunicação e preservação do Museu Casa da Memória Italiana.

Experiências memoráveis e significativas entre o público e o patrimônio mostram como as interações podem contribuir para a aproximação com o Museu-casa. Revelam-se estratégias positivas para reforçar a sensação de estar conectado e integrar-se às culturas dessa localidade.

Partindo da presença da palavra “casa” na tipologia museológica, no nome da instituição e no uso original de sua sede, e atento às urgências dos cenários sociais e culturais contemporâneos, o Museu Casa da Memória Italiana, desde sua criação, vem passando por um processo de transição: de um espaço de acesso privado e restrito, ligado ao ambiente familiar, para um lugar de acolhimento da sociedade em geral. Sem abrir mão da preservação de sua sede como patrimônio cultural e histórico, o Museu busca, com base em suas características específicas — ainda que diversas —, oferecer acolhimento, promover identidade e gerar identificação. Faz isso revisitando memórias e estimulando a criação de novas, por meio de vivências e pesquisas guiadas pela história, pelo patrimônio, pela educação formal e não formal, e, sobretudo, por uma cultura plural e inclusiva.



Visita infantil nas férias do Museu (2023) .



Visita infantil nas férias do Museu (2025). Foto: Mari Ambrósio.

Notas texto 4 - A casa, a imigração e a transformação urbana

¹LAGES, J. A. Ribeirão Preto revisitada. Ribeirão Preto: Nova Enfim Gráfica e Editora, 2016.

²Ibid.

³LAGES, J. A. Ribeirão Preto revisitada. Ribeirão Preto: Nova Enfim Gráfica e Editora, 2016.

⁴FREITAS, N. M. B. de. Rivi Nigri: a criação da diocese na nova Eldorado. Coleção Nossa História, n. 2. Ribeirão Preto: Fundação Instituto do Livro, 2011.

⁵Ibid.

⁶BERMAN, M. Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2007.

⁷SILVA, A. C. B. da. Expansão urbana e formação dos territórios de pobreza em Ribeirão Preto: os bairros surgidos a partir do núcleo colonial Antônio Prado. 2008. Tese (Doutorado) – Curso de Ciências Sociais, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2008.

⁸Ibid.

⁹SOUZA, Sérgio Luiz de. (Re)vivências negras: entre batuques, bailados e devoções. Práticas culturais e territórios negros no interior paulista (1910-1950). Ribeirão Preto: Edição do Autor, 2007.

¹⁰TUON, L. I. Italianos em Ribeirão Preto. Coleção Identidades Culturais, n. 3. Ribeirão Preto: Fundação Instituto do Livro, 2010.

¹¹Ibid.

¹²Ibid.

¹³CALSANI, R. de A. O imigrante italiano nos corredores dos cafezais: cotidiano econômico na Alta Mogiana (1887-1914). 2010. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Franca, 2010.

¹⁴SANTOS, R. A. M. dos; MEIRELLES, M. Z. Família Souza Meirelles – estudo genealógico. Valinhos: Gráfica São José, 1992

¹⁵MELLO, R. C. de. Um “coronel de saias” no interior paulista: a “Rainha do Café” em Ribeirão Preto (1896-1920). 2009. Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Franca, 2009.

¹⁶BIAGI, L. L. A família Biagi: os primeiros cem anos, 1888-1988. São Paulo: Laserprint, 1987.

¹⁷LOPES, M. A. S. Memórias: casa da rua Tibiriçá, 776. Coleção interna do Museu Casa da Memória Italiana, 2014.

Notas texto 5 - Das raízes às lembranças: famílias brasileiras de origem italiana

¹⁸ Esse texto foi escrito a partir de depoimentos em vídeo de: Tânia Registro; Regina Machado de Souza; Francisco Machado de Souza; Maria Cecília Machado de Souza Proença; Ida Biagi Scatena; Iris Biagi Gabarra; Maria Amélia Biagi Cruz; Maurilio Biagi Filho; Maria Augusta Scatena Lopes; Edilah de Faria Lacerda Biagi; Nilton Campos; Giulia Grippa; Maria Elízia Borges; Alice Registro Fonseca.

Notas texto 6 - Força Italiana: histórias de famílias, trajetórias e legados

¹⁹ As entrevistas deste trabalho foram colhidas em 2020. O livro “Força Italiana” foi lançado em 2023. Em 2024, a Casa da Memória Italiana realizou a exposição “Força Italiana”, inspirada na obra.

Notas texto 7 - A casa e sua arquitetura: Uma referência a ser preservada

²⁰ Meneses, 2006, p.37.

²¹ Lemos, 2006.

²² Id.

Notas texto 8 - Ribeirão Preto e a arquitetura italiana: as trocas culturais que construíram uma cidade em transformação

²³ Os dados sobre o Arquivo Público e Histórico de Ribeirão Preto (APHRP) foram produzidos durante pesquisa de doutoramento, entre os anos 2016 e 2020, no Instituto de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (USP). Ressaltamos que nenhum material se encontrava digitalizado e que todos os processos consultados foram doados, para a instituição,

catalogados e digitalizados, e estão disponíveis para consulta pública. A tese intitulada “Casa e documentação: a história contada através de um acervo de projetos” pode ser consultada na Biblioteca de Teses da USP.

²⁴ Sobre o início da formação do Crea e a mudança no cenário da atuação profissional ao longo da década de 1930, consultar FICHER, Silvia. Os arquitetos da Poli: ensino e profissão em São Paulo. São Paulo: Edusp, 2005.

²⁵ BORTOLUCCI, Maria Ângela Pereira de Castro Silva. Moradias urbanas construídas em São Carlos no período cafeeiro. 1991. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) — Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1991.

²⁶ FERREIRA, Camila Corsi. Arquitetura residencial urbana: Espírito Santo do Pinhal, 1880-1930. 2010. Dissertação (Mestrado em Teoria e História da Arquitetura e do Urbanismo) - Escola de Engenharia de São Carlos, Universidade de São Paulo, São Carlos, 2011.

²⁷ REZENDE, Natalia Capellari. A cidade de São José do Rio Pardo e as moradias do Centro Histórico (1865-1940). 2019. Dissertação (Mestrado em Teoria e História da Arquitetura e do Urbanismo) – Instituto de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Carlos, 2019.

²⁷ Sobre o ecletismo consultar: PATETTA, L. L'architettura dell'eclettismo: fonti, teorie, modelli 1750-1900. Milano. Maggioli Editore, 2007.

²⁸ Gleria Lima (2020).

²⁹ Outros arquitetos, engenheiros e construtores italianos de Ribeirão Preto e de todo o estado de São Paulo, pode ser consultado na plataforma: <https://arquititalianasaopaulo.iau.usp.br/>. O projeto “Plataforma on-line: Arquitetura italiana no Estado de São Paulo (1890-1950)”, foi contemplado no Edital de Chamamento Público no 006/2021, teve o fomento do 42 CAU/SP e realizou exposição itinerante com palestras em cidades de todo o estado, entre os anos de 2022 e 2023.

³⁰ BORGES, Maria Elisa. A pintura na “Capital do café”: sua história e evolução no período da Primeira República. Franca: Editora da Unesp, 1999. BORGES, Maria Elisa. Arte funerária no Brasil (1890-1930): ofício de marmoristas italianos em Ribeirão Preto. Belo Horizonte: Editora C/ Arte, 2002.

³¹ Para ler mais sobre a arquitetura eclética consultar: SALGUEIRO, Heliana. A casaca do Arlecrim: Belo Horizonte, uma capital eclética do Século XIX. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; Belo Horizonte: Editora UFMG, 2020.

³² Disponíveis no acervo do APCR.

³³ Sobre a ornamentação de chalés na arquitetura brasileira, consultar: CAMPOS, Eudes. Chalés paulistanos. An. mus. paul., São Paulo, v. 16, n. 1, jun. 2008. e VERÍSSIMO, Francisco Salvador; BITTAR, William Seba Mallmann. 500 anos da casa no Brasil. Rio de Janeiro: Ediouro, 1999.

³⁴ Segundo Livro da Hospedaria dos Imigrantes (Registro no livro 025, p.292) e acervo do Crea (Carteira profissional no ano de 1869). Segundo Pareto Jr. (2016, p. 242) Aristides Finotti foi licenciado pela Prefeitura Municipal de São Paulo como arquiteto e também mantinha um endereço profissional na capital, na rua Vergueiro.

³⁵ Raffaele Schettini foi citado no livro “Lo Stato di San Paolo nel Cinquantenario dell'Immigrazione” (1937, p.452-461), como engenheiro civil e, ainda, no livro de Registro da Hospedaria de Imigrantes, em que consta sua chegada em 11/7/1893, sozinho, no vapor Bretagne (livro 042, p. 055)

³⁶ Livro de Registro Definitivo nº 6, Carteira profissional nº 1033.

³⁷ Para mais informações sobre Vicente Lo Giudice, consultar: VILLELA, Ana Teresa Cirigliano. Arquitetura italiana em Ribeirão Preto: o legado de Vincenzo Lo Giudice. In: VII ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUITETURA E URBANISMO, 2022, Anais [...], São Carlos. Rio de Janeiro: Anparq, 2022, v. 3., p. 135-154.

³⁹ Para mais informações sobre Vicente Lo Giudice, consultar: VILLELA, Ana Teresa Cirigliano. Arquitetura Italiana em Ribeirão Preto: o legado de Vincenzo Lo Giudice. In: VII ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUITETURA E URBANISMO, 2022, Anais [...], São Carlos. Rio de Janeiro: ANPARQ, 2022, v. 3. p. 135-154.⁴¹ Sobre o Edifício Diederichsen, consultar: GASPAR, Tatiana de Souza. Edifício Diederichsen: concepção e trajetória. 2022. Tese (Doutorado em Teoria e História da Arquitetura e do Urbanismo) - Instituto de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Carlos, 2022.

⁴⁰ ARQUITETURA E URBANISMO, 2022, Anais [...], São Carlos. Rio de Janeiro: ANPARQ, 2022, v. 3. p. 135-154.⁴¹ Sobre o Edifício Diederichsen, consultar: GASPAR, Tatiana de Souza. Edifício Diederichsen: concepção e trajetória. 2022. Tese (Doutorado em Teoria e História da Arquitetura e do Urbanismo) - Instituto de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Carlos, 2022.

⁴¹ Salmoni e Debenedetti (2007, p. 107).

⁴² Salvatore (2015, p. 83).

⁴³ Lira (2011, p. 354-361).

⁴⁴ Gleria Lima (2020, p. 261).

⁴⁵ Burke (2010, p. 31-50).

⁴⁶ Gleria Lima (2020, p.316).

⁴⁷ Sobre o bangalô, consultar: LANCASTER, Clay. *The American Bungalow, 1880-1930*. New York: Abbeville Press, 1985.

⁴⁸ Sobre a arquitetura neocolonial, consultar: KESSEL, Carlos. *Arquitetura neocolonial no Brasil: entre o pastiche e a modernidade*. Rio de Janeiro: Jauá Editora, 2008 e PINHEIRO, Maria Lúcia Bressan. *Neocolonial, modernismo e preservação do patrimônio no debate cultural dos anos 1920 no Brasil*. São Paulo, 2011.

⁴⁹ Gleria Lima (2017).

⁵⁰ Sobre o art-déco consultar: MAENZ, P. *Art Déco: 1920-1940*. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 1974.

⁵¹ Schlee (1993, p.110).

⁵² Segundo livro de Registro da Hospedaria de Imigrantes (Registro no livro 19, p.78).

⁵³ A discussão abordada neste trecho integra a pesquisa de pós-doutorado em andamento na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (FAU/USP), intitulada "Sig Histórico Ribeirão Preto: arqueologia da paisagem por meio do acervo de obras particulares do arquivo público e histórico municipal", sob orientação da Profa. Beatriz Piccolotto Siqueira Bueno. No estudo, busca-se compreender a construção histórica e espacial da cidade a partir de documentos arquivísticos, contribuindo para o campo da arqueologia da paisagem.

Notas texto 12 - A casa e o museu-casa

⁵⁴ CARVALHO, Ana Cristina (org.). *Museus-casas históricas no Brasil*. São Paulo: Curadoria do Acervo Artístico-Cultural dos Palácios do Governo do Estado de São Paulo, 2013.

⁵⁵ SCARPELINE, Rosaelena. Lugar de morada versus lugar de memória: a construção museológica de uma Casa Museu. *Revista Musear*, ano 1, n. 1, p. 77-91, jun. 2012.

⁵⁶ FONSECA, Alice Registro; UZEDA, Helena Cunha de. As representações da memória italiana em exposições no Museu Casa de Portinari e no Museu Casa da Memória Italiana. In: *ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO - ENANCIB 24: GT 9 – Museu, Patrimônio e Informação*. Vitória: Ancib, PPGCI/Ufes, Anais [...], 2025.

⁵⁷ TRUZZI, Oswaldo. *Italianidades no interior paulista: percursos e descaminhos de uma identidade étnica (1880-1950)*. São Paulo: Editora Unesp, 2016.

⁵⁸ BERTONHA, João Fábio. *Os italianos*. São Paulo: Contexto, 2018.

⁵⁹ TRENTO, Angelo. *Do outro lado do Atlântico: um século de imigração italiana no Brasil*. São Paulo: Editora Unesp, 2022.

⁶⁰ Entrevista realizada no dia 24 de setembro de 2014 durante evento de apresentação à imprensa.

⁶¹ LONGO, Viviane (org.) *Plano museológico museu casa da memória italiana*. Ribeirão Preto, 2018.

⁶² VICHNEWSKI, Henrique Telles (org.); MALVASSORE, Felipe; SBERNI JÚNIOR, Cleber; CRUZ, Eduardo Felipe Cangemi da. *Dossiê tombamento museu casa da memória italiana*. Ribeirão Preto, 2021.

⁶³ RANGEL, Márcio Ferreira. A museologia no mundo contemporâneo. *Ciência da Informação*. Brasília, DF, v. 42, n.3, set./dez. 2013, p. 408-418

⁶⁴ PLUVIANO, Olivieiro. *Nonni di São Paulo: memórias e histórias vivas de imigrantes italianos*. São Paulo: Editora de Cultura, 2021.

⁶⁵ CARVALHO, Karin Magnavita de. *Da casa ao museu-casa: heranças dos imigrantes italianos no Brasil*. [tese] Programa de Pós-graduação Interunidades em Estética e História da Arte, São Paulo, 2018.

⁶⁶ LOPES, Rodrigo Touse Dias. *Entre paisagens: história local e comunicação museológica no nordeste paulista*. 2023. Tese (Doutorado em Museologia) – Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias (ULHT), Portugal.

⁶⁷ TOTH, Nicole Aparecida Santos Abbondanza. *A cidade criativa e o patrimônio cultural: a Casa da Memória Italiana em Ribeirão Preto/SP, Brasil*. 2016. Dissertação (Mestrado em História e Patrimônio - Mediação Patrimonial) - Faculdade de Letras, Universidade do Porto, 2016.

⁶⁸ TUON, Liamar Izilda. *Italianos em Ribeirão Preto*. Ribeirão Preto: Fundação Instituto do Livro, 2010.

Referências

- BERMAN, M. **Tudo que é sólido desmancha no ar**: a aventura da modernidade. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2007.
- BERTONHA, João Fábio. **Os italianos**. São Paulo: Contexto, 2018.
- BIAGI, L. L. **A família Biagi**: os primeiros cem anos, 1888-1988. São Paulo: Laserprint, 1987.
- BORGES, Maria Elisa. **A pintura na “capital do café”**: sua história e evolução no período da primeira república. Franca: Editora da Unesp, 1999.
- BORGES, Maria Elisa. **Arte funerária no Brasil (1890-1930)**: ofício de marmoristas italianos em Ribeirão Preto. Belo Horizonte: Editora C/ Arte, 2002.
- BURKE, Peter. **Hibridismo cultural**. Madrid: Akal Ediciones, 2010.
- CALSANI, R. de A. **O imigrante italiano nos corredores dos cafezais**: cotidiano econômico na Alta Mogiana (1887-1914). 2010. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Franca, 2010
- CARVALHO, Ana Cristina (org.). **Museus-casas históricas no Brasil**. São Paulo: Curadoria do Acervo Artístico-Cultural dos Palácios do Governo do Estado de São Paulo, 2013.
- CARVALHO, Karin Magnavita de. **Da casa ao museu-casa**: heranças dos imigrantes italianos no Brasil [tese] Programa de Pós-graduação Interunidades em Estética e História da Arte, São Paulo, 2018
- FONSECA, Alice Registro; UZEDA, Helena Cunha de. **As representações da memória italiana em exposições no Museu Casa de Portinari e no Museu Casa da Memória Italiana**. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO - ENANCIB 24: GT 9 – Museu, Patrimônio e Informação. Vitória - ES: Ancib, PPGCI/Ufes, Anais [...], 2025.
- FREITAS, N. M. B. de. **Rivi Nigri: a criação da diocese na nova Eldorado**. Coleção Nossa História, n. 2. Ribeirão Preto: Fundação Instituto do Livro, 2011.
- GLERIA LIMA, Ana Carolina. **Casa e documentação: a história contada através de um acervo de projetos**. 2020. Tese (Doutorado em Teoria e História da Arquitetura e do Urbanismo) – Instituto de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Carlos, 2020.
- GLERIA LIMA, Ana Carolina. **O neocolonial como identidade na arquitetura residencial de Ribeirão Preto**. In: A LÍNGUA QUE HABITAMOS: SEMINÁRIO INTERNACIONAL: ACADEMIA DE ESCOLAS DE ARQUITECTURA E URBANISMO DE LÍNGUA PORTUGUESA, 4., 2017. Anais [...]. Belo Horizonte: [s. n.], 2017.4
- LAGES, J. A. **Ribeirão Preto revisitada**. Ribeirão Preto: Nova Enfim Gráfica e Editora, 2016.
- LEMONS, Carlos Alberto Cerqueira. **Alvenaria burguesa**: breve história da arquitetura residencial de tijolos em São Paulo a partir do ciclo econômico liderado pelo café. São Paulo: Nobel, 1989.
- LIRA, José Tavares Correia. **Arquitetos estrangeiros, a arquitetura no estrangeiro e a história**. In: LANNA, Ana Lúcia Duarte et al. (org.). São Paulo, os estrangeiros e a construção das cidades. São Paulo: Alameda, 2011.
- LONGO, Viviane (org.) **Plano museológico museu casa da memória italiana**. Ribeirão Preto, 2018.
- LOPES, M. A. S. **Memórias**: casa da rua tibiriçá, 776. Coleção interna do Museu Casa da Memória Italiana, 2014.
- LOPES, Rodrigo Touse Dias. **Entre paisagens: história local e comunicação museológica no nordeste paulista**. 2023. Tese (Doutorado em Museologia) – Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, ULHT, Portugal.
- MELLO, R. C. de. **Um “coronel de saias” no interior paulista**: a “rainha do café” em Ribeirão Preto (1896-1920). 2009. Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Franca, 2009.

MACAMBIRA, Yvoty. **Os mestres da fachada**. São Paulo: Centro Cultural São Paulo, 1981.

MAENZ, Paul. **Art Déco: 1920-1940**. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 1974.

PARETO Jr., Lindener. **Pândegos, rábulas, gamelas**: os construtores não diplomados entre a engenharia e a arquitetura (1890-1960). 2016. Tese (Doutorado em História e Fundamentos da Arquitetura e do Urbanismo) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016.

PISANI, S. **Lo Stato di San Paolo nel Cinquentenario dell'Immigrazione**. San Paolo, 1937.

PLUVIANO, Olivieiro. **Nonni di São Paulo: memórias e histórias vivas de imigrantes italianos**. São Paulo: Editora de Cultura, 2021.

RANGEL, Márcio Ferreira. **A museologia no mundo contemporâneo**. Ciência da Informação. Brasília, DF, v. 42, n.3, set./dez. 2013, p. 408-418

RIBEIRÃO PRETO. Câmara Municipal. Relatório referente ao ano de 1919 apresentado pelo Presidente da Câmara João A. Meira Júnior. Ribeirão Preto: Typographia da Casa Selles, 1920.

ROSA, L. R. O.; REGISTRO, T. C. **Ruas e caminhos**: um passeio pela história de Ribeirão Preto. Ribeirão Preto: Padre Feijó, 2007.

ROTELLINI, Vitaliano. **Il Brasile e gli italiani**. São Paulo: Fanfulla, 1906.

SÁ, MANAIA & Cia. **Almanach Ilustrado de Ribeirão Preto**. Estatístico, Histórico, Industrial, Commercial, Agrícola, Literário, Informações e Variedades. Primeiro Anno de Publicação. Ribeirão Preto: Typ, do Almanach – Sá, Manaia & Cia., 1913.

SALMONI, Anita; DEBENEDETTI, Emma. **Arquitetura italiana em São Paulo**. São Paulo: Perspectiva, 1981.

SALVADORE, Waldir. **Italiano e nosso**: Felisberto Ranzini e o estilo florentino. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2015.

SANTOS, R. A. M. dos; MEIRELLES, M. Z. **Família Souza Meirelles** – Estudo Genealógico. Valinhos: Gráfica São José, 1992.

SCARPELINE, Rosaelena. **Lugar de morada versus lugar de memória**: a construção museológica de uma Casa Museu. Revista Musear, Ano 1, n. 1, p. 77-91, jun. 2012.

SCHLEE, Andrey Rosenthal. **O ecletismo na arquitetura pelotense até as décadas de 30 e 40**. Dissertação (Mestrado em Arquitetura) – Departamento de Arquitetura, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Rio Grande do Sul, 1993.

SILVA, A. C. B. da. **Expansão urbana e formação dos territórios de pobreza em Ribeirão Preto**: os bairros surgidos a partir do núcleo colonial Antônio Prado. Tese (Doutorado) – Curso de Ciências Sociais, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2008.

SOUZA, Sérgio Luiz de. **(Re)vivências negras**: entre batuques, bailados e devoções. Práticas culturais e territórios negros no interior paulista (1910-1950). Ribeirão Preto: Edição do Autor, 2007.

TOTH, Nicole Aparecida Santos Abbondanza. **A cidade criativa e o patrimônio cultural**: a Casa da Memória Italiana em Ribeirão Preto/SP, Brasil. Dissertação (Mestrado em História e Patrimônio - Mediação Patrimonial) - Faculdade de Letras, Universidade do Porto, 2016.

TRUZZI, Oswaldo. **Italianidades no interior paulista**: percursos e descaminhos de uma identidade étnica (1880-1950). São Paulo: Editora Unesp, 2016.

TRENTO, Ângelo. **Do outro lado do Atlântico**: um século de imigração italiana no Brasil. São Paulo: Editora UNESP, 2022.

TUON, L. I. **Italianos em Ribeirão Preto**. Coleção Identidades Culturais, n. 3. Ribeirão Preto: Fundação Instituto do Livro, 2010.

VICHNEWSKI, Henrique Telles (org.); MALVASSORE, Felipe; SBERNI JÚNIOR, Cleber; CRUZ, Eduardo Felipe Cangemi da. **Dossiê tombamento museu casa da memória italiana**. Ribeirão Preto, 2021.

